BRASILIA

BIBLIOTHECA

DOS MELHORES AUCTORES NACIONAES ANTIGOS E MODERNOS

A. GONÇALVES DIAS

I

Antonio Gonçalves Dias

POESIAS

DE

A. GONÇALVES DIAS

NOVA EDIÇÃO

ORGANIZADA E REVISTA

POR

J. NORBERTO DE SOUZA SILVA

E

PRECEDIDA DE UMA NOTICIA SOBRE O AUTOR

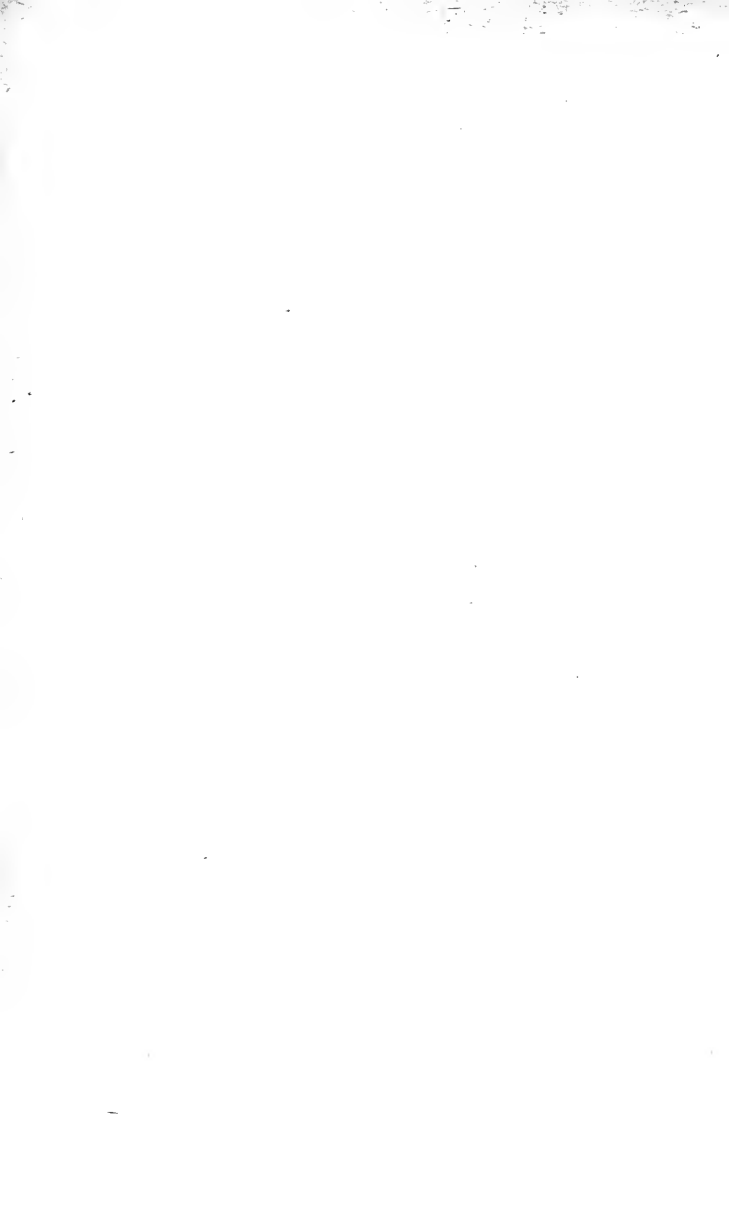
E SUAS OBRAS

PELO CONEGO DOUTOR FERNANDES PINHEIRO

TOMO I

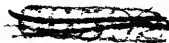
LIVRARIA GARNIER

109, RUA DO OUVIDOR, 109
RIO DE JANEIRO

6, RUE DES SAINTS-PÈRES, 6
PARIS

PREFACIO DA SETIMA EDIÇÃO

Publicou Gonçalves Dias os seus *Primeiros, Segundos e Ultimos Cantos* divididos em *Poesias diversas*, *Poesias americanas*, *Visões*, *Hymnos* e *Sextilhas de Frei Antão*.

Tendo de rever a presente edição, pareceu-me melhor dar-lhe uma fórma mais methodica, e assim reuni todas as *Poesias diversas* no 1º volume desta collecção, e bem assim os *Hymnos* que se achavão derramados pelos tres sobreditos volumes publicados em sua vida. Deixei para o 2º volume as *Visões*, as *Poesias americanas*, os *Timbyras* e as *Sextilhas de Frei Antão*, que tambem andavam estramalhadas. Não me atrevi a mais, e conservei-as na ordem em que as collocára o seu illustre auctor e meu saudoso e nunca assaz chorado amigo, e consocio do Instituto historico.

Como a quinta edição, vae esta precedida da noticia que sobre a vida e obras do autor escreveu o conego doutor Fernandes Pinheiro, que a morte acaba de roubar ás letras brazileiras.

Reproduzirei aqui as palavras com que o auctor precedeu as diversas edições de seus *Cantos*.

Eis aqui o prologo da primeira edição dos *Primeiros Cantos* :

« Dei o nome de « *Primeiros Cantos* » ás poesias que agora publico, porque espero que não serão as ultimas.

» Muitas dellas não tem uniformidade nas estrophes, porque menosprêzo regras de mera convenção; adoptei todos os rhythmos da metrificação portugueza, e usei delles como me parecêrão quadrar melhor com o que eu pretendia exprimir.

» Não tem unidade de pensamento entre si, porque forão compostas em épochas diversas — debaixo de céo diverso — e sob a influencia de impressões momentaneas. Forão compostas nas margens viçosas do Mondego e nos pincaros ennegrecidos do Gerez — no Douro e no Tejo — sobre as vagas do Atlantico, e nas florestas virgens da America. Escrevi-as para mim, e não para os outros; contentar-me-hei, se agradarem; e se não... é sempre certo que tive o prazer de as ter composto.

» Com a vida isolada que vivo, gosto de afastar os olhos de sobre a nossa arena politica para lêr em minha alma, reduzindo á linguagem harmoniosa e cadente o pensamento que me vem de improviso, e as ideias que em mim desperta a vista de uma paisagem ou do oceano — o aspecto emfim da natureza. Casar assim o pensamento com o sentimento — o coração com o entendimento — a ideia com a paixão — colorir tudo isto com a imaginação, fundir tudo isto com a vida e com a natureza, purificar tudo com o sentimento da religião e da divindade, eis a Poesia — a Poesia grande e santa — a Poesia como eu a comprehendo sem a poder definir, como eu a sinto sem a poder traduzir.

» O esforço — ainda vão — para chegar a tal resultado é sempre digno de louvor; talvez seja este o só mereci-

mento deste volume. O Publico o julgará; tanto melhor se elle o despreza, porque o Auctor interessa em acabar com essa vida desgraçada, que se diz de Poeta. »

Rio de Janeiro — Julho de 1846.

Reimprimindo os seus *Primeiros Cantos* em Lipsia no anno de 1857, disse :

« A collecção de poesias, que agora reimprimo, vai illustrada com algumas linhas de A. Herculano, a que devo a maior satisfação que tenho até hoje experimentado na minha vida litteraria.

» Merecer a critica de A. Herculano, já eu consideraria como bastante honroso para mim; uma simples menção do meu primeiro volume, rubricada com o seu nome, desejava-o de certo; mas esperal-o, seria de minha parte demasiada vaidade.

» Ora, em vez da critica inflexivel, que eu devêra, mas não ousava receiar; em vez da simples noticia do apparecimento de um volume, que não seria de todo ruim, pois que teria merecido occupar a sua attenção; o illustre escriptor pqz por alguns momentos de parte a severidade que tem direito de usar para com todos, quando é tão severo para comsigo mesmo, — e, benevolamente indulgente, dirigio-me algumas linhas, que me fizerão comprehender quão alto eu reputava a sua gloria na plenitude de contentamento, de que as suas palavras me deixárão possuido.

» O escriptor conhecia-o eu ha muito, mas de nome e pelas suas obras : essas obras que todos nós temos lido, e esse nome que eu sempre ouvira pronunciar com admiração e respeito.

» Se pois, n'aquella occasião, me fosse dado escolher auctor para esse artigo, não podia recahir em outro a minha escolha. Hoje, com mais razão. Tive ensejo de o

conhecer pessoalmente, e a fortuna de encontrar nelle um d'aquelles poucos, d'alta intelligencia, que não perdem em serem admirados de perto, e cuja amizade se pode ambicionar como um thesouro : fortuna, digo, porque o é de certo, quando se admira o escripto, que se possa ao mesmo tempo estimar o escriptor; e ainda maior fortuna, quando queremos manifestar o nosso reconhecimento, que nos não remorda a consciencia, prevenindo-nos, de que ainda quando digamos mais do que a verdade, ficaremos sempre áquem do que devemos.

» Ahi vai o artigo tal qual o transcreveu e remetteu-me de Lisboa o meu bom amigo Gomes de Amorim :

» Bem como a infancia do homem, a infancia das nações é vivida e esperançosa; bem como a velhice humana, a velhice dellas é tediosa e melancholica. Separado da mãe patria, menos pela serie de acontecimentos inopinados, a que uma observação superficial lhe atribue a emancipação, do que pela ordem natural do progresso das sociedades, o Brazil, imperio vasto, rico, destinado pela sua situação, pelo favor da natureza, que lhe fadou a opulencia, a representar um grande papel na historia do novo mundo, é a nação infante que sorri : Portugal é o velho aborrido e triste, que se volve dolorosamente no seu leito de decrepidez ; que se lamenta de que os raios do sol se tornassem frouxos, de que se encurtassem os horisontes da esperança, de que um crepe funebre vele a face da terra. Perguntai, porém, ao povo infante, que cresce e se fortifica além dos mares, que se atira ridente pelo caminho da vida, se é verdade isso que diz o ancião na tristeza do seu vegetar inerte e que, encostado na borda do tumulo, deplora, pobre tonto, o mundo que vai morrer!

» Em Portugal, os espiritos que o antigo poeta designou pelo epitheto de *bem nascidos;* aquelles que ainda tentão esquivar-se no sanctuario da sciencia ou da poesia ao pégo da podridão dissolvente que os cerca, no meio dos seus generosos esforços chegão a illudir a Europa com essas aspi-

rações do futuro, que tambem nelles não são mais do que uma illusão. As suas tentativas quasi fazem acreditar que para esta nação moribunda ainda resta uma esperança de regeneração; que nas veias varicosas deste corpo semi-cadaver de novo se vai injectar sangue puro; que temos ainda algum destino a cumprir antes de nos amortalharmos no estandarte de D. João I ou na bandeira de Vasco da Gama, e de irmos emfim repousar no cemiterio da historia. O desengano chega, porém, em breve. O talento que forcejava por fugir do lethargo febril que nos consome, retrocede ao entrar no templo, e volve ao lodaçal onde agonisamos. É que a turba que ahi se debate, ou o apupa, ou lhe arroja adiante tropeços, ou o corrompe com dadivas e promessas; e fallando-lhe ás paixões más, ás ambições insensatas, lhe clama: vem reforcillar-te no lodo. E, desanimado ou tentado, o talento despenha-se, e atufando-se no charco, acceita as lisonjas ou o oiro immundo, que lhe atirão, embriaga-se com os outros perdidos, e renega da missão sacrosanta, que se lhe destinára no ceu.

» Que é feito de tantos engenhos que despontárão nesta nossa terra desde que a imprensa libertada chamou os que sentião chamejar em si um espirito não vulgar ao convivio das intelligencias? Que é feito dessas tres ou quatro épochas em que, nos ultimos quinze annos, a mocidade parecia querer deixar inteiramente aos pequeninos homens grandes do paiz o agitarem-se, o morderem-se, o devorarem-se ácêrca dos graves interesses, das profundas questões das bolhas de sabão politicas? Que é feito dessa phalange ardente, ambiciosa de uma gloria pura, que principiava a exercitar-se nas lides do entendimento! De tudo isso, de toda essa mocidade brilhante e esperançosa que resta? Algum crente solitario, que deplora em silencio a queda de tantos archanjos. Os outros sacerdotes, apostatando da religião das lettras, attirárão-se á arena das facções, e manchados pela baba dos odios civís, cobertos da lama das praças, arroxeados e sanguentos pelas punhadas do pugilato politico,

desbaratando em esforços estereis a seiva interior, lá vão disputando no meio de homens, gastos como a effigie de velha moeda, sobre qual ha de ser a forma do ataúde, e como se talhará a mortalha, em que o cadaver de Portugal deve descer á sepultura. Que outra coisa, de feito, ha ahi sobre que se dispute ainda?

» Por isso, quando vejo começar a surgir entre nós um novo poeta; quando oiço a primeira harmonia que sussurra nas cordas da lyra noviça, quizera poder chegar-me escondidamente ao descuidado e inexperiente cantor, e dizer-lhe ao ouvido : Cala-te, alma virgem e bella; cala-te, que estás n'um prostibulo! Olha que *elles* não te oução! Se o teu hymno reboar por essas torpes alcovas, sabe que pouco tardará a hora de te prostituires.

» O poeta portuguez d'hoje é a avezinha que enlevada nos seus gorgeios se balança depois do pôr do sol no ramo do ulmeiro pendente sobre o rio. As outras voárão para os seus ninhos, e ella deixou vir a noite, e ficou alli, triste, só, desconsolada, soltando a espaços um doloroso pio.

» Poeta, n'esta terra é noite! Porque não te acolheste ao teu ninho? Agora o que te resta é morrer. Vai abrigar-te entre os orbes ; vai derramar em canções a tua alma no seio immenso de Deos. Ahi é que sempre é dia.

» Nós somos hoje o hilota embriagado, que se punha defronte da meza nas philitias de Esparta, para servir de lição de sobriedade aos mancebos. O Brazil é a moderna Esparta, de que Portugal é a moderna Helos.

» Estas amarguradas cogitações surgiram-me na alma com a leitura de um livro impresso o anno passado no Rio de Janeiro, e intitulado : *Primeiros Cantos : Poesias por A. Gonçalves Dias.* N'aquelle paiz de esperanças, cheio de viço e de vida, ha um ruido de lavor intimo, que sôa tristemente cá, n'esta terra onde tudo acaba. A mocidade, despregando o estandarte da civilisação, prepara-se para os seus graves destinos pela cultura das lettras; arroteia os campos da intelligencia; aspira as harmonias dessa natu-

reza possante que a cerca; concentra n'um foco todos os raios vivificantes do formoso céu que a illumina; prova forças emfim para algum dia renovar pelas ideias a sociedade, quando passar a geração dos homens *praticos e positivos*, raça que lá deve predominar ainda, porque a sociedade brazileira, vergontea separada ha tão pouco da carcomida arvore portugueza, ainda necessariamente conserva uma parte do velho cepo. Possa o renovo dessa vergontea, transplantada da Europa para entre os tropicos, prosperar e viver uma bem longa vida, e não decahir tão cedo como nós decahimos!

» É geralmente sabido que o joven imperador do Brazil dedica todos os momentos que póde salvar das occupações materiaes de chefe do Estado ao culto das lettras. Mancebo, prende-se á mocidade, aos homens do futuro, por laços que de certo as revoluções não hão de quebrar; porque o progresso social não virá accommettel-o inopinadamente nas suas crenças e habitos. Quando a ideia se encarnar na realidade, o seu espirito, como as outras intelligencias que o rodeião, ter-se-ha alimentado della, e saudará como os seus mais alumiados subditos o pensamento progressivo. Não notais n'estas tendencias do moço principe um symbolo do presente, e uma prophecia consoladora ácêrca do porvir do Brazil?

» A imprensa na antiga America portugueza, balbuciante ha dois dias, já ultrapassa a imprensa da terra que foi metropole. Ás publicações periodicas, primeira expressão de uma cultura intellectual que se desenvolve, começão a associar-se as composições de mais alento — os livros. Ajunte-se a este facto outro, o ser o Brazil o mercado principal do pouco que entre nós se imprime, e será facil conjecturar que no dominio das lettras, como em importancia e prosperidade, as nossas emancipadas colonias nos vão levando rapidamente de vencida.

» Por si sós esses factos provarião antes a nossa decadencia, que o progresso litterario do Brazil. É um mancebo

vigoroso que derriba um velho cachetico, demente e paralitico. O que completa, porém, a prova é o exame não comparativo, mas absoluto, de algumas das modernas publicações brazileiras.

» Os *Primeiros Cantos* são um bello livro; são inspirações de um grande poeta. A terra de Santa Cruz que já conta outros no seu seio, póde abençoar mais um illustre filho.

» O auctor, não o conhecemos; mas deve ser muito joven. Tem os defeitos do escriptor ainda pouco amestrado pela experiencia: imperfeições de lingua, de metrificação, de estylo. Que importa? O tempo apagará essas maculas, e ficarão as nobres inspirações estampadas nas paginas deste formoso livro.

» Quizeramos que as *Poesias Americanas*, que são como o portico do edificio, occupassem nelle maior espaço. Nos poetas transatlanticos ha por via de regra demasiadas reminiscencias da Europa. Esse Novo Mundo, que deu tanta poesia a Saint-Pierre e a Chateaubriand, é assaz rico para inspirar e nutrir os poetas que crescerem á sombra das suas selvas primitivas.

» Como argumento disso, como exemplo da verdadeira poesia nacional do Brazil citarei aqui dous trechos das *Poesias Americanas*: o « Canto do Guerreiro » e um fragmento do « Morro de Alecrim. »

. . . .
. . . .
. . . .

» Abstendo-me de outras citações, que occuparião demasiado espaço não posso resistir á tentação de transcrever das *Poesias Diversas* uma das mais mimosas composições lyricas, que tenho lido na minha vida, *Seus Olhos*:

. . . .

» Se estas poucas linhas, escriptas de abundancia de coração, passarem os mares, receba o auctor dos *Primeiros Cantos* o testemunho sincero de sympathia, que a leitura do

seu livro arrancou a um homem que o não conhece, que provavelmente não o conhecerá nunca, e que não costuma nem dirigir aos outros elogios *encommendados*, nem pedil-os para si.

» Lisboa (Ajuda), 30 novembro 1847.

» A. Herculano. »

Servirão as seguintes linhas de *prologo* á primeira edição dos *Segundos cantos e Sextilhas de Frei Antão* :

« O volume de poesias que agora submetto ás provas publicas, é dividido em duas partes. Nada direi sobre a primeira, que não é senão a continuação dos « Primeiros Cantos ; » é ainda o mesmo estylo, — o pensamento dominando em todo o verso, mas que seja menosprezada a metrificação, — e a rima que naturalmente se lhe sujeita, — e o metro que se dobra em todos os sentidos, — e o verso, mas que se accommoda a todos os tons, como instrumento harmonioso, que sempre agrada, mesmo tangido por mãos inexperientes.

» A segunda parte é um ensaio philologico, são sextilhas, em que adoptei por meus a frase e o pensamento antigo, procurando tornar o estylo liso e facil que não desagradasse aos ouvidos de hoje, e dar ao pensamento a côr forte e carregada d'aquelles tempos, em que a fé e a valentia erão as duas virtudes cardeaes, ou antes as unicas virtudes. Colloquei-me no meio d'aquellas épochas de crenças rigidas e profundas — talvez de fanatismo, — e esforcei-me por simplificar o meu pensamento, por sentir como sentião os homens de então, e por exprimil-os na linguagem que melhor os póde traduzir — a dos Trovadores, — linguagem simples, mas severa, — rimada mas facil. — harmoniosa e

valente sem ser campanuda,nem guindada. Variei o rhythmo das sextilhas para que não cançasse ; quiz ver emfim que robustez e concisão havia nessa linguagem semi-culta, que por vezes nos parece dura e mal soante, e estreitar ainda mais, se for possivel, as duas litteraturas — Brazileira e Portugueza, — que hão de ser duas, mas semelhantes e parecidas, como irmãs que descendem de um mesmo tronco e que trajão os mesmos vestidos, — embora os trajem por diversa maneira, com diverso gosto, com outro porte, e graça differente.

» Sei que ao maior numero dos meus leitores não agradará esta segunda parte : era essa a minha convicção, então quando a escrevia, e agora que a vou publicar. Escrevi-a comtudo, porque acceito a inspiração quando e donde quer que ella me venha ; — da imaginação ou da reflexão, — da natureza ou do estudo, — de um argueiro ou de uma chronica, é-me indifferente : publico-as, se me agradão ; rasgo-as, se me desprazem.

» Aquelles criticos porém que se comprazem com o nascimento de um auctor, que o seguem passo a passo durante a sua vida litteraria — animando-o pelo que nelle vêem de bom, reprovando o que lhes parece máo, franca e imparcialmente — sem amor como sem odio, mas só pelo amor das artes, e talvez porque lhe não desagradará ver a luta do auctor que começa, — a tenacidade do que porfia — a modestia do que triumpha ; — para estes, digo, todo o volume é significativo — toda a obra caracteristica — todo o trabalho proveitoso.

» Numerão os volumes, classificão as obras, aprecião o trabalho ; — de todas as ideias formulão um só pensamento — de todas as côres formão um só quadro — de todos os traços uma só physionomia.

» Quando pois apparece um novo volume de um auctor qualquer, muito ou pouco conhecido, todo o seu trabalho é confrontal-o. Se o pensamento se enerva, se as côres desbotão, se a physionomia se decompõe, — a morte vem proxima;

a arvore vingou e deixa de vingar, — cresceu e torna-se rachytica, — produzio e torna-se esteril. Mas, se pelo contrario o pensamento se vai tornando mais firme como um nó que se aperta, se o quadro reluz como que o retocassem de novo, — se a physionomia se expande como que mostra ledice e contentamento, — a vida será longa ; a arvore vingou e continúa a vingar, floresceu e dará novas flôres, produzio e dará novos fructos.

» Para estes não será sem attractivo esta minha publicação, não como arvore de esperançosos fructos, mas como arbusto pouco conhecido, que na sazão das flôres se metamorphoseia, que toma novo aspecto, e por ventura agrada pela sua extranheza.

» Sobre o titulo que dei á primeira parte, bem se vê que não é um verdadeiro titulo, mas um simples numero : são hymnos, visões, poesias lyricas e americanas, composições diversas e variadas, que eu irei publicando emquanto merecerem o favor do publico, se é que se dá o publico destas coisas.

» Quanto ao da segunda parte, só tenho a dizer que era minha intenção publical-a com o pseudonymo de Frei Antão de Santa Maria de Neiva, cuja vida poderão ler os curiosos na Historia de S. Domingos P. 2.ª L. 3.º C. 4.º Mudei de resolução, conservando-lhe todavia o titulo, porque sem elle muitas das sextilhas serião inintelligiveis. »

Rio de Janeiro, Fevereiro, 1848.

Os *Ultimos Cantos*, tiverão por introducção a seguinte carta, que dirigio o auctor ao seu amigo o Dr. Alexandre Theophilo de Carvalho Leal :

« Eis os meus ultimos cantos, o meu ultimo volume de poesias soltas, os ultimos harpejos de uma lyra, cujas cordas forão estalando, muitas aos balanços asperos da desven-

tura, e outras, talvez a maior parte, com as dôres de um espirito enfermo, — ficticias, mas nem por isso menos agudas, — produzidas pela imaginação, como se a realidade já não fosse por si bastante penosa, ou o espirito, affeito a certa dose de soffrimento, se sobresaltasse de sentir menos pesada a costumada carga.

» No meio de rudes trabalhos, de occupações estereis, de cuidados pungentes, — inquieto do presente, incerto do futuro, derramando um olhar cheio de lagrimas e saudades sobre o meu passado — percorri este primeiro estadio da minha vida litteraria. Desejar e soffrer — eis toda a minha vida neste periodo ; e estes desejos immensos, indiziveis, e nunca satisfeitos, — caprichosos como a imaginação, — vagos como o oceano, — e terriveis como a tempestade ; e estes soffrimentos de todos os dias, de todos os instantes, obscuros, implacaveis, renascentes, — ligados a minha existencia, reconcentrados em minha alma, devorados commigo, umas vezes me deixárão sem força e sem coragem, e se reproduzírão em pallidos reflexos do que eu sentia, ou me forçárão a procurar um allivio, uma distracção no estudo, e a esquecer-me da realidade com as ficções do ideal.

» Se as minhas pobres composições não forão inteiramente inuteis ao meu paiz ; se algumas vezes tive o maior prazer que me foi dado sentir, — a mais lisongeira recompensa a que poderia aspirar, — de as saber estimadas pelos homens da arte, d'aquelles, que segundo o poeta, porque a entendem, a estimão, e repetidas por aquella classe do povo, que só de cór as poderia ter aprendido, isto é, dos outros que a comprehendem, porque a sentem, porque a adivinhão — paguei bem caro esta momentanea celebridade com decepções profundas, com desenganos amargos, e com a lenta agonia de um martyrio ignorado.

» Melhor que ninguem o sabes : podes a teu grado sondar os arcanos da minha consciencia, e não te será difficil descobrir o segredo das minhas tristes inspirações. Os meus primeiros, os meus ultimos cantos são teus ; o que sou, o

que fôr, a ti o devo, — a ti, ao teu nobre coração, que durante os melhores annos da juventude bateu constantemente ao meu lado, — á aragem bemfazeja da tua amizade sollicita e desvelada, — á tua voz que me animava e consolava, — á tua intelligencia que me vivificava, — ao prodigio de duas indoles tão assimiladas, de duas almas tão irmãs, tão gemeas, que uma dellas rematava o pensamento apenas enunciado da outra, e aos sentimentos unisonos de dous corações, que mutuamente se fallavão, se interpretavão, se respondião sem o auxilio de palavras. Duplicada a minha existencia, não era muito que eu me sentisse com forças para abalançar-me a esta empreza ; e agora que em parte a tenho concluido, é um dever de gratidão, um dever para que sou attrahido por todas as potencias da minha alma, escrever aqui o teu nome, como talvez seja o derradeiro que escreverei em minhas obras, o ultimo que os meus labios pronunciem, se nos paroxismos da morte se puder destacar inteiramente do meu coração.

» Ser-me-hia doloroso não cumprir os teus desejos, — não satisfazer as esperanças, que em mim tinhas depositado, — não realizar a expectação da tua desinteressada amizade. Entrei na luta, e procurei disputar ao tempo uma fraca parcella da sua duração, não por amor do orgulho, nem por amor da gloria ; mas para que, depois da morte de ambos, uma só que fosse das minhas producções sobrenadasse no olvido, e por mais uma geração estendesse a memoria tua e minha. Assim passa a onda sobre um navio que soçobra, e atira a praias desconhecidas os destroços de um mastro embrulhado nas vestes dos navegantes.

» Entrei na luta, e por mais algum tempo continuarei nella, variando apenas o sentido dos meus cantos. A fé e o enthusiasmo, o oleo e o pabulo da lampada que alumia as composições do artista, vão-se-me esfriando dentro do peito ; eu o conheço e o sinto : se pois ainda persisto nesta carreira, é por teu respeito : continuarei — até que, satisfeito dos meus esforços, me digas : basta ! — Então, já t'o hei

dito, voltarei gostoso á obscuridade, donde não devêra ter sahido, e — como um soldado desconhecido — contarei os meus triumphos pelas minhas feridas, voltando á habitação singela, onde me corrêrão, não felizes, mas os primeiros dias da minha infancia.

» Minha alma não está commigo, não anda entre os nevoeiros dos Orgãos, envolta em neblina, balouçada em castellos de nuvens, nem rouquejando na voz do trovão. Lá está ella! — lá está a espreguiçar-se nas vagas de S. Marcos, a rumorejar nas folhas dos mangues, a susurrar nos leques das palmeiras : lá está ella nos sitios que os meus olhos sempre vírão, nas paisagens que eu amo, onde se avista a palmeira esbelta, o cajazeiro coberto de cipós, e o páu d'arco coberto de flôres amarellas. Alli sim, — alli está — desfeita em lagrimas nas folhas das bananeiras — desfeita em orvalho sobre as nossas flôres, desfeita em harmonia sobre os nossos bosques, sobre os nossos rios, sobre os nossos mares, sobre tudo que eu amo, e que em bem veja eu em breve! Ahi, outra vez remoçado e vivificado de todos os annos que esperdicei, poderei enxugar os meus vestidos, voltar aos gozos de uma vida ignorada, e do meu lar tranquillo ver outros mais corajosos e mais felizes que eu affrontar as borrascas desencadeadas no oceano, que eu houver para sempre deixado atraz de mim. »

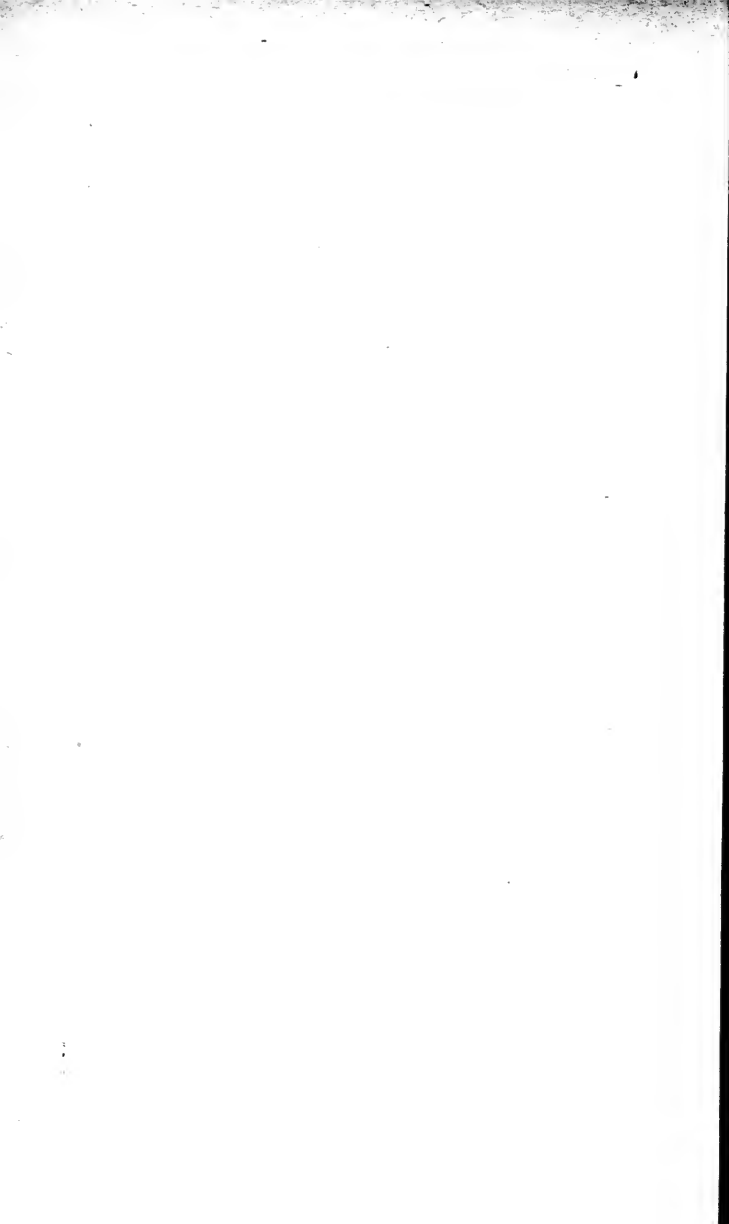
Rio de Janeiro, 7 Agosto, 1850.

Nas *Poesias diversas* achão-se algumas composições suas impressas no *Parnaso maranhense* como *Sobolos Rios*, *Estancias*, *Canção*, *Soneto* e *A' minha filha*.

Do poema *Os Timbyras* não ha mais do que os quatro cantos publicados pelo auctor en Lipsia, no anno de 1857, e dedicados a S. M. o Imperador, que os fez ler no Instituto Historico pelos Srs. Porto alegre (Barão de S. Angelo) e

Dr. Macedo. Consta que lográra concluir tão bello poema, porém nada mais appareceu depois da terrivel catastrophe de que foi victima.

Illustrão a *Revista trimensal do Instituto Historico Brazileiro* muitas memorias suas de incontestavel merecimento, e existem na Secretaria do Imperio os officios em que deu conta da sua commissão ás provincias do norte quando foi pelo governo encarregado de examinar os archivos, e as escolas de instrucção primaria e secundaria d'aquella parte do imperio.

J. NORBERTO DE SOUZA SILVA.

Paris 23 de Agosto de 1862
Amº A. Henriques

É mentira! não morri! nem morro, nem hei de morrer nunca mais — Non omnis moriar! — como diz o mestre Horacio.

Tenho jornaes do Rio, Bahia, Pernambuco, que me emprestárão, e segundo todos elles — Mortuus est pintus in cascão!

E necrologias então?!... Um collega escreveo:

Deos n'um accesso d'amor,
Ao poeta soberano,
Deo-lhe por berço o equador
E por tumulo o oceano!

Trata-se da minha defunctissima pessoa! Passa fóra!

O caso é que depois do meu infausto passamento, vou passando sem maior novidade. Aconselhão-me que vá para o estabelecimento hydrotherapico de Marienbad. Partirei breve. No entanto, escreve-

me, quando não tiveres muita preguiça para qualquer das nossas Legações em Paris ou Bruxellas.

Desejo muito a collecção mais completa que se poder arranjar de noticias funebres, necrologias & o que se tiver publicado acerca da m.ª morte. Corta o que me disser respeito, escreve á margem o nome do jornal, dia e logar da publicação, e sobrescripto com tudo isso para a minha fallecida pessoa. Quero fazer um album negro.

Lem.as aos teus, dá-me noticias tuas, e se não tens medo d'almas d'outro mundo, aceita um abraço

do teu dof

G. Dias

NOTICIA

SOBRE A VIDA E OBRAS D'ANTONIO GONÇALVES DIAS

On doit la vérité aux morts....
BOSSUET, *Oraisons funèbres*.

Raiou para Gonçalves Dias o sol da posteridade : cessárão os epinicios e tambem os vituperios. É um nome historico, uma das maiores glorias da nossa nascente litteratura. *Sine ira et studio*, na expressão do grande annalista romano, emprehendemos esboçar-lhe a biographia e emittir perfunctorio juizo sobre suas principaes obras : possa o nosso trabalho merecer a acceitação do publico.

Dez dias se tinhão apenas passado desde que a antiga villa, e hoje cidade de Caxias, abríra suas portas ás forças independentes, ao mando do capitão-mór Filgueiras, quando n'uma humilde choupana do sitio denominado Boa-Vista, terras da fazenda de Jatobá, nasceu o inspirado poeta, cuja prematura morte ainda hoje pranteão as lettras brazilicas (1).

---

(1) No dia 10 de Agosto do 1823.

Foi seu pai o negociante portuguez João Manuel Gonçalves Dias e sua mãi Viceneia Mendes Perreira. Bafejou-lhe a adversidade o berço, porquanto havendo-se tornado seu pai suspeito de sympathisar com a causa defendida pelo sargento-mór Tidié, teve de foragir-se, temeroso das represalias e mesquinhas vinganças que a plebe sóe exercer em taes occasiões.

Não se julgando ainda assás seguro na solidão de Jatobá, resolveu João Manuel embarcar-se occultamente para Portugal, onde foi esperar que os animos se aplacassem e a seu salvo podesse regressar ao paiz que como segunda patria amava.

Longe das paternaes vistas creou-se a meninice do futuro poeta, que bem cedo travou intimas relações com a pobreza, felizmente supportada nessa quadra da vida em que os risos estancão as lagrimas.

Quando as circunstancias politicas da provincia do Maranhão permittirão a João Manuel volver ao seu antigo trafego, chamou elle para sua companhia o menino Antonio, e, mal sondando-lhe a vocação, destinou-o á carreira mercantil.

Ahi deu elle provas de summa perspicacia e revelou tão singulares disposições para as lettras, que, por sollicitações d'amigos e parentes, foi mandado á aula do professor Ricardo João Sabino, que iniciou-o nos rudimentos das linguas latina e franceza.

Adquirida a somma de conhecimentos indispensaveis para matricular-se em estudos superiores, partio em companhia do seu extremoso pai para a cidade de S. Luiz, capital da provincia (em 1837), d'onde não tardou a trasladar-se para Portugal, onde João Manuel ia buscar cura, ou pelo menos allivio, aos seus padecimentos pulmonares.

Não lhe valeu porém tal sacrificio, pois que a 13 de Junho d'esse mesmo anno exhalava o ultimo alento nos braços de seu carinhoso filho, que referindo-se a esse tremendo lance assim se espressava alguns annos depois :

Escutei suas ultimas palavras
Repassado de dôr ! Junto ao seu leito
De joelhos em lagrimas banhado
Recebi seus ultimos suspiros :
E a luz funerea e triste que lançavão
Seus olhos turvos ao partir da vida
De pallido clarão cobrio meu rosto ;
No meu amargo pranto reflectindo
O cansado porvir que me aguardava (1)

Semelhante infortunio teria mangrado o ridente porvir do esperançoso mancebo, si não lhe viesse em auxilio a munificencia de sua madrasta, que facultou-lhe os meios de poder proseguir em seus estudos, recusando generosamente os subsidios que varias pessoas havião offerecido.

Ignaro da sorte que o aguardava, havia voltado ao Maranhão, d'onde teve de volver a Portugal a 13 de Maio de 1838, em companhia do abastado capitalista Bernardo de Castro e Silva.

Quanto lhe foi penosa essa nova separação dos entes que lhe erão mais caros, exprimio-o elle nos seguintes melancolicos versos :

Parti dizendo adeus á minha infancia
Aos sitios que eu amei, aos rostos caros
Que eu já no berço conheci — áquelles
De quem máo grado a ausencia, o tempo, a morte
E a incertesa cruel do meu destino,
Não me posso lembrar sem ter saudades
Sem que aos meus olhos lagrimas despontem.
Parti, sulquei as vagas de oceano ;
Nas horas melancolicas da tarde
Volvendo atrás o coração e o rosto,
Onde o sol, onde a esp'rança me ficava,
Misturei meus tristissimos gemidos
Aos sibilos dos ventos nas enxarcias ! (2)

---

(1) Poesias diversas.— SAUDADES.— Á MINHA IRMÃ.
(2) *Idem*.— SAUDADES.

Mas porque encaminhava-se Gonçalves Dias a Portugal, porque ia frequentar a universidade de Coimbra quando já nessa épocha funccionava o curso juridico d'Olinda, onde com maior facilidade, e quiçá com menor despeza poderia alcançar a laurea academica que ambicionava ? Peçamos a um dos seus mais esmerados biographos, o senhor doutor Antonio Henrique Leal, que nos ministre o fio conductor, a chave d'esse enigma :

« Era a universidade de Coimbra, antes das faceis e rapidas communicações estabelecidas pelos paquetes a vapor entre esta e as provincias, em cujas capitaes se achão as nossas faculdades scientificas, o centro quasi exclusivo para onde convergião os Maranhenses que aspiravão a carreira das sciencias, obtendo os mais intelligentes grande proveito d'uma tal frequencia ; por isso que recebião na convivencia e nas palestras dos collegas e professores das diversas materias, que alli se lião, maior somma de conhecimentos e robustecião-se nas que erão proprias de seus estudos, e nas humanidades, ou preparatorios, que são as verdadeiras e solidas bases dos que se presão de saber, principalmente a lingua patria, em que sempre timbrou a mocidade maranhense ; e é ao que se attribue o gosto que têm os filhos d'esta provincia pela leitura dos classicos, tão enthusiasticamente manuseados e aproveitados pelo illustre interprete de Virgilio, Manuel Odorico Mendes, e por aquelles que, como João Francisco Lisboa e o senhor Francisco Sotero dos Reis, mais de perto os conversavão : e si da universidade colhião os estudiosos uteis fructos, não menos deliciosos e sasonados obtinhão de Coimbra os predilectos das musas (1). »

N'aula de latim, do então *Collegio das Artes* (2), regida pelo abalisado Luiz Ignacio Ferreira, adquirio Gonçalves

---

(1) *Biographia d'Antonio Gonçalves Dias*, precedendo a edição das Obras posthumas do mesmo poeta, pag. XXXV e XXXVI.

(2) Hoje convertido em Lyceu

Dias fóros d'eximio estudante, merecendo que seus condiscipulos o denominassem : *d'esperançoso menino do Maranhão.*

No meio dos seus triumphos escolares, sobreveio-lhe grande desgraça, a interrupção da mesada que lhe fazia sua bondadosa madrasta, em consequencia dos prejuizos que soffrêra com a guerra civil do Maranhão, conhecida pela *Bolaiada*. Vendo-se de novo baldo de recursos, tomou o caminho de Figueira afim de implorar do prestante varão que o acompanhára em sua ultima viagem, os meios indispensaveis para regressar á patria.

Conhecida essa intenção d'alguns estudantes brazileiros, assentarão oppôr-lhes seu *veto*, e fazendo *bolsa commum*, ministrarem ao talentoso mancebo os recursos que lhe faltavão.

Coube a João Duarte Lisboa Serra a iniciativa de tão nobre ideia, sendo calorosamente apoiado pelos senhores Alexandro Theophilo de Carvalho Leal, Joaquim Pereira Lopes, José Hermenigildo Xavier de Moraes.

Os sentimentos pundonorosos do joven poeta, impellirão-no a recusar a acceitação de semelhante beneficio ; tendo pórem de render-se ante as sollicitações tão instantes quão despretenciosas.

Lançando um olhar retrospectivo sobre sua vida d'estudante servia-se d'estas magoadas expressões :

« Triste foi a minha vida de Coimbra, que é triste viver fóra da patria, subir degráos alheios, e por esmola sentarse á mesa estranha. Essa mesa era de bons e fieis amigos, Embora ! O pão era alheio, era o pão da piedade, era a sorte do mendigo (1). »

Comendo d'amigos para apropriar-nos d'uma locução de Diego do Couto, fallando de Camões, transpoz Gonçalves

(1) Carta ao Sr. Dr. Theophilo citada na biographia do Sr. Dr. Leal.

Dias os umbraes dos estudos preparatorios e matriculou-se no curso juridico.

« Operario da intelligencia (diz o sempre citado senhor doutor A. N. Leal), nunca mediu o estudo pelo tempo ; largava os livros das mãos só de puro cansaço. Magnifico exemplo para a nossa mocidade que fia a cultura do espirito mais da agudeza ingenita com que o dotou a Providencia, do que do estudo e do trabalho paciente, consciencioso e de todos os instantes ! É a intelligencia como a terra, produz rica mésse de fructos, porém sómente depois de infundir-se-lhe nella muito capital e muito suor. Facilmente conquistou o nosso poeta um dos primeiros lugares entre os mais distinctos condiscipulos, a par de Bruschy, de Cardoso Avelino, Salgueiro, Couto Monteiro, Beça Correia, Pedroso, Pinto e Nobrega. »

Não era porém só na sciencia de Paschoal de Mello que primava o nosso conterraneo ; a litteratura servia-lhe de jardim onde plantava e colhia as mais mimosas e fragrantes flôres. Assim, quando Serpa Pimentel (1) fez surgir em 1838 o theatro academico, e quando dois annos depois fundou uma revista (2) contou-se Gonçalves Dias entre os mais esforçados lidadores que tão alto levantárão os pendões do romantismo, e com tanta galhardia continuárão a obra da regeneração litteraria emprehendida por Garrett, Herculano e Castilho.

Por um bem entendido patriotismo entendeu que as primicias do seu éstro deverião pertencer á patria, e só a muito custo consentio na publicação d'uma poesia intitulada : *A Innocencia* (3), recitada n'um festim campestre dado pelos estudantes brazileiros ao chegar a Coimbra a noticia da maioridade do senhor dom Pedro II.

---

(1) Actualmente visconde de Gouvêa.

(2) A *Chronica Litteraria.*

(3) Esta poesia foi impressa no 1º numero do *Trovâdor*.

Tocava á méta de suas aspirações academicas, não tardaria a ver cingida a fronte da laurea doutoral, quando sagrados e imperiosos deveres de familia levarão-no á serra do Gerez, impedindo-lhe o complemento d'essas mesmas aspirações. Já era porém bacharel em sciencias juridicas, e satisfazendo-se com esse modesto gráo deliberou volver aos seus lares, indo exercer a nobre profissão d'advogado em Caxias (em 1845).

Curta e attribulada foi sua residencia nessa cidade, e por experiencia propria convenceu-se de que para talentos da ordem do seu é por demais acanhado o scenario da vida de provincia, e que mais altos destinos o chamavão algures.

Foi no anno de 1846 que pela primeira vez avistou o *Pão d'assucar* que devêra depois celebrar na bellissima allegoria do *Gigante de Pedra.* Nesse mesmo anno deu ao prelo os seus *Primeiros Cantos* que lhe valêrão honroso e justo louvor d'um dos maiores sabedores de nosso idioma :

« Merecer a critica d'Alexandre Herculano (diz elle no prologo da segunda edição d'esses cantos) já eu consideraria como bastante honrado para mim ; uma simples menção do meu primeiro volume rubricada com o seu nome, desejava-o de certo, mas esperal-o seria de minha parte demasiada vaidade. »

De certo quem conhecer a parcimonia com que o eminente historiador profere seus alvidramentos, convencer-se-ha que grande somma de merecimentos descobrira elle nos primeiros harpejos d'essa musa juvenil.

Saudada como um verdadeiro acontecimento a publicação d'esse livro, e desde logo destinada a marcar uma epocha em nossa historia litteraria, foi seu auctor alvo d'innumeras attenções e obsequios.

Em quanto enebriavão-lhe os perfumes emcomiasticos, sentia rasgar-lhe as carnes os acerados espinhos de pobreza, e foi talvez com referencia a essa quadra da sua tão dramatica existencia que dizia elle num dos seus mais lindos sonetos :

Pensas tu, bella Armia, que os poetas
Vivem d'ar, de perfumes, d'ambrosia,
Que vagando por mares de harmonia,
São melhores que as proprias borboletas?

No profundo estudo que do latim fizera, encontrou meios de subsistencia, e por espaço de quatro annos exerceu com notavel aptidão o magisterio d'essa lingua no Lyceu Provincial que então existia na cidade de Nictheroy.

Os curtos lazeres que lhe deixava o fiel e exacto cumprimento de seus deveres, consagrava-os elle ao ameno trato das musas, dando á estampa en 1847 o melhor de seus dramas intitulado *Leonor de Mendonça*, e no anno seguinte as *Sextilhas de frei Antão*, monumento d'erudição philologica.

Bem curioso é o historico d'essas *Sextilhas*, e seja o senhor doutor Leal quem no-lo transmitta :

« Apresentára Gonçalves Dias ao exame e critica do Conservatorio Dramatico do Rio de Janeiro outro drama, *Beatriz de Cenci*, sem nome d'autor e por lettra estranha. Desfechárão os censores os mais desapiedados golpes contra o pobre escripto desapadrinhado, e o reprovárão, assacando-lhe primeiramente *erros crassos de linguagem*, e isto num *portuguez de contrabando*. O poeta, que sabia e manejava a lingua como mestre, sentio-se da affronta: e jurando para si tomar vingança dos censores, compoz as *sextilhas de frei Antão*, provando d'est'arte, que além d'escrever como Castilho e Herculano, quando queria tambem o fazia n'uma linguagem particular e privativa d'uma epocha determinada. Foi nobre o desforço, e a resposta cabal e satisfactoria ! »

Rompêra o nome de Gonçalves Dias o nevoeiro que sóe obumbrar ainda os mais esperançosos talentos, começava a ser reconhecida e apreciada a sua mestria e o collegio de Pedro II ambicionou-o para seu professor, confiando-lhe as cadeiras de latinidade e historia patria. Nesse estabelecimento normal deixou elle bem gratas recordações, e muitos

dos que tiverão a fortuna d'ouvir-lhe as lições, commemorão saudosos os arroubos d'eloquencia que lhe manava dos labios quando o assumpto lh'o permittia.

Do onus professoral distrahio-o o governo imperial em 1851, confiando-lhe a importantissima missão d'estudar praticamente o estado da instrucção publica em varias provincias do norte indicando ao mesmo tempo os meios conducentes a melhoral-a. Recommendava-lhe outrosim o mesmo governo que colligisse nos archivos publicos e particulares quaesquer documentos uteis á nossa historia no periodo anterior á independencia. Do modo por que desempenhou tal incumbencia, pódem servir d'abono os relatorios que por essa occasião escreveu e que nos consta jazerem desprezados na secretaria do imperio, e as noticias e apontamentos exarados nas paginas da *Revista Trimensal do Instituto Historico e Geographico Brazileiro.*

De volta de sua excursão ao norte do imperio, foi despachado official da secretaria d'estado dos negocios estrangeiros (em 1852) ; e nesse mesmo anno contrahio matrimonio com a senhora D. Olympia da Costa, filha do estimavel e venerando D. Claudio Luiz da Costa. Desse matrimonio resultou apenas una menina que falleceu em tenra idade.

Por tão bem servido se dera o governo imperial com o desempenho da tarefa encarregada a Gonçalves Dias, que confiou-lhe outra identica ampliando-lhe as proporções. Em 1855 partia elle para a Europa incumbido d'estudar nos principaes paizes d'essa região os methodos mais seguidos e melhor adoptaveis ás nossas circumstancias locaes.

Escolhendo Portugal para começo de suas pesquizas,aproveitou utilmente sua estada na antiga metropole afim de manusear curiosamente os archivos de Lisboa, Porto, Coimbra e Evora, extrahindo copias e apontamentos de tudo o que de mais interessante offerecião para a nossa historia colonial.

Reservando para mais tarde ulteriores indagações deixou a patria de seus maiores para percorrer successivamente

França, Inglaterra e Allemanha, examinando com esmero todos os estabelecimentos d'educação e instrucção, e remettendo minuciosos e lucidos relatorios que parece tiverão a sorte dos primeiros.

Achando-se em Leipzig proporcionou-se-lhe ensejo d'entreter amigaveis relações com o muito conceituado livreiro Brockhaus, que suggerio-lhe a ideia d'uma edição de seus *Cantos*, que forão dados a lume com o titulo de *Primeiros, Segundos e Ultimos Cantos.* Por esse mesmo tempo (1857) confiou aos typos o seu *Diccionario da lingua Tupy, chamada lingua geral dos Indigenas do Brazil*, e os quatro primeiros cantos d'uma epopéa americana denominada : *Os Tymbiras.*

Regressando ao Rio de Janeiro, não encontrou ahi o repouso de que tanto necessitava, mas sim novo appello no seu nunca desmentido patriotismo. Por indicação do Instituto Historico e Geographico, resolvêra o então ministro do imperio, Sr. Conselheiro Luiz Pedreira do Couto Ferraz (hoje barão do Bom Retiro), nomear uma commissão scientifica afim d'explorar e catalogar às riquezas que com tão prodiga mão doou a Providencia a este uberrimo sólo.

Dividida em cinco secções, coube a d'ethnographia ao nosso poeta, que na composição do seu *Diccionario da lingua Tupy*, tão amplos conhecimentos revelára na sciencia dos Montoyas e Figueiras. A coordenação e redacção da viagem ficárão tambem a cargo do mesmo individuo.

Não nos pertence averiguar as causas que fizerão mallograr essa generosa tentativa de proseguir nas investigações scientificas dos Ferreiras, Camaras, Bettencourts, Coutos, Feijós e alguns outros benemeritos brazileiros, que, ainda sob o regimen colonial, inventariárão nossos naturaes thesouros.

Deixando a provincia do Ceará, escolhida pela commissão como base de suas operações, fez Gonçalves Dias uma curta visita aos seus amigos do Maranhão (em fins do anno de 1860) dirigindo-se d'ahi ás duas mais septentrionaes provincias do imperio. Nas margens do caudaloso Amazonas,

pensava elle encontrar a solução dos grandes problemas ethnographicos e linguisticos que tanto têm preoccupado os sabios do antigo e novo continente.

Nessas pesquizas consumio cerca de seis mezes, e ao cabo d'esse tempo achou-se com a saúde tão deteriorada, que forçoso lhe foi tomar o caminho do Rio de Janeiro, onde aportou em principios do anno de 1862.

Por tal forma se aggravárão seus chronicos padecimentos hepathicos e pulmonares, que, por conselho dos medicos, resolveu-se a tornar a Europa, abandonando a ideia que a principio concebêra d'esperar dos patrios ares a recuperação de sua saúde.

Na travessia de Pernambuco para o Havre, a bordo do navio francez *Condé*, occorreu uma circumstancia que proporcionou-lhe o invejavel prazer d'ouvir na propria vida o juizo que a nosso respeito terá d'emittir a posteridade.

Foi o caso que, havendo fallecido no referido navio um passageiro, divulgou-se logo a noticia que fôra elle, o illustre poeta brazileiro, que tão gravemente enfermo se embarcára. A imprensa dos paizes que fallão o idioma portuguez, pranteou-lhe a morte sem distincção de matizes politicos : o Instituto Historico suspendeu a sua sessão ao saber de tão lamentavel occurrencia; na capital e nas demais cidades e povoações do imperio, celebrarão-se missas e officios funebres, e a familia do poeta cubrio-se de pesado lucto. Não tardou em ser desmentida a infausta nova por cartas do proprio Dias, que soube tirar partido da eventualidade para chistosas facecias.

Momentanea foi porém a satisfação dos seus amigos e admiradores : progredia a fatal molestia frustrando a sciencia e solicitude dos mais abalisados medicos. Debalde mudava de clima : a morte seguia-lhe as pégadas, semelhante ao animal que a ligeira seta de destro indio ferio em sua vertiginosa carreira.

Um como sinistro presentimento advertia-o de seu proximo e tragico fim. Poucos dias antes de deixar as plagas

européas, endereçou elle estas linhas ao seu particularissimo amigo o senhor doutor Leal.

« Amigo Antonio Henriques : — Persuadido que uma longa viagem por mar me ha de ser d'algum proveito, resolvi-me a seguir para o Maranhão pelo Havre. Dizem-me que ha um navio a sahir no dia 10 do corrente (setembro de 1864); si ha, vou nelle. Em principios d'outubro devo lá estar, *si não ficar no mar...*

» No caso d'alguma catastrophe, *quod absit*, os retratos ficão para a bibliotheca. Os manuscriptos (copias) manda para o Instituto.

» Tenho, não sei porque, ainda esperanças que a viagem me fará bem, mas quando mesmo me não dê mal, e muito mal, é mais que provavel que tenha ainda o prazer de te dar um abraço.

» Adeus. Lembranças a Theophilo, Rego, Pedro, e mil saudades do teu do coração, — Gonçalves Dias. »

Firme no proposito annunciado embarcou-se a 14 d'esse mez e anno na barca *Ville de Boulogne*, com destino ao Maranhão, e quando soffregos aguardavão-lhe a vinda amigos, parentes e affeiçoados, soou a luctuosa noticia de sua morta occorrida no naufragio da mencionada barca.

Eis como narrou essa catastrophe o correspondente do *Correio Mercantil do Rio de Janeiro* :

« Começarei esta missiva por uma noticia tristissima : o doutor A. Gonçalves Dias, morreu no dia 3 do corrente (novembro de 1864) em o naufragio da barca franceza *Ville de Boulogne*, nas immediações do pharol d'Itacolomy.

» Vinha o navio com quarenta e tantos a cincoenta dias de viagem do Havre, onde o illustre poeta embarcou, persuadido de que um longo trajecto maritimo lhe havia de fazer bem, e desejava melhorar, ou morrer e ser enterrado na terra do seu berço. Lá em cima, estava previsto o contrario.

» O poeta peorou consideravelmente na viagem. Contão as pessoas da tripulação da barca, que alguns dias antes do

naufragio, já o doente não se podia levantar, nem tomar alimento. Fumou charutos até quanto poude, e quando nem isso mesmo lhe foi mais possivel fazer, dizem que pedia a alguem que fumasse a seu lado e lhe soprasse á boca o fumo. Estava sem carnes, sem voz, sem vida.

» O capitão da barca, affirma que, quando o navio bateu nos baixios, já Gonçalves Dias tinha morrido (1). Acredita-se, porém, que estando o illustre poeta á morte, a tripulação o abandonou, deixando-o encerrado no camarote, do qual não podia sahir por lhe faltarem as precisas forças. Veja que morte afflicta e angustiada estava á espera do desditoso poeta!

» Achava-se o navio a umas oito legoas do porto da capital.

» Dizem os practicos da barra, e consta que o naufragio parece ter sido intencional, porque no lugar em que elle se deu, só bate o navio que quer bater. Combina-se isto com a noticia de que o capitão não quiz receber no Havre passageiro algum, admittindo o doutor Gonçalves Dias, depois de muitas instancias, persuadido naturalmente de que o passageiro, gravemente enfermo, não aguentaria a viagem.

» Logo que se soube do naufragio, sua Excellencia o senhor Presidente da Provincia, o senhor doutor Chefe de policia interino, tomárão e expedírão todas as providencias, recommendando muito a procura do cadaver, e dos bahús pertencentes á bagagem do illustre poeta. O segundo, d'accordo com o primeiro, offereceu um premio á pessoa que encontrasse o corpo. Outro premio e para o mesmo fim foi

---

(1) N'uma noticia publicada no *Jornal do Recife* lê-se « que logo o navio bateu e o capitão o vio perdido, correu á camara para ir buscar o D[r] Dias, porém o mastro grande da embarcação, que o choque derribára, cahindo desgraçadamente sobre a camara esmagára o infeliz poeta dentro do camarote em que estava deitado. »

offerecido por varios amigos do doutor Dias, em cujo numero se conta o doutor Antonio Henriques Leal (1). »

Alludindo ao mallogro de suas tentativas assim se exprime o referido senhor doutor Leal :

« Por mais diligencias que empregámos os amigos e admiradores do poeta, não conseguimos descobrir o cadaver de quem, para dobrado infortunio, não chegou a dar o ultimo alento nos braços d'amizade, ou logrou que seus restos repousassem na terra da patria, e nem se quer temos podido obter até hoje (Janeiro de 1868) os escriptos que comsigo trazia, e que párão, segundo estou convencido, na cidade d'Alcantara em poder de quem pretende, talvez, um dia aproveitar-se com elles (2). »

Apagada a ultima scintilla da esperança d'encerrar os restos mortaes do festejado poeta em modesto e decente jazigo, voltárão-se as vistas dos amigos para a ideia da erecção d'uma estatua que transmittisse aos posteros seu glorioso nome. Abraçada com enthusiasmo essa ideia, tem sido sua realisação apenas retardada pelas criticas circumstancias do paiz, e tambem pela grave enfermidade que accommetteu a um dos seus principaes promotores, o senhor doutor Antonio Henriques Leal.

Gonçalves Dias é inquestionavelmente o nosso primeiro poeta lyrico : nenhum melhor do que elle comprehendeu e executou as leis d'esse difficilimo genero de composição. A bella alma do poeta espelha-se em seus inspirados carmens, e jamais deixou de revelar nelles os generosos impulsos que o guiavão. Como os peixes nadão, os passaros voão, os animaes andão ou correm, assim poetava G. Dias, satisfazendo a uma imperiosa necessidade do seu organismo, isto sem o menor calculo, sem a minima ostentação.

---

(1) O premio offerecido pelo governo montava em trezentos mil reis, e o dos amigos do poeta num conto de reis.

(2) Prologo das *Obras posthumas* d'A. Gonçalves Dias.

Eis como o apreciava um estimado critico contemporaneo:

« Antonio Gonçalves Dias, nas suas *Poesias Americanas*, avantajou-se aos seus predecessores, deixando ficar atrás de si o proprio Araujo Porto Alegre, que, em suas *Brazilianas* lhe mostrára o caminho que cumpria seguir. Não satisfeito de descrever *subjectivamente* a impressão que lhe causavão as particularidades da natureza e dos costumes brazileiros, elle conseguio identificar-se *objectivamente* com as ideias e as expressões dos indigenas. Tão depressa o vemos como um vate indiano *(piaga, ou payé)* explicar ou conjurar as visões, tão depressa entoar canticos guerreiros, como cantar sacrificios, e combates sanguinolentos. Ora chorar como um *marabá*, os destinos d'essa raça mestiça, desprezada pelos indigenas, ora transformado em menino indio fallar dos encantos da *mãi d'agua*, que, semelhante ás sereias, o attráe para seu leito humido. Em uma palavra, Gonçalves Dias aproxima-se da *ballada ;* acha-se no melhor caminho para crear uma poesia verdadeiramente *nacional* e revestida de forma apropriada ao gosto do nosso tempo. Não é pois para admirar que as suas *Poesias Americanas* tenhão adquirido no Brazil uma grande popularidade (1). »

Não foi só no Brazil que as *Poesias Americanas* grangeárão subidos louvores ao nosso auctor : o vulto mais proeminente da litteratura portugueza contemporanea assim se expressou n'outro escripto justamente celebre (2)

« Quizera que as *Poesias Americanas*, que são como o portico do edificio (3) occupassem nelle maior espaço. Nos poetas transatlanticos ha, por via de regra, demasiadas reminiscencias da Europa. Esse novo mundo que deu tanta poesia a Saint-Pierre e a Chateaubriand é assás rico para im-

---

(1) O senhor Fernando Wolf na sua obra intitulada : *Brésil littéraire.*

(2) *Futuro litterario de Portugal e do Brazil*, pelo senhor Alexandre Herculano.

(3) Referia-se aos *Primeiros Cantos*, impressos pela primeira vez no Rio de Janeiro.

perar e nutrir os poetas que crescerem á sombra de suas selvas primitivas. »

Cedendo a taes conselhos e exhortações, consagrou-se Gonçalves Dias ao estudo da theogonia dos nossos indigenas, pesquizou-lhes as crenças e usanças, e nesse ponto levou as lampas (como muito bem observa Wolf) ao proprio senhor Porto-Alegre, *que lhe mostrára o caminho*. No colorido porém dos quadros, na plastica representação da esplendida naturaleza tropical ficou muito abaixo de seu émulo

Seguindo a trilha dos senhores Malgalhães e Porto Alegre. logrou Gonçalves Dias desde a sua primeira apparição no scenario da litteratura nacional, ser contemplado entre seus principaes chefes, excedendo-lhes ainda em popularidade. A razão d'essa sobre excellencia cumpre buscar no fanatismo com que a juventude segue todas as innovações, e nessa especie de *feitiço* operado pelo vocabulario indigena que o poeta naturalisou em seus Cantos. A' excepção d'um, ou d'outro termo, indispensavel para exprimir ideias que desconhecia a velha linguagem de nossos pais, cremos desnecessarios semelhantes neologismos, e no nosso pensar mal inspirado andou o poeta dando-lhes tanta voga e innoculando na nova e esperançosa geração, o virus da logomachia.

Não era só em versos que sabia escrever o distincto litterato : a prosa tambem mereceu-lhe particular esmero e, nas paginas da *Revista Trimensal do Instituto Historico e Geographico Brazileiro*, achão-se registradas Memorias suas de reconhecido merecimento. D'entre ellas avantajão-se pela importancia dos assumptos e mestria d'execução as intituladas *As Amazonas* e o *Brazil e a Oceania.*

No primeiro d'esses trabalhos investiga o gráo de credibilidade que merece a tradição das amazonas na Scythia e na Lybia, e os motivos que tiverão Orellana e Christovão da Cunha para suppôr a sua existencia nas margens do magestoso rio que d'ellas tomou o nome. Ao cabo d'erudita e lucida discussão, propende o auctor pela negativa e affirma que jamais existirão semelhantes creaturas em parte alguma do mundo.

O Brazil e a Oceania, é um estudo d'ethnologia que abundantes luzes derrama sobre as intrincadas questões das origens das autóchthones das novas regiões reveladas á Europa pela impavidez de seus nautas. Fazendo passar pelo esmeril de sua delicada critica as varias opiniões dos sabios que largamente se occupárão da materia, revelou uma proficiencia scientifica que não era dado esperar de quem tão avesado estava aos arroubos da imaginação.

Antes de concluirmos esta rapida apreciação das obras de Gonçalves Dias, digamos duas palavras ácerca dos *Tymbiras*. Consideramo-lo como soberbo peristylo de colossal templo, cuja architectura cyclopica fusta-se ao compasso de Vetruvio e Vignola. É porém uma obra inacabada, onde nem se quer se póde rastrear a traça que o auctor pretendia dar-lhe, sendo portanto impossivel aferir-lhe o merito.

As *Obras Posthumas*, piedoso sarcophago erguido pelas mãos d'amizade encerrão as reliquias litterarias do mallogrado poeta. Como sóe acontecer em taes publicações e ouro, as perolas e as pedras preciosas brilhão ao lado das lentejoulas e das stalactites: producções ephemeras, ou mirando alvos mal conhecidos, sentem-se vexadas e confusas, tendo de comparecer no *agora* da imprensa. Representão outras esses periodos de transição, essas aspirações vagas e indefinidas, que os auctores, semelhantes aos pintores d'antiguidade, escondem cautelosamente ás vistas profanas.

Pelo que dissemos, vê-se que Gonçalves Dias nascêra poeta, como nasceu Camões e Bocage; o estudo aprimorou-lhe o éstro : e si mais vivesse, e lhe fosse dado lançar retrospectivo olhar para seus escriptos, temos fé que d'elles apagaria algumas nodoas, e castigando-os com a lima d'Horacio, legaria á posteridade irreprehensiveis e invejaveis exemplares de bom gosto e castiça linguagem.

Nova-Friburgo, 20 janeiro 1870.

J. C. Fernandes Pinheiro.

Coube a Gonçalves Dias o Oceano por seu derradeiro leito, e no somno da morte o embalão as ondas o acalentando com o seu marulho : sussurrão-lhe as suas canções as brisas marinhas.

Não pôde a terra natal guardar os seus preciosos restos, mas ergueu-lhe condigno monumento em uma das praças da cidade de S. Luiz, onde o marmore attestará ás gerações que ahi vêm o primeiro exemplo de consideração dado pela terra de Santa Cruz a um de seus melhores filhos, e que tão alto fez soar o seu nome.

Dedicou-lhe a capital do imperio a denominação de uma de suas ruas, popularisando o seu nome e commemorando a sua residencia e o Instituto Historico, que tanto apreciou o seu raro talento, fez collocar na sala de suas sessões o seu busto ao lado dos bustos de seus fundadores.

Já que lhe faltárão na vida os dons da fortuna, os risos da ventura, as honras e os titulos sociaes a que tinha jus pelas producções de seu immenso talento, sobrem-lhe ao menos estes testemunhos de veneração, se bem que o seu verdadeiro monumento sómente o ergueu elle, e são os seus cantos immortaes.

Nictheroy, 31 *Maio* 1876.

J. NORBERTO DE SOUZA SILVA.

POESIAS DIVERSAS

O SOLDADO HESPANHOL

Un soldat au dur visage.
V. Hugo.

I.

Oh ! qui révèlera les troubles, les mystères
Que ressentent d'abord deux amants solitaires
Dans l'abandon d'un chaste amour ?
Ed. Turquety. — *Amour et Foi*.

O céo era azul e tão meigo e tão brando,
A terra tão erma, tão quieta e saudosa,
Que a mente exultava, mais longe escutando
O mar a quebrar-se na praia arenosa.

O céo era azul, e na côr semelhava
Vestido sem nódoa de pura donzella ;
E a terra era a noiva que bem se arreiava
De flôres, matizes ; mas vária, mas bella.

Ella era brilhante,
Qual raio do sol ;
E elle arrogante,
De sangue hespanhol.

E o hespanhol muito amava
A virgem mimosa e bella ;
Ella amante, elle zeloso
Dos amores da donzella ;
Elle tão nobre e folgando
De chamar-se escravo della !

E elle disse ; — Vês o céo ?
E ella disse : — Vejo, sim ;
Mais polido que o polido
Do meo véo azul setim. —
Torna-lhe elle.... (oh ! quanto é doce
Passar-se uma noite assim !)

— Por entre os vidros pintados
D'igreja antiga, a luzir,
Não vês luz ? — Vejo. — E não sentes
De a veres, meigo sentir ?
— É doce ver entre as sombras
A luz do templo a luzir !

— E o mar, além, preguiçoso
Não vês tu em calmaria ?
É bello o mar ; porém sinto,
Só de o ver, melancholia.
— Que mais o teu rosto enfeita
Que um sorriso de alegria.

— E eu tambem acho em ser triste
Do que alegre, mais prazer ;
Sou triste, quando em ti penso,
Que só me falta morrer ;
Mesmo a tua voz saudosa
Vem minha alma entristecer.

— E eu sou feliz, como agora,
Quando me fallas assim;
Sou feliz quando se riem
Os labios teus de carmim ;
Quando dizes que me adoras,
Eu sinto o céo dentro em mim.

— És tu só meu Deos, meu tudo,
És tu só meu puro amar,
— És tu só que o pranto podes
Dos meos olhos enxugar. —
Com ella repete o amante :
— És tu só meu puro amar ! —

E o céo era azul, e tão meigo e tão brando,
E a terra tão erma, tão só, tão saudosa,
Que a mente exultava, mais longe escutando
O mar a quebrar-se na praia arenosa !

II.

Ainsi donc aujourd'hui, demain, après encore,
Il faudra voir sans toi naître et mourir l'aurore !
V. HUGO.

E o hespanhol viril, nobre e formoso,
No bandolim
Seus amores dizia mavioso,
Cantando assim :

« Já me vou por mar em fóra
Daqui longe a mover guerra,
Já me vou, deixando tudo,
Meus amores, minha terra,

« Já me vou lidar em guerras,
Vou-me á India Occidental;
Hei de ter novos amores....
De guerras.... não temas al.

« Não chores, não, tão coitada,
Não chores por t'eu deixar;
Não chores, que assim me custa
O pranto meu sofrear.

« Não chores! — sou como o Cid
Partindo para a campanha;
Não ceifarei tantos louros,
Mas terei pena tamanha. »

E a amante que assim o via
Partir-se tão desditoso,
— Vai, mas volta, lhe dizia:
Volta, sim, victorioso.

« Como o Cid, oh! crua sorte!
Não me vou nesta campanha
Guerrear contra o crescente,
Porém sim contra os d'Hespanha!

« Não me atterrão; porém sinto
Cerrar-se o meu coração,
Sinto deixar-te, meu anjo,
Meu prazer, minha affeição.

« Como é doce o romper d'alva,
É me doce o teu sorrir,
Doce e puro, qual d'estrella
Da noite — o meigo luzir.

« Erão meus teus pensamentos,
Teu prazer minha alegria,
Doirada fonte d'encantos,
Fonte da minha poesia.

« Vou-me longe, e o peito levo
Rasgado de acerba dôr;
Mas commigo vão teus votos,
Teus encantos, teu amor!

« Já me vou lidar em guerras,
Vou-me á India Occidental;
Hei de ter novos amores....
De guerras.... não temas al.»

Era esta a canção que acompanhava
No bandolim,
Tão triste, que de triste não chorava,
Dizendo assim:

III

O Conde deu o signal da partida:
— A' caça! meus amigos.

BURGER.

« Quero, pagens, sellado o ginete,
Quero em punho nebrís e falcão,
Qu' é promessa de grande caçada
Fresca aurora d'amigo verão.

« Quero tudo luzindo, brilhante,
— Curta espada e venab'lo e punhal;
Cães e galgos farejem diante
Leve odor de sanhudo animal.

« E ai do gamo que eu vir na coutada,
Corça, onagro, que eu primo avistar!
Que o venab'lo nos ares voando
Lhe ha de o salto no meio quebrar.

« Eia, avante! — Dizia folgando
O fidalgo mancebo, loução:
— Eia, avante! — e já todos galopão
Trás do moço, soberbo infanção.

E partem, qual no arco arranca e vôa
Nos amplos ares, mais veloz que a vista,
A plumea seta da entesada corda.
Longe o echo rebôa; — já mais fraco,
Mais fraco ainda, pelos ares vôa.
Dos cães dubio o latir se escuta apenas,
Dos ginetes tropel, rinchar distante
Que em lufadas o vento traz por vezes.
Já som nenhum se escuta.... Que! — latido
De cães, incerto, ao longe? Não, foi vento
Na torre castellã batendo acaso,
Nas seteiras acaso sibilando
Do castello feudal, deserto agora.

IV

Vois à l'horizon
Aucune maison?
— Aucune.
V. Hugo.

Já o sol se escondeu; cobre a terra
Bello manto de frouxo luar;
E o ginete, que esporas atracão,
Nitre e corre sem nunca parar.

Da coutada nas invias ramagens
Vae sósinho o mancebo infanção;
Vae sósinho, afanoso trotando
Sem temores, sem pagens, sem cão.

Companheiros da caça ha perdido,
Ha perdido no acceso caçar:
Ha perdido, e não sente receio
De sósinho, nas sombras trotar.

Corno eburneo embocou muitas vezes,
Muitas vezes de si deo signal;
Bebe attento a resposta, e não ouve
Outro som responder-lhe ; — inda mal!

E o ginete que esporas atracão,
Nitre e corre sem nunca parar ;
Já o sol se escondeu, cobre a terra
Bello manto de frouxo luar.

V

De rosée
Arrosée,
La rose a moins de fraîcheur.
HENRIQUE IV.

Silencio grato da noite
Quebrão sons d'uma canção,
Que vai dos labios de um anjo
Do que escuta ao coração.

Dizia a lettra mimosa
Saudades de muito amar;
E o infanção enleiado,
Attento, pôz-se a escutar.

Era encantos voz tão doce,
Incentivo essa ternura,
Gerava delicias n'alma
Sonhar d'havel-a a ventura.

Queixosa cantava a esposa
Do guerreiro que partio,
Largos annos são passados,
Missiva delle, não vio.....

Parou !... escutando ao perto
Responder-lhe outra canção !...
Era terna a voz que ouvia,
Lisongeira — do infanção :

« Tenho castello soberbo
N'um monte, que beija um rio,
De terras tenho no Douro
Geiras cem de lavradio ;

« Tenho lindas haquenéas,
Tenho pagens e matilha,
Tenho os melhores ginetes
Dos ginetes de Sevilha ;

« Tenho punhal, tenho espada
D'alfageme alta feitura,
Tenho lança, tenho adága.
Tenho completa armadura.

« Tenho fragatas que cingem
Dos mares a lympha clara.
Que vão preiando piratas
Pelas rochas de Megára.

« Dou-te o castello soberbo
E as terras do fertil Douro,
Dou-te ginetes e pagens
E a espada de pomo d'ouro.

« Dera a completa armadura
E os meos barcos d'alto-mar,
Que nas rochas de Megára
Vão piratas captivar.

« Falla de amores teo canto,
Falla de accesa paixão...
Ah ! senhora, quem tivera
Dos agrados teus condão !

« Eu sou mancebo, sou Nobre
Sou nobre moço infanção ;
Assim podesse o meu canto
Algemar-te o coração,
Ó Dona, que eu dera tudo
Por vencer-te essa isenção ! »

Attenta escutava a esposa
Do guerreiro que partio ;
Largos annos são passados,
Missiva delle não vio ;
Mas da lettra que escutava
Delicias n'alma sentio.

VI

> Si tu voulais, Madeleine,
> Je te ferais châtelaine ;
> Je suis le comte Roger : —
> Quitte pour moi ces chaumières,
> A moins que tu ne préfères
> Que je me fasse berger.
>
> V. Hugo.

E n'outra noite saudosa
Bem junto della sentado,
Cantava brandas endechas
O gardingo namorado.

« Careço de ti, meu anjo,
Careço do teu amor,
Como da gota d'orvalho
Carece no prado a flôr.

« Prazeres que eu nem sonhava
Teu amor me fez gozar ;
Ah ! que não queiras, senhora,
Minha dita rematar.

« O teu marido é já morto,
Noticia delle não sôa ;
Pois desta gente guerreira
Bastos ceifa a morte á tôa.

« Ventura me fôra ver-te
Nos labios teus um sorriso,
Delicias me fôra amar-te,
Gozar-te meu paraiso.

« Sinto afflicção quando choras ;
Se te ris, sinto prazer ;

Se te ausentas, fico triste,
Que só me falta morrer.

« Careço de ti, meu anjo,
Careço do teu amor,
Como da gota d'orvalho
Carece no prado a flôr.

VII

> L'époux, dont nul ne se souvient,
> Vient ;
> Il va punir ta vie infâme,
> Femme !
>
> V. Hugo.

Era noite hibernal ; girava dentro
Da casa do guerreiro o riso, a dança,
E reflexos de luz, e sons, e vozes,
E deleite, e prazer : e fóra a chuva,
A escuridão, a tempestade, e o vento,
Rugindo solto, indomito e terrivel
Entre o negror do céo e o horror da terra.
Na geral confusão os céos e a terra
Horrenda sympathia alimentavão.

Ferve dentro o prazer, reina o sorriso,
E fóra a tiritar, fria, medonha,
Marcha a vingança pressurosa e torva.
Traz na dextra o punhal, no peito a raiva,
Nas faces pallidez, nos olhos morte.

O infanção extremoso enchia rasa
A taça de licor mimoso e velho,
Da usança ao brinde convidando a todos
Em honra da esposada : — Á noiva ! exclama.

E a porta range e cede, e franca e livre
Introduz o tufão, e um vulto assoma
Altivo e colossal. — Em honra, brada,
Do esposo deslembrado ! — e a taça empunha ;
Mas antes que o licor chegasse aos labios,
Desmaiada e por terra jaz a esposa,
E a dextra do infanção maneja o ferro,
Porque tão grande affronta lave o sangue,
Pouco, bem pouco para injuria tanta.
Debalde o fez, que lhe golfeja o sangue
D'ampla ferida no sinistro lado,
E ao pé da esposa o assassino surge
Co' o sangrento punhal na dextra alçado.

A flôr purpurea que matiza o prado,
Se o vento da manhã lhe entorna o calix,
Perde aroma talvez ; porém mais bello
Colorido lhe vem do sol nos raios.
As fagueiras feições d'aquelle rosto
Assim forão tambem ; não foi do tempo
Fatal o perpassar ás faces lindas.

Nota-lhe elle as feições, nota-lhe os labios,
Os curtos labios que lhe derão vida,
Longa vida de amor em longos beijos ;
Qual jamais não provou : e as iras todas
Dos zelos vingadores descançárão
No peito de soffrer cançado e cheio,
Cheio qual na praia fica a esponja,
Quando a vaga do mar passou sobre ella.

N'um relance fugio, minaz no vulto :
Como o raio que luz um breve instante,
Sobre a terra baixou, deixando a morte.

A LEVIANA

Souvent femme varie,
Bien fol est qui s'y fie.
FRANCISCO I.

Es engraçada e formosa
Como a rosa,
Como a rosa em mez d'Abril;
Es como a nuvem doirada
Deslisada,
Deslisada em céos d'anil.

Tu es vária e melindrosa,
Qual formosa
Borboleta n'um jardim,
Que as flôres todas afaga,
E divaga
Em devaneio sem fim.

Es pura, como uma estrella
Doce e bella
Que treme incerta no mar;
Mostras nos olhos tua alma
Terna e calma,
Como a luz d'almo luar.

Tuas fórmas tão donosas;
Tão airosas,
Fórmas da terra não são;
Pareces anjo formoso,
Vaporoso,
Vindo da ethérea mansão.

Assim, beijar-te receio,
Contra o seio
Eu tremo de te apertar ;
Pois me parece que um beijo
É sobejo
Para o teu corpo quebrar.

Mas não digas que es só minha !
Passa azinha
A vida, como a ventura,
Que te não vejão brincando,
E folgando
Sobre a minha sepultura.

Tal os sepulcros colora
Bella aurora
De fulgores radiante ;
Tal a vaga mariposa
Brinca e pousa
D'um cadaver no semblante.

A MINHA MUSA

Gratia, Musa, tibi ; nam tu solatia præbes
OVIDIO.

Minha Musa não é como nympha
Que se eleva das agoas — gentil —
Co'um sorriso nos labios mimosos,
Com requebros, com ar senhoril.

Nem lhe pouza nas faces redondas
Dos fagueiros anhelos a côr ;

N'esta terra não tem uma esp'rança,
N'esta terra não tem um amor.

Como fada de meigos encantos,
Não habita um palacio encantado,
Quer em meio de matas sombrias,
Quer á beira do mar levantado.

Não tem ella uma senda florida,
De perfumes, de flôres bem cheia,
Onde vague com passos incertos,
Quando o céo de luzeiros se arreia.

Não é como a de Horacio a minha Musa:
Nos soberbos alpendres dos Senhores
Não é que ella reside;
Ao banquete do grande em lauta mesa,
Onde gira o falerno em taças d'oiro,
Não é que ella preside.

Elle ama a solidão, ama o silencio,
Ama o prado florido, a selva umbrosa
E da rola o carpir.
Ella ama a viração da tarde amena,
O susurro das agoas, os accentos
De profundo sentir.

D'Anacreônte o genio prazenteiro,
Que de flôres cingia a fronte calva
Em brilhante festim,
Tomando inspirações á doce amada,
Que leda lh'enflorava a eburnea lyra:
De que me serve, a mim?

Canções que a turba nutre, inspira, exalta
Nas cordas magoadas me não pousão
Da lyra de marfim.
Correm meus dias, lacrimosos, tristes,
Como a noite que estende as negras azas
Por céo negro e sem fim.

É triste a minha Musa, como é triste
O sincero verter d'amargo pranto
D'orfã singela;
É triste como o som que a brisa espalha,
Que cicia nas folhas do arvoredo
Por noite bella.

É triste como o som que o sino ao longe
Vai perder na extensão d'ameno prado
Da tarde no cahir,
Quando nasce o silencio envolto em trevas,
Quando os astros derramão sobre a terra
Merencorio luzir.

Ella então, sem destino, erra por valles,
Erra por altos montes, onde a enchada
Fundo e fundo cavou;
E pára; perto, jovial pastora
Cantando passa — e ella scisma ainda
Depois que esta passou.

Além — da choça humilde s'ergue o fumo
Que em risonha espiral se eleva ás nuvens
Da noite entre os vapores;
Muge solto o rebanho; e lento o passo,
Cantando em voz sonora, porém baixa,
Vêm andando os pastores;

Outras vezes tambem, no cemiterio,
Incerta volve o passo, soletrando
Recordações da vida;
Róça o negro cipreste, calca o musgo,
Que o tempo fez brotar por entre as fendas
Da pedra carcomida.

Então corre o meu pranto muito e muito
Sobre as humidas cordas da minha Harpa,
Que não resôão;
Não chóro os mortos, não; chóro os meus dias,
Tão sentidos, tão longos, tão amargos,
Que em vão se escôão.

N'esse pobre cemiterio
Quem já me dera um logar!
Esta vida mal vivida
Quem já m'a dera acabar!

Tenho inveja ao pegureiro,
Da pastora invejo a vida,
Invejo o somno dos mortos
Sob a lage carcomida.

Se, qual pegão tormentoso,
O sopro da desventura
Vae bater potente á porta
De sumida sepultura;

Uma voz não lhe responde,
Não lhe responde um gemido,
Não lhe responde uma prece,
Um ai — do peito sentido.

Já não têm voz com que fallem,
Já não têm que padecer;

No passar da vida á morte
Foi seu extremo soffrer.

Que lh'importa a desventura?
Ella passou, qual gemido
De brisa em meio da mata
De verde alecrim florido.

Quem me dera ser como elles!
Quem me dera descansar!
N'esse pobre cemiterio
Quem me dera o meu logar,
E co'os sons das Harpas d'anjos
Da minha Harpa os sons casar!

DESEJO

E poi morir.
METASTASIO.

Ah! que eu não morra sem provar ao menos
Siquer por um instante, n'esta vida
Amor igual ao meu!
Dá, Senhor Deos, que eu sobre a terra encontre
Um anjo, uma mulher, uma ombra tua,
Que sinta o meu sentir;
Uma alma que me entenda, irmã da minha,
Que escute o meu silencio, que me siga
Dos ares na amplidão!
Que em laço estreito unidas, juntas, presas,
Deixando a terra e o lodo, aos céos remontem
N'um extasis de amor!

SEUS OLHOS

Oh! rouvre tes grands yeux dont la paupière tremble,
Tes yeux pleins de langueur;
Leur regard est si beau quand nous sommes ensemble!
Rouvre-les; ce regard manque à ma vie, il semble
Que tu fermes ton cœur.

TURQUETY. — *Amour et Foi.*

Seus olhos tão negros, tão bellos, tão puros,
De vivo luzir,
Estrellas incertas, que as agoas dormentes
Do mar vão ferir;

Seus olhos tão negros, tão bellos, tão puros,
Tem meiga expressão,
Mais doce que a briza, — mais doce que o nauta
De noite cantando, — mais doce que a frauta
Quebrando a soidão.

Seus olhos tão negros, tão bellos, tão puros,
De vivo luzir,
São meigos infantes, gentís, engraçados,
Brincando a sorrir.

São meigos infantes, brincando, saltando
Em jogo infantil,
Inquietos, travêssos; — causando tormento,
Com beijos nos págão a dôr de um momento,
Com modo gentil.

Seus olhos tão negros, tão bellos, tão puros,
Assim é que são;
Ás vezes luzindo, serenos, tranquillos,
Ás vezes volcão!

Ás vezes, oh! sim, derramão tão fraco,
Tão frouxo brilhar,
Que a mim me parece que o ar lhes fallece,
E os olhos tão meigos, que o pranto humedece,
Me fazem chorar.

Assim lindo infante, que dorme tranquillo,
Desperta a chorar;
E mudo e sisudo, scismando mil coisas,
Não pensa — a pensar.

Nas almas tão puras da virgem, do infante
Ás vezes do céo
Cáe doce harmonia d'uma Harpa celeste,
Um vago desejo; e a mente se veste
De pranto co'um véo.

Quer sejão saudades, quer sejão desejos
Da patria melhor;
Eu amo seus olhos que chórão sem causa
Um pranto sem dôr.

Eu amo seus olhos, tão negros, tão puros,
De vivo fulgor;
Seus olhos que exprimem tão doce harmonia,
Que fallão de amores com tanta poesia,
Com tanto pudor.

Seus olhos tão negros, tão bellos, tão puros,
Assim é que são;
Eu amo esses olhos que fallão de amores
Com tanta paixão.

INNOCENCIA

Sans nommer le nom qu'il faut bénir et taire.

SAINTE-BEUVE.

Ó meu anjo, vem correndo,
Vem tremendo
Lançar-te nos braços meus;
Vem depressa, que a lembrança
Da tardança
Me aviva os rigores teus.

Do teu rosto, qual marfim,
De carmim
Tinge um nada a côr mimosa;
É bello o pudor, mas chóro,
E deploro
Que assim sejas tão medrosa.

Por innocente tens medo
De tão cedo
De tão cedo ter amor;
Mas sabe que a formosura
Pouco dura,
Pouco dura, como a flôr.

Corre a vida pressurosa,
Como a rosa,
Como a rosa na corrente.
Amanhã terás amor?
Como a flôr,
Como a flôr fenece a gente.

Hoje ainda és tu donzella
Pura e bella,
Cheia de meigo pudor;
Amanhã menos ardente
De repente
Talvez sintas meu amor.

PEDIDO

Hontem no baile
Não me attendias!
Não me attendias,
Quando eu fallava.

De mim bem longe
Teu pensamento!
Teu pensamento,
Bem longe errava.

Eu vi teus olhos
Sobre outros olhos!
Sobre outros olhos,
Que eu odiava.

Tu lhe sorriste
Com tal sorriso!
Com tal sorriso,
Que apunhalava.

Tu lhe fallaste
Com voz tão doce!
Com voz tão doce,
Que me matava.

Oh! não lhe falles,
Não lhe sorrias,
Se então só qu'rias
Exp'rimentar-me.

Oh! não lhe falles,
Não lhe sorrias!
Não lhe sorrias,
Que era matar-me.

O DESENGANO

Já vigilias passei namorado,
Doces horas d'insomnia passei;
Já meus olhos, d'amor fascinado,
Em vêr só meu amor empreguei.

Meu amor era puro, extremoso,
Era amor que meu peito sentia,
Erão lavas de um fogo teimoso,
Erão notas de meiga harmonia.

Harmonia era ouvir sua voz,
Era ver seu sorriso harmonia;
E os seus modos e gestos e ditos
Erão graças, perfume e magia.

E o que era o teu amor, que me embalava
Mais do que meigos sons de meiga lyra?
Um dia o decifrou — não mais que um dia —
Fingimento e mentira!

Tão bello o nosso amor! — foi só de um dia,
Como uma flôr!
Porque tão cedo o talisman quebraste
Do nosso amor?

Porque n'um só instante assim partiste
Essa annosa cadeia?
De bom grado a soffreste! essa lembrança
Inda hoje me recreia.

Quão insensato fui! — busquei firmeza,
Qual em ondas de areia movediça
Na mulher, não achei!
E da esp'rança, que eu via tão donosa
Sorrir dentro em minha alma, as longas azas
Doido e nescio cortei!

E tu vais caprichosa proseguindo
Essa esteira de amor, que julgas cheia
De flôres bem gentís;
Pódes ir, que os meus olhos te não vejão;
Longe, longe de mim, mas que em minha alma
Eu sinta qu'es feliz.

Pódes ir, que é desfeito o nosso laço;
Pódes ir que o teu nome nos meus labios
Nunca mais soará!
Sim, vai; — mas este amor que me atormenta,
Que tão grato me foi, que me é tão duro,
Commigo morrerá!

Tão bello o nosso amor! — foi só de um dia
Como uma flôr!
Oh! que bem cedo o talisman quebraste
Do nosso amor!

MINHA VIDA E MEUS AMORES

Mon Dieu, fais que je puisse aimer !
SAINTE-BEUVE.

Quando, no albor da vida, fascinado
Com tanta luz e brilho e pompa e galas,
Vi o mundo sorrir-me esperançoso :
— Meu Deus, disse entre mim ! oh ! quanto é doce,
Quanto é bella esta vida assim vivida ! —
Agora, logo, aqui, além, notando
Uma pedra, uma flôr, uma lindeza,
Um seixo da corrente, uma conchinha
A beiramar colhida !

Foi esta a infancia minha ; a juventude
Fallou-me ao coração : — amemos, disse,
Porque amar é viver.
E esta era linda, como é linda a aurora
No fresco da manhã tingindo as nuvens
De rosea côr fagueira ;
Aquella tinha um quê de anhelos meigos
Artifice sublime ;
Feiticeiro sorrir dos labios d'ella
Prendeu-me o coração ; — julgei-o ao menos.

Aquella outra sorria tristemente,
Como um anjo no exilio, ou como o calix
De flôr pendida e murcha e já sem brilho.
Humilde flôr tão bella e tão cheirosa,
No seu deserto perfumando os ventos.
— Eu morrêra feliz, dizia eu d'alma,
Se podesse enxertar uma esperança

N'aquella alma tão pura e tão formosa,
E um alegre sorrir nos labios d'ella.

A fugaz borboleta as flôres todas
Elege, e liba e uma e outra, e foge
Sempre em novos amores enlevada :
N'este meu paraiso fui como ella,
Inconstante vagando em mar de amores.

O amor sincero e fundo e firme e eterno,
Como o mar em bonança meigo e doce,
Do templo como a luz perenne e santo,
Não, eu nunca o senti ; — sómente o viço
Tão forte dos meus annos, por amores
Tão faceis quanto indi'nos fui trocando.
Quanto fui louco, ó Deus ! — Em vez do fructo
Sasonado e maduro, que eu podia
Como em jardim colher, mordi no fructo
Putrido e amargo e rebuçado em cinzas,
Como infante glotão, que se não senta
Á mesa de seus paes.

Dá, meu Deus, que eu possa amar,
Dá que eu sinta uma paixão,
Torna-me virgem minha alma,
E virgem meu coração.

Um dia, em qu'eu sentei-me junto d'ella,
Sua voz murmurou nos meos ouvidos,
— Eu te amo ! — Ó anjo, que não possa eu crer-te !
Ella, certo, não é mulher que vive
Nas fezes da deshonra, em cujos labios
Só mentira e traição eterno habitão.
Tem uma alma innocente, um rosto bello,
E amor nos olhos.... — mas não posso crêl-a.

Dá, meu Deus, que eu possa amar,
Dá que eu sinta uma paixão;
Torna-me virgem minha alma,
E virgem meu coração.

Outra vez que lá fui, que a vi, que a medo
Terna voz lhe escutei: — Sonhei comtigo!
Ineffavel prazer banhou meu peito,
Senti delicias; mas a sós commigo
Pensei — talvez! — e já não pude crêl-a.

Ella tão meiga e tão cheia de encantos,
Ella tão nova, tão pura e tão bella....
Amar-me! Eu que sou?
Meos olhos enxergão, emquanto duvida
Minha alma sem crença, de força exhaurida,
Já farta da vida,
Que amor não doirou.

Máo grado meu, crer não posso,
Máo grado meu que assim é;
Queres ligar-te commigo
Sem no amor ter crença e fé?

Antes vai collar teu rosto,
Collar teu seio nevado
Contra o rosto mudo e frio,
Contra o seio d'um finado.

Ou supplica a Deus commigo
Que me dê uma paixão;
Que me dê crença á minha alma,
E vida ao meu coração.

RECORDAÇÃO

Nessun maggior dolore...
DANTE.

Quando em meu peito as afflicções rebentão
Eivadas de soffrer acerbo e duro;
Quando a desgraça o coração me arrocha
Em circulos de ferro, com tal força,
Que delle o sangue em borbotões golfeja;
Quando minha alma de soffrer cançada,
Bem que affeita a soffrer, siquer não póde
Clamar : Senhor, piedade ! — e os meus olhos
Rebeldes, uma lagrima não vertem
Do mar d'angustias que meu peito opprime:

Volvo aos instantes de ventura, e penso
Que a sós comtigo, em pratica serena,
Melhor futuro me augurava, as doces
Palavras tuas, sôfregos, attentos
Sorvendo meus ouvidos, — nos teus olhos
Lendo os meus olhos tanto amor, que a vida
Longa, bem longa, não bastará ainda
Porque de os ver me saciasse ! .... O pranto
Então dos olhos meus corre espontaneo,
Que não mais te verei. — Em tal pensando
De martyrios calar sinto em meu peito
Tão grande plenitude, que a minha alma
Sente amargo prazer de quanto soffre.

TRISTEZA

Que leda noite ! — Este ar embalsamado,
Este silencio harmonico da terra
Que sereno prazer n'alma cançada
Não expreme, não filtra, não diffunde ?
A brisa lá susurra na folhagem
D'espessas matas, d'arvores robustas,
Que velão sempre e sós, que a Deus elevão
Mysterioso côro, que do Bardo
A crença quasi morta ainda alimenta.
É esta a hora magica de encantos,
Hora d'inspirações dos céos, descidas,
Que em delirio de amor aos céos remontão.

Aqui da vida as lastimas infindas,
Do myrrado egoismo a voz ruidosa
Não chegão ; nem soluços, risos, festas,
— Hilaridade vã de turba incauta,
Nescia de ruim futuro ; ou queixa amarga
Do decrepito velho, enfermo, exangue,
Nem do mancebo os ais doidos, preso
Ao leito do soffrer na flôr da vida.

Aqui reina o silencio, o religioso,
Morno socego, que povôa as ruinas,
E o mausoléo soberbo, carcomido,
E o templo magestoso, em cuja nave
Suspira ainda a nota maviosa,
O derradeiro arfar d'orgão solemne.
Em puro céo a lua resplandece,
Melancolica e pura, semelhando

Gentil viuva que pranteia o extincto,
O bello esposo amado, e vem de noite,
Vivendo pelo amor, máo grado a morte,
Ferventes orações chorar sobre elle.

Eu amo o céo assim, sem uma estrella,
Azul sem mancha, — a lua equilibrada
N'um céo de nuvens, e o frescor da tarde,
E o silencio da noite adormecida,
Que imagens vagas de prazer desenha;
Amo tudo o que dá no peito e n'alma
Tregoas ao recordar, tregoas ao pranto,
A v'hemencia da dôr, á pertinacia
Tenaz e acerba de crueis lembranças;
Amo estar só com Deus, porque nos homens
Achar não pude amor, nem pude ao menos
Signal de compaixão achar entre elles.

Menti! — um inda achei; mas este em ocio
Feliz descança agora, emquanto aos ventos
E ao crú furor das verde-negras ondas
Da minha vida a barca aventureira
Insano confiei; em céo diverso
Luzem com luz diversa estrellas d'ambos.
Ai! triste; que houve tempo em que eu julgava
As duas uma só, — c'o o mesmo brilho
Uma e outra nos céos meigas brilhavão!
Hoje scintilla a delle, emquanto a minha
Entre nuvens, sem luz, se perde agora.
Meu Deos, foi bom assim! No immenso pégo
Mais uma gotta d'amargor que importa?
Que importa o fel na taça do absyntho,
Ou uma dôr de mais onde outras reinão?

O TROVADOR

Elle cantava tudo o que merece de ser cantado ; o que ha na terra de grande e de santo — o amor e a virtude. —

N'uma terra antigamente
Existia um Trovador ;
Na Lyra sua innocente
Só cantava o seu amor.

Nenhum saráo se acabava
Sem a Lyra de marfim,
Pois cantar tão alto e doce
Nunca alguem ouvíra assim.

E quer donzella, quer dona,
Que sentíra commoção
Pular-lhe n'alma, escutando
Do Trovador a canção ;

De jasmins e de açucenas
A fronte sua adornou ;
Mas só a rosa da amada
Na Lyra amante poisou.

E o Trovador conheceu
Que era trahido — por fim ;
Poz-se a andar, e só se ouvia
Nos seus labios : ai de mim !

Enlutou de negro fumo
A rosa de seu amor,
Que meia occulta se via
Na gorra do Trovador ;

Como virgem bella, morta
Da idade na linda flôr,
Que parece, o dó trajando,
Inda sorrir-se de amor.

No meio do seu caminho
Gentil donzella encontrou:
Canta — disse; e as cordas d'oiro
Vibrando, o triste cantou

« Teu rosto engraçado e bello
« Tem a lindeza da flôr;
« Mas é risonho o teu rosto;
« Não tens de sentir amor!

« Mas tambem por esse dia
« Que viverás, como a flôr,
« Mimosa, engraçada e bella,
« Não tens de sentir amor!

« Oh! não queiras, por Deus, homem que tenha
« Tingida a larga testa de pallor;
« Sente fundo a paixão, — e tu no mundo
« Não tens de sentir amor!

« Sorriso jovial te enfeita os labios,
« Nas faces de jasmim tens rosea côr:
« Fundo amor não se ri, não é corado...
« Não tens de sentir amor;

« Mas, se queres amar, eu te aconselho,
« Que não guerreiro, escolhe um trovador,
« Que não tem um punhal, quando é trahido,
« Que vingue o seu amor. »

Do Trovador pelo rosto
Torva raiva se espalhou,
E a Lyra sua, tremendo,
Sem cordas d'oiro ficou.

Mais além no seu caminho
Donzel garboso encontrou:
Canta — disse; e argenteas cordas
Pulsando, o triste cantou.

« Aos homens da mulher enganão sempre
« O sorriso, o amor;
« É este breve, como é breve aquelle
« Sorriso enganador.

« Teu peito por amor, Donzel, suspira,
« Que é de jovens amar a formosura,
« Mas sabe que a mulher, que amor te jura,
« Dos lindos labios seus cospe a mentira!

« Já frenetico amor cantei na lyra,
« Delicias já sorvi n'um seu sorriso,
« Já venturas fruí do paraiso,
« Em terna voz de amor, que era mentira!

« O amor é como a aragem que murmura
« Da tarde no cahir — pela folhagem;
« Não volta o mesmo amor á formosura,
« Bem como nunca volta a mesma aragem.

« Não queiras amar, não; pois que a'sperança
« Se arroja além do amor por largo espaço.
« Tu tens, brilhando ao sol, a forte lança,
« Tens longa espada scintillante d'aço.

« Tens a fina armadura de Milão,
« Tens luzente e brilhante capacete,
« Tens adága e punhal e bracelete
« E, qual lúcido espelho, o morrião.

« Tens fogoso corsel todo arreiado,
« Que mais veloz que os ventos sorve a terra;
« Tens duellos, tens justas, tens torneios,
« Que os fracos corações de medo cerra;
« Tens pagens, tens varletes e escudeiros
« E a marcha afoita, apercebida em guerra
« Do luzido esquadrão de mil guerreiros.

« Oh! não queiras amar! — Como entre a neve
« O gigante volcão borbulha e ferve
« E sulfurea chamma pelos ares lança,
« Que após o seu cahir torna-se fria;
« Assim tu acharás petrificada,
« Bem como a lava ardente do volcão,
« A lava que teu peito comsumia
« No peito da mulher — ou cinza ou nada —
« Não frio, mas gelado o coração! »

E o Trovador despeitoso
De prata as cordas quebrou,
E nas de chumbo seu fado
A lastimar começou.

« Que triste que é n'este mundo
« O fado d'um Trovador!
« Que triste que é! — bem que tenha
« Sua Lyra e seu amor.

« Quando em festejos descanta,
« Rasgado o peito com dôr,

« Mimoso tem de cantar
« Na sua Lyra — o amor!

« Como a um servo vil ordena
« Um orgulhoso Senhor,
« Canta, diz-lhe: quero ouvir-te;
« Quero descantes de amor!

« Diz-lhe o guerreiro, que apenas
« Lidou em justas de amor:
« — Minha dama quer ouvir-te,
« Canta, truão trovador! —

« Manda a mulher que nos deixa
« De beijos murchada flôr:
« — Canta, truão, quero ouvir-te,
« Um terno canto de amor!

« Mas, se a mulher, que elle adora
« Atraiçôa a seu amor;
« Embalde busca a seu lado
« Um punhal — o Trovador!

« Se escuta palavras della,
« Que a outros jurão amor;
« Embalde busca a seu lado
« Um punhal — o Trovador!

« Se vê luzir de alguns labios
« Um sorriso mofador;
« Embalde busca a seu lado
« Um punhal — o Trovador!

« Que triste que é n'este mundo
« O fado d'um Trovador!
« Pezar lhe dá sua Lyra,
« Dá-lhe pezar seu amor! »

E o Trovador n'este ponto
  A corda extrema arrancou ;
E n'um marco do caminho
  A Lyra sua quebrou :
Ninguem mais a voz sentida
  Do Trovador escutou !

AMOR ! DELIRIO — ENGANO

Y el llanto que en su cólera derrama,
La hoguera apaga del antiguo amor !
ZORRILLA.

Amor ! delirio — engano.... Sobre a terra
Amor tambem fruí; a vida inteira
Concentrei n'um só ponto — amal-a, e sempre.
Amei ! — dedicação, ternura, extremos
Scismou meu coração, scismou minha alma,
— Minha alma que na taça da ventura
Vida breve d'amor sorveu gostosa.
Eu e ella, ambos nós, na terra ingrata
Oásis, paraiso, eden ou templo
Habitámos uma hora ; e logo o tempo
Com a foice roaz quebrou-lhe o encanto,
Doce encanto que o amor nos fabricára.

E eu sempre a via !... quer nas nuvens d'oiro,
Quando ia o sol nas vagas sepultar-se,
Ou quer na branca nuvem que velava
O circulo da lua, — quer no manto
D'alvacenta neblina que baixava
Sobre as folhas do bosque, muda e grave
Da tarde no cahir; nos céos, na terra,
A ella, a ella só, vião meus olhos

Seu nome, sua voz — ouvia eu sempre;
Ouvia-os no gemer da parda rola,
No trépido correr da veia argentea,
No respirar da brisa, no susurro
Do arvoredo frondoso, na harmonia
Dos astros ineffavel; — o seu nome
Nos fugitivos sons de alguma frauta,
Que da noite o silencio realçavão,
Os ares e a amplidão divinisando,
Ouvião meus ouvidos; e de ouvil-o
Arfava de prazer meu peito ardente.

Ah! quantas vezes, quantas! junto d'ella
Não senti sua mão tremer na minha;
Não lhe escutei um languido suspiro,
Que vinha lá do peito á flôr dos labios
Deslisar-se e morrer?! Dos seus cabellos
A magica fragrancia respirando,
Escutando-lhe a voz doce e pausada,
Mil venturas colhi dos labios d'ella,
Que instantes de prazer me futuravão.
Cada sorriso seu era uma esp'rança,
E cada esp'rança enlouquecer de amores.

E eu amei tanto! — Oh! não! não hão de os homens
Saber que amor, á ingrata, havia eu dado;
Que affectos melindrosos, que em meu peito
Tinha eu guardado para ornar-lhe a fronte!
Oh! não, — morra commigo o meu segredo;
Rebelde o coração murmure embora.

Que de vezes, pensando a sós commigo,
Não disse eu entre mim: — Anjo formoso,
Da minha vida que farei, se acaso
Faltar-me o teu amor um só instante;

— Eu que só vivo por te amar, que apenas
O que sinto por ti a custo exprimo?
No mundo que farei, como estrangeiro
Pelas vagas crueis á praia inhóspita
Exanime arrojado? — Eu, que isto disse,
Existo e penso — e não morri, — não morro
Do que outr'ora senti, do que ora sinto,
De pensar nella, de a revêr em sonhos,
Do que fui, do que sou e ser podia!

Existo; e ella de mim jaz esquecida!
Esquecida talvez de amor tamanho,
Derramando talvez n'outros ouvidos
Frases doces de amor, que dos seus labios
Tantas vezes ouvi, — que tantas vezes
Em extasis divino aos céos me alçárão,
— Que dando á terra ingrata o que era terra
Minha alma além das nuvens transportárão.
Existo! como outr'ora, no meo peito
Férvido o coração pular sentindo,
Todo o fogo da vida derramando
Em queixas mulherís, em molles versos.
E ella!... ella talvez nos braços d'outrem
Com sua vida alimenta uma outra vida,
Com o seu coração o de outro amante,
Que mais feliz do que eu, inferno! a goza.
Ella, que eu respeitei, que eu venerava
Como a reliquia santa! — a quem meus olhos,
Receiando offendel-a, tantas vezes
De castos e de humildes se abaixárão!
Ella, perante quem sentia eu presa
A voz nos labios e a paixão no peito!
Ella, idolo meu, a quem o orgulho,

A força d'homem, o sentir, vontade
Propria e minha dediquei, — sugeitã
A voz de alguem que não sou eu, — desperta,
Talvez no instante em que de mim se lembra,
Por um osculo frio, por caricias
Devidas d'um esposo !...
Oh ! não poder-te,
Abutre roedor, cruel ciume,
Tua funda raiz e a imagem d'ella
No peito em sangue espedaçar raivoso!

Mas tu, cruel, que es meu rival, n'uma hora,
Em que ella só julgar-se, has de escutar-lhe
Um quebrado suspiro do imo peito,
Que d'éras já passadas se recorda.
Has de escutal-o, e ver-lhe a côr do rosto
Enrubecer-se ao deparar comtigo!
Preza serás tambem d'átros cuidados,
Terás ciume, e soffrerás qual soffro :
Nem menor que o meu mal quero a vingança.

DELIRIO

Quando dormimos o nosso espirito véla.
ESCHYLO

Á noite quando durmo, esclarecendo
As trevas do meu somno,
Uma ethérea visão vem assentar-se
Junto ao meu leito afflicto !
Anjo ou mulher ? não sei. — Ah ! se não fosse
Um qual véo transparente,
Como que a alma pura alli se pinta
Ao travez do semblante,

Eu a crêra mulher.... — E tentas, louco,
Recordar o passado,
Transformando o prazer, que desfrutaste,
Em lentas agonias?!

Visão, fatal visão, porque derramas
Sobre o meu rosto pallido
A luz de um longo olhar, que amor exprime
E pede compaixão?
Porque teu coração exhala uns fundos,
Magoados suspiros,
Que eu não escuto; mas que vejo e sinto
Nos teus labios morrer?
Porque esse gesto e morbida postura
De macerado espirito,
Que vive entre afflicções, que já nem sabe
Desfructar um prazer?

Tu fallas! tu que dizes? este accento
Esta voz melindrosa,
N'outros tempos ouvi, porém mais leda;
Era um hymno d'amor.
A voz, que escuto, é magoada e triste,
— Harmonia celeste,
Que á noite vem nas azas do silencio
Humedecer as faces
Do que enxerga outra vida além das nuvens.
Esta voz não é sua;
E accorde talvez d'harpa celeste,
Cahido sobre a terra!

Balbucias uns sons, que eu mal percebo,
Doridos, compassados,
Fracos, mais fracos; — lagrimas despontão
Nos teus olhos brilhantes...

Choras! tu choras!.... Para mim teus braços
Por força irresistivel
Estendem-se, procurão-me; procuro-te
Em delirio afanoso.
Fatidico poder entre nós ambos
Ergueu alta barreira;
Elle te enlaça e prende... mal resistes....
Cédes emfim... acórdo!

Acórdo do meu sonho tormentoso,
E chóro o meu sonhar!
E fecho os olhos, e de novo intento
O sonho reatar.
Embalde! porque a vida me tem preso;
E eu sou escravo seu!
Acordado ou dormindo, é triste a vida.
Desque o amor se perdeu.
Ha comtudo prazer em nos lembrarmos
Da passada ventura,
Como o que educa flôres vicejantes
Em triste sepultura.

EPICEDIO

Passa la bella donna e par che dorma.
TASSO.

Seu rosto pallido e bello
Já não tem vida nem côr!
Sobre elle a morte descança,
Envolta em baço pallor.

Cerrárão-se olhos tão puros,
Que tinhão tanto fulgor ;
Coração que tanto amava
Já hoje não sente amor ;

Que o anjo bello da morte
A par d'esse anjo baixou !
Trocárão brandas palavras,
Que Deus sómente escutou.

Ventura, prazer, ledice
D'uma outra vida cantou ;
E o anjo puro da terra
Prazer da terra engeitou.

Depois co'as azas candentes
O formoso anjo do céo
Roçou-lhe a face mimosa,
Cubrio-lhe o rosto co'um véo,

Depois o corpo engraçado
Deixou á terra sem vida,
De tenue pallor coberto,
— Verniz de estatua esquecida.

E bella assim, como um lírio
Murcho da sésta ao ardor,
Teve a innocencia dos anjos,
Tendo o viver d'uma flôr.

Foi breve ! mas a desgraça
A testa não lhe enrugou,
E aos pés do Deus que a creára
Alma inda virgem levou.

Sáe da larva a borboleta,
Sáe da rocha o diamante,
De um cadaver mudo e frio
Sáe uma alma radiante.

Não choremos essa morte,
Não choremos casos taes ;
Quando a terra perde um justo,
Conta um anjo o céo de mais.

SOFFRIMENTO

Meu Deus, Senhor meu Deus, o que ha no mundo
Que não seja soffrer ?
O homem nasce, e vive um só instante,
E soffre até morrer !

A flôr ao menos, nesse breve espaço
Do seu doce viver,
Encanta os ares com celeste aroma,
Querida até morrer.

É breve o romper d'alva, mas ao menos
Traz comsigo prazer ;
E o homem nasce e vive um só instante :
E soffre até morrer !

Meu peito de gemer já está cançado,
Meus olhos de chorar !
E eu soffro ainda, e já não posso allivio
Sequer no pranto achar !

Já farto de viver, em meia vida,
Quebrado pela dôr,
Meus annos hei passado, uns após outros,
Sem paz e sem amor.

O amor que eu tanto amava do imo peito,
Que nunca pude achar,
Que embalde procurei, na flôr, na planta,
No prado, e terra, e mar!

E agora o que sou eu ? — Pallido espectro,
Que da campa fugio ;
Flôr ceifada em botão ; imagem triste
De um ente que existio...

Não escutes, meu Deus, esta blasfemia ;
Perdão, Senhor, perdão !
Minha alma sinto ainda, — sinto, escuto
Bater-me o coração.

Quando roja meu corpo sobre a terra,
Quando me afflige a dôr,
Minha alma aos céos se eleva, como o incenso,
Como o aroma da flôr.

E eu bemdigo o teu nome eterno e santo,
Bemdigo a minha dôr,
Que vai além da terra aos céos infindos
Prender-me ao creador.

Bemdigo o nome teu, que uma outra vida
Me fez descortinar,
Uma outra vida, onde não ha só trevas,
E nem ha só penar.

CONSOLAÇÃO NAS LAGRIMAS

Las lágrimas puras que entónces se vierten.
Acaso divierten
En vez de doler.

ZORRILLA

Como é bello á meia noite
O azul do céo transparente,
Quando a esphera d'alva lua
Vagueia mui docemente,
Quando a terra não ruidosa
Toda se cala dormente,
Quando o mar tranquillo e brando
Na areia chora frementе!

Como é bello este silencio
Da terra, todo harmonia,
Que aos céos a mente arrebata
Cheia de meiga poesia!
Como é bella a luz que brilha
Do mar na viva ardentia!
Este pranto como é doce,
Que entorna a melancolia!

Est' aragem como é branda
Que enruga a face do mar,
Que na terra passa e morre
Sem nas folhas susurrar!
Os sons d'aéreo instrumento
Quizera agora escutar,
Quizera magoas pungentes
Neste silencio olvidar!

O azul do céo, nem da lua
  A doce luz reflectida,
Nem o mar beijando a praia,
  Nem a terra adormecida,
Nem meigos sons, nem perfumes,
  Nem a brisa mal sentida,
Nem quanto agrada e deleita,
  Nem quanto embelleza a vida;

Nada é melhor que este pranto
  Em silencio gotejado,
Meigo e doce, e pouco a pouco
  Do coração despegado;
Não sôro de fel, mas santo
  Frescor em peito chagado;
Não espremido entre dôres,
  Mas quasi em prazer coado!

CANÇÃO

Yo no soy mas que un poeta,
Sin otro bien que mi lira.

ZORRILLA.

Tenho uma harpa religiosa,
Toda inteira fabricada
De madeira preciosa
Sobre o Libano cortada.
Foi o Senhor quem m'a deu,
De santas palmas coberta,
Que as notas suas concerta
Aos sons do salterio hebreu!

Tenho alaúde polido
Em que antigos Trovadores,
Em tom de guerra atrevido,
Cantavão trovas de amores.
Mas chegando a Santa Cruz,
De volta do meu desterro,
Cortei-lhe as cordas de ferro,
Cordas de prata lhe puz.

Tenho tambem uma lyra
De festões engrinaldada,
Onde minha alma afinada
Melindres d'amor suspira.
Nas grinaldas, nos festões,
Nas rosas com que s'inflora,
Goteja o orvalho da aurora,
Dictámo dos corações.

Eis o que tenho, ó Donzella,
Só harpa, alaúde e lyra;
Nem vejo sorte mais bella,
Nem coisa que lhe eu prefira.
Votei assim ao meu Deus
A minha harpa religiosa,
A ti a lyra mimosa,
O grave alaúde aos meus!

LYRA

Cœur sans amour est un jardin sans fleur.
L. Halévy.

Se me queres a teus pés ajoelhado,
Ufano de me ver por ti rendido,

Ou já em mudas lagrimas banhado;
Volve, impiedosa,
Volve-me os olhos;
Basta uma vez!

Se me queres de rojo sobre a terra,
Beijando a fimbria dos vestidos teus,
Calando as queixas que meo peito encerra,
Dize-me, ingrata,
Dize-me : eu quero!
Basta uma vez!

Mas, se antes folgas de me ouvir na lyra
Louvor singelo dos amores meus,
Por que minha alma ha tanto em vão suspira;
Dize-me, ó bella,
Dize-me : eu te amo!
Basta uma vez!

AGORA E SEMPRE

Pome me pigris ubi nulla campis
Arbor æstiva recreatur aura.
. . . .
Dulce ridentem Lalagen amabo,
Dulce loquentem.
HORACIO. OD.

Ponhão-me embora na crestada Libia,
Ou lá nas zonas em que o gelo mora,
Alli tua alma viverá commigo,
Alli teu nome!

Ponhão-me em terras que leões só crião,
Nas altas serras que o condor habita;
Alli ainda viverá comtigo
Minha alma ardente.

Faminto e triste na região deserta:
Co'os pés em sangue de esfarpada estilha,
Cortado o rosto do gelado vento,
Mádida a coma:

Alli aos urros do leão sedento,
Aos crebros gritos do condor alpestre,
Ardendo em chammas d'este amor sem termo,
Direi: Eu te amo!

Duros ferrolhos de prisão medonha
Escute embora sepultar-me em vida;
Embora sinta roxear-me os pulsos
Ferreas algemas;

Embora malhos de tortura infame
Quebrem-me os ossos no medroso equuleo;
Agudos dentes de tenaz raivosa
Mordão-me as carnes;

Nas feias sombras da cruel masmorra,
Nos duros tratos da tortura bruta,
Quer só commigo, quer em meio ás gentes
Direi: Eu te amo!

Mas nunca o gelo, nem a frágua ardente,
Nem brutas feras, nem crueza humana
Farão que eu soffra mais agudas dôres,
Nem mais penadas!

Reclina-se outro em teu nevado seio,
Cinge-te o corpo em divinaes caricias,
Beija-te o collo, beija-te o sorriso,
Goza-te e vive!

E eu no entanto extorso-me com dôres!
Praguejo o inferno que nos poz tão longe,
Louco bravejo, misero soluço...
Desejo e morro!

A VIRGEM

— Tiene mas de vaporosa sombra,
De inefable vision que de mujer.
ZORRILLA.

Linda virgem semelha a linda rosa,
Que se abre ao romper d'alva;
Encapellão-se as petalas mimosas,
Lacradas de pudor com rubro sello :
Cego mortal só lhe respira o incenso;
Mas d'ella a abelha extrahe seu mel mais puro.

Seu nobre coração é como um templo,
Onde só Deos habita;
Alli reina o mysterio envolto em sombras
E maga placidez envolta em cantos;
Só vê isto o profano; mas o antiste
De Deus a sombra vê, e a voz lhe escuta.

É como um lago de marmoreo leito
Sua alma ingenua e bella;
No fundo não se enxerga o verde limo,
E a lisa face nos amostra os astros.

E onde o humilde pastor só vê luzeiros,
Os anjos lá dos céos contemplão mundos.

E se eu a vejo nos saráos ruidosos
C'roada de belleza,
E a sombra da tristeza irresistivel
Tingir-lhe o rosto, e desbotar-lhe o riso ;
Na mulher, que outros vêm, descubro o anjo,
Que as azas d'oiro, que perdeu, lamenta !

Então como que sinto arrebatar-me
Sympathica attracção !
Quizera doces carmes de ternura
Nas mais delgadas cordas da minha Harpa
Cantar-lhe, e assim dizer-lhe : « Um canto ao menos,
O acerbo exilio teu torne mais brando ! »

Baldado empenho! Começado apenas,
Afrouxa-se-me o canto ;
Debaixo dos meus dedos mal palpita
A corda melindrosa da minha Harpa ;
E como em espaço, que até d'ar carece,
Tangida, o extremo som morre sem echo!

ROSA NO MAR

Rosa, rosa de amor purpurea e bella,
Quem entre os goivos te esfolhou da campa !

GARRETT.

Por uma praia arenosa,
Vagarosa
Divagava uma Donzella ;
Dá largas ao pensamento,
Brinca o vento
Nos soltos cabellos d'ella.

Leve ruga no semblante
  Vem n'um instante,
Que n'outro instante se alisa;
Mais veloz que a sua ideia
  Não volteia,
Não gira, não foge a brisa.

No virginal devaneio
  Arfa o seio,
Pranto ao riso se mistura;
Doce rir dos céos encanto,
  Leve pranto,
Que amargo não é, nem dura.

N'esse logar solitario,
  — Seu fadario, —
De ver o mar se recreia;
De o ver, á tarde, dormente,
  Docemente
Suspirar na branca areia.

Agora, qual sempre usava,
  Divagava
Em seu pensar embebida;
Tinha no seio uma rosa
  Melindrosa,
De verde musgo vestida.

Ia a virgem descuidosa,
  Quando a rosa
Do seio no chão lhe cahe:
Vem um'onda bonançosa,
  Qu'impiedosa
A flôr comsigo retrahe

A meiga flôr sobrenada;
  De agastada,
A virge' a não quer deixar!
Bóia a flôr; a virgem bella,
  Vai trás ella,
Rente, rente — á beiramar.

Vem a onda bonançosa,
  Vem a rosa;
Foge a onda, a flôr tambem.
Se a onde foge, a donzella
  Vai sobre ella!
Mas foge, se a onda vem.

Muitas vezes enganada,
  De enfadada
Não quer deixar de insistir;
Das vagas menos se espanta,
  Nem com tanta
Presteza lhes quer fugir.

N'isto o mar que se encapella
  A virgem bella
Recolhe e leva comsigo;
Tão fallaz em calmaria,
  Como a fria
Polidez de um falso amigo.

Nas aguas alguns instantes,
  Fluctuantes
Nadárão brancos vestidos:
Logo o mar todo bonança,
  A praia cança
Com monotonos latidos.

Um doce nome querido
  Foi ouvido,
Ía a noite em mais de meia :
Toda a praia perlustrárão,
  Nem achárão
Mais que a flôr na branca areia.

O AMOR

Amare amabam.
S. Agost.

Amor! enlevo d'alma, arroubo, encanto
D'esta existencia misera, onde existes?
Fino sentir ou magico transporte
(O quer que seja que nos leva a extremos,
Aos quaes não basta a natureza humana),
Sympathica attracção d'almas sinceras
Que unidas pelo amor, no amor se apurão,
Por quem suspiro, serás nome apenas ?

A inutil chamma reseccou meos labios,
Mirrou-me o coração da vida em meio,
E á terra fez baixar a mente errada
Que entre nuvens, amor, por ti bradava!
Não te pude encontrar! en vão meus annos
No louco intento esperdicei; gelados,
Uns após outros a cahir precipites
Na urna do passado os vi; eu triste,
Amor, por ti clamava; — e o meu deserto
Aos meus accentos reboava embalde.

Em vão meu coração por ti se fina,
Em vão minha alma te compr'hende e busca,
Em vão meus labios sofregos cubição
Librar a taça que aos mortaes off'reces!
Dizem-na funda, inexgotavel, meiga,
Emquanto a vejo rasa, amarga e dura!
Dizem-na balsamo, eu veneno a sorvo;
Prazer, doçura, — eu dôr e fel encontro!

Dobrei-me ás duras leis que me impozeste,
Curvei ao jugo teu meu collo humilde,
Feri-me aos teos ardentes passadores,
Prendi-me aos teus grilhões, rojei por terra...
E o lucro?... forão lagrimas perdidas,
Foi roxa cicatriz qu'inda conservo,
Desbotada a illusão e a vida exhausta!

Celeste emanação, gratos effluvios
Das roseiras do céo; bater macio
Das azas auri-brancas d'algum anjo,
Que roça em noite amiga a nossa esphera,
Centelha e luz do sol que nunca morre;
És tudo, e mais do qu'isto: — és luz e vida,
Perfume, e vôo d'anjo mal sentido,
Peregrinas essencias trescalando!...
Tambem passas veloz, — breve te apagas,
Como d'uma ave a sombra fugitiva,
Desgarrada voando á flôr de um lago!

SEMPRE ELLA

> Per noctem quæsivi, *quam* diligit anima mea, et non inveni *illam*.
>
> CANT. DOS CANT.

Eu amo a doce virgem pensativa,
Em cujo rosto a pallidez se pinta,
Como nos céos a matutina estrella!
A dôr lhe ha desbotado a côr das faces,
E o sorriso que lhe roça os labios
Murcha ledo sorrir nos labios d'outrem.

Tem um timbre de voz que n'alma echôa,
Tem expressões d'angelica doçura,
E a mente do que as ouve, se perfuma
De amor profundo e de piedade santa,
E exhala effluvios d'um odor suave
De áloes, de myrrha ou de mais grato incenso.

E n'essas horas, quando a mente afflicta,
De dôr occulta remordida, anceia
Desabrochar-se em confidencia amiga,
« N'este mundo o que sou? — triste clamava;
« Pérsica envolta em pó, entre ruinas,
« Erma e sósinha a resolver-me em pranto!

« Flôr desbotada em hastea já roída,
« De cujo tronco as outras amarellas
« Já rójão sobre o pó, já murchas pendem!
« É sentir e soffrer a minha vida! »
Merencoria dizai, erguendo os olhos
Aos céos d'um claro azul, que lhes sorrião.

Náda o mudo alcyon por sobre os mares,
E proximo a seu fim desata o canto ;
A rosa do Sarão lá se despenha
Nas agoas do Jordão : e como a rosa,
Como o cysne, do mar entre os perfumes,
Aos sons d'uma Harpa interna ella morria !

Como o pastor que avista a linda rosa
Nas aguas da corrente, e como o nauta
Que vê, que escuta o cysne ir-se embalado
Sobre as aguas do mar, cantando a morte ;
Eu tambem a segui — a rosa, o cysne,
Que lá se foi sumir por clima estranho.

E depois que os meus olhos a perdêrão,
Como se perde a estrella em céos infindos,
Errei por sobre as ondas do oceano,
Sentei-me á sombra das florestas virgens,
Procurando apagar a imagem d'ella,
Que tão inteira me ficára n'alma !

Embalde aos céos erguendo os olhos turvos
Meo astro procurei entre os mais astros,
Qu'outr'ora amiga sina me fadára !
Com brilho embaciado e luz incerta
Nos ares se perdeu antes do occaso,
Deixando-me sem norte em mar d'angustias.

MIMOSA E BELLA

De anno em anno se torna mais formosa,
E novo brilho, novas graças cria.

CALDAS.

I

Tão bella es, tão mimosa,
Qual viçosa
Fresca rosa,
Que em serena madrugada,
Despontada,
Rorejada
Foi pelo orvalho do céu;
E a aurora que tudo esmalta,
Brilha reflexos de prata
No orvalho que alli prendeu.

II

Quando um penar afflictivo,
Sem motivo,
D'improviso
Tua alma occupa e entristece.
Que padece,
Que esmorece
Com aquelle imaginar;
Augmenta a tua belleza
Languido véo de tristeza,
Pallor de quem sabe amar.

III

Assim murcha a sensitiva,
Sempre viva,
Sempre esquiva,

Assim perde o colorido
Por um toque irreflectido,
Mal sentido;
Assim vai o nenuphar,
Como que soffre e tem maguas,
Esconder-se em fundas aguas,
Té que o sol torne a brilhar.

IV

Mas tambem a flôr brincada,
Perfumada,
Debruçada
Sobre a tranquilla corrente,
Logo sente
Vir a enchente
Longe, longe a rouquejar,
Que a pobrezinha desfolha,
Sem lhe deixar uma folha,
Sem deixal-a em seu logar.

V

Não consintas pois que as maguas,
Como as aguas,
Que das fragas
Furiosas vem tombando,
Vão tomando,
Vão levando
A flôr do teu coração!
Ha na vida u' amor sómente,
Um só amor innocente,
Uma só firme paixão.

VI

Sê antes flôr bemfadada,
Suspirada,
Bafejada

Pela brisa que a namora,
Pela frescura da aurora
Que a colora;
Á luz do sol se recreia,
E de noite se retrata
Da fonte na lisa prata,
Quando o céo de luz se arreia.

AS DUAS AMIGAS

. . . . Vivamos juntas
N'um só logar!
N'um só logar, ou sejão mansos ares,
Se alli te exaltas;
Ou sejão campos, se é alli que a relva
De pranto esmaltas.

V. Hugo. Trad.

Já vistes sobre a flôr de manso lago
Duas aves brincando solitarias,
Já pousadas na lisa superficie,
Já levantando o vôo?

Já vistes duas nuvens no horisonte,
Brancas, orladas com listões de fogo,
A deslumbrante alvura cambiando
Ao pôr de sol estivo?

Já vistes duas lindas mariposas,
Abrindo ao romper d'alva as longas azas,
Onde reflecte o sol, como em um prisma.
Bellas, garridas côres?

Nem as pombas que vagão solitarias,
Nem as nuvens do occaso, nem as vagas
Borboletas gentís que adejão livres
Em valle ajardinado;

Tanto não prazem, como doces virgens,
Airosas, bellas, com sorrir singelo,
Da vida negra e má duros abrólhos
Impróvidas calcando.

Quanto ha no mundo d'illusões fagueiras,
De perfume e de amor, guardão no peito;
Quanto ha de luz no céo mostrão nos olhos,
Quanto ha de bello — n'alma.

Como um jardim seu coração se mostra,
Seus olhos como um largo transparente,
Sua alma como uma harpa harmoniosa,
Seu peito como um templo!

Mas um fraco arruido espanta as aves,
Uma brisa ligeira as nuvens rasga,
E uma gota de orvalho ensopa as azas
Das leves mariposas.

Desgarradas voando as aves fogem,
Dos castellos dos céos perdem-se as nuvens,
Nem mais adejão borboletas vagas
Sobre o esmalte das flôres.

Pois quem resiste ao perpassar do tempo?
Depois que derramou grato perfume
Sobre as azas dos ventos que a bafejão,
A flôr tambem definha.

Mas um nobre sentir que se enraiza
No peito da mulher, que menos ame,
É como essencia preciosa e grata,
Que se lacrou n'um vaso.

Repassa-o : depois embora o esgotem ;
Leves emanações, gratos effluvios
Ha de eterno verter da mesma essencia,
Talvez porém mais doces.

SONHO

Ah ! frown not, sweet lady, unbend your soft brow
Nor deem me too happy in this !
If I sin in my dream, I atone for it now,
Thus doom'd but to gaze upon bliss.

BYRON.

Sonhava esta noite, donzella formosa,
Já quando as estrellas tombavão no mar,
Que eu via a meu lado uma esbelta figura
Divina e mimosa...
Sonhar é ventura ;
Deixai-me sonhar !

Divina e mimosa, co'um véo se cobria
D'estrellas fulgentes de brilho sem par ;
O rosto era vosso, era vossa a estatura,
E o anjo dizia...
Sonhar é ventura ;
Deixai-me sonhar !

E o anjo dizia co'um geito celeste:
« Affectos que em outro não pude encontrar
« Por fim me rendêrão, — paixão lisa e pura,

« Que tanto soffreste... »
Sonhar é ventura ;
Deixai-me sonhar !

« Pois tanto soffreste, não devo impiedosa
« Fineza tão grande por fim mal pagar ! »
Eis sinto um abraço estreitar-me a cintura
E uns labios de rosa...
Sonhar é ventura ;
Deixai-me sonhar !

E uns labios de rosa cobrirem-me a fronte
Com tepidos beijos de férvido amar !
Prazer tão subido após tanta amargura,
Não sei como o conte !...
Sonhar é ventura ;
Deixai-me sonhar !

Não sei como o conte ! — nos labios de rosa
Vivi encantado sem ver, nem pensar,
Emquanto apertava a ligeira cintura,
Cintura mimosa...
Sonhar é ventura ;
Deixai-me sonhar !

Cintura mimosa ! — depois vos tecia
Grinalda que a fronte vos fosse adornar,
E um cinto de amores com bróche esmaltado
De meiga poesia !...
Quem tão bem fadado
Vivêra a sonhar !

De meiga poesia, meu bem, minha amada,
Já pago de quanto me fazeis penar,
Então vos tangia descantes na lyra,

Na lyra afinada !
O sonho é mentira ;
Não quero sonhar !

SOLIDÃO

Solo e pensoso i più deserti campi
Vo misurando a passi tardi e lenti
E gli occhi porto per fuggire intenti
Ove vestigio human l'arena stampi.

PETRARCA. — *Sonetti.*

Se queres saber o meio
Porque as vezes me arrebata
Nas azas do pensamento
A poesia tão grata ;
Porque vejo nos meus sonhos
Tantos anginhos dos céus ;
Vem commigo, ó doce amada,
Que eu te direi os caminhos,
D'onde se enxergão anginhos,
D'onde se trata com Deus.

Fujamos longe das villas,
Das cidades populosas,
Do vegetar entre as vagas
Destas côrtes enganosas ;
Fugamos longe, bem longe,
D'este viver cortesão !
Fujamos d'esta impureza ;
Só vês cordura por fóra ;
Mas nunca o vicio que mora
Nas dobras do coração !

Fujamos ! que nos importa
Rodar do carro que passa,
Esta orgulhosa vangloria,
Que se resolve em fumaça ?
Estas vozes, estes gritos,
Este viver a mentir ?
  Fujamos, que em taes logares
  Não ha prazer innocente,
  Só alegria que mente,
  Só labios que sabem rir !

Fujamos para o deserto ;
Vivamos alli sósinhos,
Sósinhos, mas descuidados
D'estes cuidados mesquinhos ;
Tu o azul do espaço olhando
E eu só a rever-me em ti !
  Quando depois nos tornarmos
  Á terra serena e calma,
  Aqui acharei tua alma,
  E tu me acharás aqui.

Ou corramos o oceano
Que d'immenso a vista cança ;
Dormirei no teu regaço
Quando o tempo fôr bonança,
Quando o batel fôr jogando
Em leve ondular sem fim.
  Mas nos roncos da procella,
  Nossos olhos encontrados,
  Nossos braços enlaçados,
  Hei de cantar-te, inda assim !

Ou, se mais te praz, zombemos
Das setas que arroja a sorte ;
Vivamos nas minhas selvas,
Nas minhas selvas do norte,
Que gemem nenias sentidas
No seio da escuridão.
  Não tem doçura o deserto,
  Não têm harmonia os mares,
  Como o rugir dos palmares
  No correr da viração !

Tu verás como a luz brinca
Nas folhas de côr sombria ;
Como o sol, pintor mimoso,
Seus accidentes varia ;
Como é doce o romper d'alva,
Como é fagueiro o luar !
  Como alli sente-se a vida
  Melhor, mais viva, mais pura,
  N'aquella eterna verdura,
  N'aquelle eterno gozar !

Vem commigo, oh ! vem depressa ;
Não se esgota a natureza ;
Mas desbota-se a innocencia,
Divina e santa pureza,
Que dá vida aos objectos,
Feituras da mão de Deus !
  Vem commigo, ó doce amada,
  Que são estes os caminhos,
  Donde eu enxergo os anginhos,
  Que tu vês nos sonhos meus.

A UM POETA EXILADO

Il accuse et son siècle, et ses chants et sa lyre,
Et la coupe enivrante où, trompant son délire,
La gloire verse tant de fiel,
Et ses vœux, poursuivant des promesses funestes,
Et son cœur, et la Muse, et tous ces dons célestes,
Hélas ! qui ne sont pas le ciel !

V. Hugo.

Tambem vaguei, Cantor, por clima estranho;
Vi novos valles, novas serranias,
Vi novos astros sobre mim luzindo ;
E eu só ! e eu triste !

Ao sereno Mondego, ao Douro, ao Tejo
Pedi inspirações, — e o Douro e o Tejo
Do misero proscripto repetírão
Sentidos carmes.

Repetio-mos o placido Mondego ;
Talvez em mais de um peito se gravárão,
Em mais de uns meigos labios murmurados,
Talvez soárão.

Os filhos de Minerva, novos cysnes,
Que a fonte dos amores meigos cria,
E alguns de Lysia sonorosos vates,
Sisudos mestres ;

Ouvindo aquelle canto agreste e rudo
Do selvagem guerreiro,— e a voz do piága
Rugindo como o vento na floresta,
Prenhe d'augurios ;

Benignos me olhárão, e aos meus ensaios
Talvez sorrírão ; porém mais prendeu-me,
Quem soffrendo como eu, chorou commigo ;
Quem me deu lagrimas !

Eu pois, que n'esta vida hei aprendido
Só cantar e soffrer, não vejo embalde
Ao canto a dôr unida, — e os repassados
Versos de pranto.

Do triste poleá choro a desdita,
Choro e digo entre mim ; « Pobre Canario
Que fado máo cegou, porque soltasse
Mais doce canto ;

Pobre Orpheo, n'estes tempos mal nascido,
Atraz d'um bem sonhado pelo mundo
A vagar com lyra — um bem que os homens
Não podem dar-te !

Sequer esta lembrança a dôr te abrande :
A vida é breve, e o teu cantar semelha
Vagido fraco de menino enfermo,
Que Deos escuta.

PALINODIA

O céo não te dotou de formosura,
De attractivo exterior, e a natureza
Teu peito inficionou co' a vil torpeza
D'ingrata condição fallaz e impura !

BOCAGE

Se só por vós, Senhora, corpo e alma,
Apezar da aversão que tenho ao crime,
Inteiro me embucei nos seus andrajos,
Em tremedal de vicios ;

Se só por vós deseri do que era nobre,
Porque envolto em torpeza immunda e feia,
As vestes da virtude immaculada
Rebolquei-as no lôdo :

Se só por vós persegue-me o remorso,
Que os dias da existencia me consome,
E entre angustias crueis minha alma anceia,
— Ludibrio dos meus erros :

Consentí que a moral os seus direitos
Reivendique uma vez, e que a minha alma
Das lições que bebeu na pura infancia
Uma hora se recorde!

Agora, agro censor, hão de os meus labios,
Duras verdades trovejando em verso,
Fazer de vós, o que a razão não pôde,
— Mulher ou estatua !

Mentistes quando amor tinheis nos labios,
Mentistes a compor meigos sorrisos,
Mentistes no olhar, na voz, no gesto..
Fostes bem falsa !

Falsa, como a mulher que em bruta orgia
Finge extremos de amor que ella não sente,
E o rosto off'rece a osculos vendidos,
Ao sigillo da infamia.

Quantas vezes, Senhora, não cahistes
Humilhada, a meus pés, desfeita em pranto,
Chorando — e que choraveis ? — a jurar-me ...
— Que juraveis então ?

Se pois sentistes compaixão amiga
A cahir gota a gota dos meus labios
No que eu suppunha cicatriz recente,
E que era ulcera funda :

Se me vistes os olhos incendidos,
Sangrar-me o coração no peito afflicto
Ao fel das vossas dôres, que azedaveis
Co'o pranto refalsado.

Ouví ! — não ereis bella, — nem minha alma
Vos amou, que um modelo de virtudes,
— Um sublime ideal — amou sómente;
Vós o não fostes nunca.

Que uma alma como a vossa, já manchada,
Aos negros vicios mais que muito affeita,
Já feia, já corrupta, já sem brilho...
Amal-a eu, Senhora !

Deitar-me sob a cópa traiçoeira,
Que ao longe espalha a sombra,o engano,a morte;
Recostar-me no seio onde outros dormem,
Que por ninguem palpita !

Beijar faces sem vida, onde se enxerga
Visgo nojento d'osculos comprados ;
Crêr no que dizem olhos mentirosos,
Em prantos de loureira !

Antes curvar o collo envilecido
Ao jugo vil da escravidão nefanda ;
Beijar humilde a mão que nos offende
Que nos cobre de opprobrio !

Antes, possesso d'imprudencia estupida,
Brincando remecher no açafate,
Onde por baixo de mimosas flôres
O aspide se esconde!

Mas eu, nos meus accessos de delirio,
Voz importuna de continuo ouvia,
Cá dentro em mim, a repr'hender-me sempre
De vos amar... tão pouco!

Assim o cego idolatra se culpa,
Nos espasmos d'ascetica virtude,
De não amar assaz o vão phantasma,
De suas mãos feitura.

Porém se luz melhor de cima o aclara,
Cóspe affronta e desdem, e á chamma entrega
O cepo vil, que não merece altares,
Nem d'offrendas é digno!

Releva-se a imprudencia feminina,
Inda um erro, uma culpa se perdôa,
Se a desvaira a paixão, se amor a cega
No mar de escolhos cheio.

O Deus, que mais perdôa a quem mais ama,
Talvez da vida a negra mancha apaga
A quem as azas de algum anjo orvalha
De lagrimas contritas.

Mas não áquella, em cujo peito móra
Torpeza só, — onde o amor se cobre
De vicios — a nutrir-se d'impurezas,
Como vermes de lôdo.

Se porém te aproveita o meu conselho,
A quem, mais do que a mim, tens offendido,
Que entre os risos do mundo, vê tua alma
E lê teus pensamentos;

Se não crês n'outra vida além da morte,
Roga sequer a Deos que te não rompa
Á luz do sol divino da Justiça
A mascara d'enganos!

Que a rainha da terra inamolgavel,
— A dura opinião — te não entregue,
Sósinha, e núa, e d'irrisão coberta,
Á popular vindicta!

OS SUSPIROS

Mucha pena ¿verdad? mucha amargura
Guardaba allá en sus senos escondida
A despedir-te el alma dolorida,
Hijo de su cariño y su ternura.

ROMEA.

Muitas vezes tenho ouvido,
Como languidos gemidos,
Frouxos suspiros partidos
D'entre uns labios de coral:
A fina tez lhes deslustrão,
Bem como o alento que passa
Sobre o candor d'uma taça
De transparente crystal.

Ouvido os tenho mil vezes
Do coração arrancados,
Sobre labios desmaiados
Susurrando esvoaçar!
  Como flôr submarinha
  Da funda gleba arrancada,
  De vaga em vaga arrastada,
  Correndo de mar em mar!

Ouvido os tenho mil vezes,
Emquanto a lúa fulgura,
Quando a virgem d'alma pura
Fita seus olhos no céo:
  Notas de mundo longinquo
  Repassadas de harmonia,
  Diamante que alumia
  A tela de um fino véo!

Tu, virgem, porque suspiras?
Quando suspiras, que scismas?
Em que reflexões te abysmas,
— Do passado ou do porvir?
  Mas não tens *passado* ainda,
  Tudo é flôres no presente,
  Brilha o porvir docemente,
  Como do infante o sorrir.

Tu, virgem, porque suspiras?
— Murmura trépida a fonte,
De relva se cobre o monte,
As aves sabem cantar;
  O ditoso tem sorrisos,
  O desgraçado tem pranto,
  A virgem tem mais encanto
  No seu vago suspirar!

Suspirar, ó doce virgem,
É da alma a voz primeira,
A expressão mais verdadeira
Da sina e do fado teu!
Vago, incerto, indefinido,
Tem um quê de inexplicavel,
Como um desejo insondavel,
Como um reflexo do céu.

Eu amo ouvir teus suspiros,
Ó doce virgem mimosa,
Como nota harmoniosa,
Como um cantico de amor!
Mais do que a flôr entre as vagas
Sem destino fluctuando,
Fólgo de os ver expirando
Em labios de rubra côr.

Mais que a longinqua harmonia,
Que o alento fraco, incerto,
Que o diamante coberto
Scintillando almo fulgor;
Fólgo de ouvir teus suspiros,
Ó doce virgem mimosa,
Como nota harmoniosa,
Como um cantico de amor!

QUEIXUMES

Onde estás, meu senhor, meus amores?
A que terras — tão longes! — fugiste?
Onde agora teus dias se escoão?
Porque foi que de mim te partiste?

Não te lembras! quando eu te rogava
Não te fosses de mim tão azinha,
Prometteste-me breve ser minha
Tua vida, que o mar me roubava.

Tão amigo do mar foste sempre,
Porque amigos talvez não achaste!
Nem carinhos, nem prantos te ameigão?
Nem por mim, que te amava, o deixaste?

Véjo além o logar onde estava
Tua esbelta fragata ancorada,
Mal soffrida jogando afagada
Do galerno que amigo a chamava.

Da partida era o funebre instante,
Breve instante de afflictos terrores,
Quando o mar traiçoeiro, inconstante,
Me roubava meus puros amores!

Inda chóro essa noite medonha,
Longa noite de má despedida!
Teu amor me deixaste nos braços,
Nos teus braços levaste-me a vida!

Oh! cruel, que então foste commigo,
Que te hei feito que punes-me assim?
Teu navio que tantos levava,
Não podia levar mais a mim?

Mas a mim! — que importava que eu fosse?
Não me ouvira a tormenta chorar,
E morrer me seria mais doce
Junto a ti, — que o meu triste penar!

Junto a ti me era a vida bem cara,
Oh ! bem cara ! — se ledo sorrias,
Se pensavas sósinho e profundo,
Se agras dôres comtigo curtias ;

Eu te amava, senhor ! — Nem podia
Dentro em mim, convencer-me que fosse
Outra vida melhor, nem mais doce,
Nem que o amor se acabasse algum dia !

Mas o mar tem lindezas, que encantão,
Tem lindezas, que o nauta namora,
Tambem dizem que vozes descantão
No silencio pacato d'esta hora !

São de nymphas os mares pejados,
Tambem dizem, que sabem magia,
Que suscitão cruel calmaria,
Só d'em torno dos seus namorados !

Alta noite, bem perto, apparece,
Como leiva juncada de flôres,
Ilha fertil em faceis amores,
Onde o nauta da vida se esquece !

Não te esqueças de mim ! — Por Sevilha
Quando o peito de branco marfim
Perceberes na preta mantilha,
Sombreado por leve carmim ;

Quando vires passar a Andaluza
Pelos montes, com ar magestoso,
Decantando nas modas de que usa
As loucuras do Cid amoroso ;

Quando vires a molle Odalisca
De belleza e de extremos fadada,
Respirando perfumes da Arabia,
Em sericos tapizes deitada ;

Quando a vires co'a fronte bem cheia
De riquezas, de graças ornada,
Pelo andar do elefante embalada,
Que alta escolta de eunuchos rodeia ;

Quando vires a Grega vagando
Pelas Ilhas de Cós ou Megára,
Em sua lingoa, tão doce, cantando
Seus amores que o Turco roubára ;

Quando a vires no Carro de Homero,
Bella e grave e sisuda lavrando,
Pelos montes mellifluos do Hymeto
A parelha de bois aguilhando;

Não te esqueção meus duros pezares,
Não te esqueças por ellas de mim,
Não te esqueças de mim pelos mares,
Não me esqueças na terra por fim!

Se eu fosse homem, tambem desejára
Percorrer estes campos de prata,
E este mundo, na tua fragata,
Co'uma esteira cingir d'onda amara.

Qu'ria ver a andorinha coitada
Nos meus mastros fugida poisar,
E achar no convez abrigada,
Quando o vento começa a reinar!

Ver o mar de toninhas coberto,
Ver milhares de peixes brincar,
Ver a vida nesse amplo deserto
Mais valente, mais forte pular!

Oh! que o homem fosse eu, mulher tu fosses,
Ou fosse tempestade ou calmaria,
Ou fosse mar ou terra, Hespanha ou Grecia,
Só de ti, só de ti me lembraria!

O mar suas ondas inconstante volve,
Sem que o seu curso o mesmo rumo leve,
Assim dos homens a paixão se move,
Fallaz e vária, assim no peito ferve!

Meditados enganos sempre encobre
O mesmo que ao principio ardente amava:
Oxalá não diga eu que me enganava,
Que teu peito julguei constante e nobre!

Oh! que o homem fosse eu, mulher tu fosses,
Ou fosse tempestade ou calmaria,
Ou fosse mar ou terra, Hespanha ou Grecia,
Só de ti, só de ti me lembraria!

AO ANNIVERSARIO DE UM CASAMENTO

A MRS. A. N. V. DA G.

A filha d'Albion bem vinda seja
Ao solo brazileiro!
Bem vinda seja ás margens florescentes
Do Rio hospitaleiro!

Qu'importa que te acene a Patria ao longe,
Que vejas incessante
As memorias, os templos, os palacios
Da Cidade gigante?

A patria é onde quer que a vida temos
Sem penar e sem dôr ;
Onde rostos amigos nos rodeião,
Onde temos amor ;

Onde vozes amigas nos consolão
Na nossa desventura,
Onde alguns olhos chorarão doridos
Na erma sepultura ;

A patria é onde a vida temos presa :
Aqui tambem ha sol !
Tambem a brisa corre fresca e leve
Da manhã no arrebol !

Aqui tambem a terra produz flôres,
Tambem os céus têm côr ;
Tambem murmura o rio, e corre a fonte,
E os astros têm fulgor !

Aqui tambem se arrelva o prado, o monte.
De mimoso tapiz ;
Nas azas do silencio desce a noite
Tambem sobre o infeliz !

A filha d'Albion bem vinda seja
Ao solo brazileiro ;
Bem vinda seja ás margens florescentes
Do Rio hospitaleiro !

Compridos annos e folgados viva
N'este ditoso clima,
E veja a par dos filhos seus queridos
Crescer do esposo a estima!

Possa eu tambem do seu feliz consorcio
De novo em cada anno
Soltar um hymno de amizade extreme,
Um canto mais que humano!

24 de Março.

CANTO INAUGURAL

Á MEMORIA DO CONEGO JANUARIO DA CUNHA BARBOSA (1)

Onde essa voz ardente e sonorosa,
Essa voz que escutámos tantas vezes,
Polida como a lamina d'um gladio,
Essa voz onde está?

No róstro popular severa e forte,
No pulpito serena, amiga e branda,
Pelas naves do templo reboava,
Como oração piedosa!

E a mão segura, e a fronte audaciosa,
Onde um vulcão de idéias borbulhava,
E o generoso ardor de uma alma nobre
— Onde párão tambem?

(1) Recitado na sessão do Instituto Historico Brazileiro de 6 abril 1848.

Novo Colombo audaz por novos mares,
A sonda em punho, os olhos nas estrellas,
Co'as bronzeas quilhas retalhando as vagas
Do inhospito elemento;

Porfioso e tenaz no duro empenho,
No manto do porvir bordava ufano,
Sob os tropheos da liberdade sacra,
Os destinos da Patria!

Nocturno viajor que andou vagando
A noite inteira, a revolver-se em trevas,
Onde te foste, quando o sol roxeia
Nuvens de um céu mais puro?

Seccou-se a voz nas fauces resequidas,
Parou sem força o coração no peito,
Quando sómente um pé firmava a custo
Na terra promettida!

E a mão cançada fraquejou... pendeu-lhe,
Inda a vejo pendente, sobre as paginas
Da patria historia, onde gravou seu nome
Tarjado em letras d'oiro.

Pendeu-lhe... quando a mente escandecida
Talvez quadro maior lhe affigurava
Que a luta acerba do Titan brioso,
Ultima prole de Saturno.

Inveja Claudiano pincel válido,
Que nos retrata o cataclysmo horrendo,
Que elle — poeta — não achou nos combros
Da ignivoma Tessalia!

Inveja!... mas ás fórmas do Gigante
Sorri-se o grande Homero; — e o cego Bardo
Da verde Erin, entre os heróes famosos
    Prazenteiro o recebe!

Dorme, ó lutador, que assaz lutaste!
Dorme agora no gelido sudario;
Foi duro o afan, asperrima a contenda,
    Será fundo o descanço.

Dorme, ó lutador, teu somno eterno;
Mas sobre a louza do sepulchro humilde,
Como na vida foi, surja o teu busto
    Austero e glorioso.

Columna inteira em combros derrocados,
Rolo encerado, que já beija as praias
Do remoto porvir, — seguro e salvo
    Dos naufragios d'um seculo;

Dorme! — não serei eu quem te desperte,
Meus versos... não serão: — palmas sem graça,
Ou pobre rama d'arvore funerea,
    Pyramidal cypreste.

São flôres que desfolha sobre um tumulo
Singelo, entre um rosal, quasi fagueiro,
Piedosa mão de peregrino extranho,
    Que alli passou acaso!

NENIA

Á MORTE DO PRINCIPE IMPERIAL O SENHOR D. PEDRO

A SUA MAGESTADE O IMPERADOR

I

Morreste, como a folha verde e linda,
Que não vio murcho o esmeraldino encanto :
Bem como um ai que melindroso finda,
Emquanto as faces não roreja o pranto !

Bem como a flôr inda em botão cortada,
Emquanto aromas recendia pura ;
Bem como a onda quando, mal formada,
Nos brancos frisos do areal murmura !

Bem como a aurora timida que morre,
Emquanto os céus de rosicler matiza ;
Bem como o sopro de ligeira brisa,
Que entre os olores da manhã discorre :

Mimosa esp'rança do Brazil, batendo
Ás ferreas portas da existencia, viste
O mundo afflicto e a humanidade triste
Seu negro fado e sua dôr soffrendo !

Cheio de compaixão atraz voltaste
Do horrifico espectaculo, tapando
Com as azas do anjo o rosto brando,
E no seio do Eterno te asylaste.

Morreste! como aurora sem poente,
Como flôr, que perfume inda exhalava,
Como o sopro da brisa recendente,
Como a onda, que apenas se formava!

Morreste! como a folha verde e bella
N'um tronco forte a despontar louçã,
Não arrancada á sanha da procella,
Mas leve, sôlta aos beijos da manhã.

Morreste! como lampada brilhante,
Inda virgem, sem dar mystica luz;
Ou turib'lo d'incenso crepitante,
Esquecido nos braços de uma cruz.

Morreste! e os anjos da eternal morada
Levárão entre palmas e capellas
Tua alma, como uma harpa não tocada,
Áquelle, cujo throno é sobre estrellas.

Morreste! como aurora sem poente,
Como flôr que perfume inda exhalava,
Como o sopro da brisa recendente,
Como a onda que apenas se formava.

Nenhum bulcão toldou a aurora maga,
Emquanto no horizonte apavonou-se,
A brisa em vendaval não transtornou-se,
A folha em cinza, nem a onda em vaga.

II

Não ouviste, ó bello anjinho,
Na hora do passamento
Para abrandar teu tormento

Do berço teu ao redor,
Dos teus irmãos a phalange
Com opas de luz brilhante,
Nas harpas de diamante
Cantar hosanna ao Senhor?

Teu espirito innocente
Tocado da luz divina,
Que a fraca mente illumina
Dos resplendores de Deus,
Não antevio outros gozos,
Não correu nos frouxos ares,
Não foi roçar nos palmares,
Nas rosas puras dos céus?

Viste-os, sim; porém voltando
Outra vez á vida escassa,
Tua alma triste esvoaça
Sobre os teus restos mortaes;
E entre os rostos que divisas,
Que a tua vida pranteião,
Entre quantos te rodeião,
Tu não enxergas teus paes!

Corres então a trazer-lhes
Nas meigas azas brilhantes
Dos teus ultimos instantes
O teu alento final;
E em redor d'elles choraste
De não ter deixado a vida,
Por extrema despedida,
N'um amplexo paternal!

Vai, ó anjo, sobe, vôa,
Deixa a terra ingrata e rude;
Vai onde móra a virtude,
E premio a innocencia tem;
Mas nos divinos prazeres,
Mas no celeste cortejo,
Terás o materno beijo,
Não serás orphão tambem?

III

Desprega tuas azas de côres suaves,
Adeja no espaço, procura o teu Deus:
O aroma das flôres, o canto das aves,
O que ha de mais puro se entranha nos céus.

Oh! foge da terra, bem como a neblina
Que em rolos de neve, que espuma figura,
Mais frouxa, mais leve, na luz matutina,
Qual nuvem d'incenso, do céu se pendura.

Mas quando a balança dos nossos destinos
Na grávida concha dos nossos peccados
Sumir-se no abysmo: dos raios divinos
Os golpes apára nos contos dourados.

Não cáia do Eterno a justa inclemencia
No povo, que soube teu berço guardar;
Ampara-o nas azas da tua innocencia,
Que os prantos de um anjo nos podem salvar.

Desdobra tuas azas de côres suaves,
Adeja no espaço, procura o teu Deus:
O aroma das flôres e o canto das aves
E o que ha de mais puro se perde nos céus.

IV

Senhor, se na afflicção que te consome,
Na dôr immensa, que teu peito acanha,
Póde erguer-se do bardo a voz sentida
E aos teus soluços misturar seu pranto:
Se a dôr do pae não absorve inteiro
O peito augusto do Monarcha excelso,
Enxuga as tristes lagrimas que vertes!
Melhor, talvez, que o throno é ver chorando
Um povo inteiro em torno de um sepulchro,
Um vácuo berço de seu pranto enchendo!
A sorte pois te curva, e á lei d'aquelle
(Envolta em seus reconditos designios)
A quem aprouve nivelar, cortando
Co'o mesmo golpe as esperanças de ambos,
— A dôr de um pae e as afflicções de um povo! —

Janeiro, 10, de 1850.

OLHOS VERDES

Elles verdes são:
E tem por usança,
Na côr esperança,
E nas obras não.
Cam., *Rim.*

São uns olhos verdes, verdes,
Uns olhos de verde-mar,
Quando o tempo vai bonança;
Uns olhos côr de esperança,

Uns olhos por que morri;
Que,ai de mi!
Nem já sei qual fiquei sendo
Depois que os vi!

Como duas esmeraldas,
Iguaes na fórma e na côr,
Tem luz mais branda e mais forte,
Diz uma — vida, outra — morte;
Uma — loucura, outra — amor
Mas,ai de mi!
Nem já sei qual fiquei sendo
Depois que os vi!

São verdes da côr do prado,
Exprimem qualquer paixão,
Tão facilmente se inflammão,
Tão meigamente derramão
Fogo e luz do coração;
Mas,ai de mi!
Nem já sei qual fiquei sendo
Depois que os vi!

São uns olhos verdes, verdes,
Que podem tambem brilhar;
Não são de um verde embaçado,
Mas verdes da côr do prado,
Mas verdes da côr do mar.
Mas ai de mi!
Nem já sei qual fiquei sendo
Depois que os vi!

Como se lê n'um espelho
Pude lêr nos olhos seus!

Os olhos mostrão a alma,
Que as ondas postas em calma
Tambem reflectem os céus ;
  Mas, ai de mi !
Nem já sei qual fiquei sendo
  Depois que os vi !

Dizei vós, ó meus amigos,
Se vos perguntão por mi,
Que eu vivo só da lembrança
De uns olhos côr de esperança,
De uns olhos verdes que vi !
  Que, ai de mi !
Nem já sei qual fiquei sendo
  Depois que os vi !

Dizei vós : Triste do bardo !
Deixou-se de amor finar !
Vio uns olhos verdes, verdes,
Uns olhos da côr do mar :
Erão verdes sem esp'rança,
Davão amor sem amar !
Dizei-o vós, meus amigos,
  Que, ai de mi !
Não pertenço mais á vida
  Depois que os vi !

CUMPRIMENTO DE UM VOTO

Ás Sras. de Itapacorá, que abrilhantárão a festa do Illm. Sr. A. J. Rodrigues Torres.

Porto das Caixas, 25 agosto 1850.

Se ao misero cantor vos praz mandar-lhe
Cantar voltas de amor, a graça tanta
Será mudo o cantor, nem ha de aos echos
A cythara incivil fallar de amores ?
Mandais, que sois, senhoras, minhas musas ;
Quando a senhora manda, o escravo cumpre
E ás supplicas da musa o vate cede !
Afinada por vós a lyra humilde,
Já desafeita aos sons que o peito abrandão,
A nova esphera se remonta agora.
O frescor juvenil dos vossos annos,
E as, que vos ornão, deleitosas graças,
Hão de ameigar-lhe as cordas, perfumal-as,
Dictar-lhe os faceis, inspirados carmes.

A estrella, que fulge no céu anilado,
Com placido brilho de noite s'inflamma ;
Na fonte e no prado
Reflexos luzentes esparge e derrama.

Nos ramos cobertos de ameno rocio
As aves descantão á luz da alvorada,
E a meiga toada
Repetem aos echos do bosque sombrio.

Na gleba virente, do sol bafejada,
Recende perfumes a flôr matutina,
Que á luz da alvorada
Ao sopro da brisa de leve s'inclina.

A flôr que trescala perfumes suaves,
A estrella que brilha no céu anilado,
E o canto das aves,
Que sôa no bosque virente e copado;

Se cantão, perfumão, despedem fulgores,
É tal o seu fado : — vós sois qual são ellas
Sois como as estrellas,
Na graça e no canto: sois aves, sois flôres.

Como ellas, pagai-vos de ver quão fugaces
Encurtão-se as horas de nosso viver,
De ver como as faces,
Que tendes em torno, resumbrão prazer.

Estes versos na mente susurravão
Do vate, cuja lyra merencoria
Foi por vós de festões engrinaldada ;
Por vós, cujo sorriso mavioso
Melhor perfume exhala, do que as notas
Concertadas com arte : dai um riso
Dos vossos, um volver dos brandos olhos,
Aos alegres convivas ; e um reflexo
Do vosso meigo olhar e brando riso
Venha morrer na lyra do poeta,
Como do astro-rei, quando no occaso
Doura no campo as folhas mais humildes.

LYRA QUEBRADA

> Ah ! ya agostada
> Siento mi juventud, mi faz marchita,
> Y la profunda pena que me agita
> Ruga mi frente de dolor nublada.
>
> HEREDIA.

Pede cantos aos ledos passarinhos,
Pede clarão ao sol, perfume ás flôres,
Ás brisas suspirar, murmurio aos ventos,
Doces querelas ao correr das fontes;

E o sol, a ave, a flôr, a brisa, os ventos
E as fontes que murmurão docemente,
Na festa da tua alma hão de seguir-te,
Como um som pelos echos repetido.

Mas não peças á lyra abandonada
Um alegre cantar, — já murchas pendem
As grinaldas gentís, de que a toucárão
Donzeis louçãos, enamoradas virgens.

Hoje mal partem roucos sons dos nervos,
Que amargo pranto distendeu sem custo ;
Quem ha que se não dóe de ouvir cantados
Uns versos de prazer entre soluços ?

Não peças pois um hymno ao triste bardo !
Verde ramo d'uma arvore gigante
O raio no passar queimou-lhe o viço,
Deixando-o por escarneo entre verdores.

Uma febre, um ardor nunca apagado,
Um querer sem motivo, um tedio á vida
Sem motivo tambem, — caprichos loucos,
Anhelo d'outro mundo e d'outras coisas;

Desejar coisas vãs, viver de sonhos,
Correr após um bem logo esquecido,
Sentir amor e só topar frieza,
Scismar venturas e encontrar só dôres;

Fizerão-me o que vês: não canto, soffro!
Lyra quebrada, coração sem forças,
De poetico manto os vou cobrindo,
Por disfarçar d'esta arte o mal que passo.

Mas se inda tens prazer á luz da aurora,
Se te ameiga fitar longos instantes,
Sentada á beiramar, na paz de um ermo,
Uma flôr, uma estrella, os céus e as nuvens,

Pede cantos aos ledos passarinhos,
Á brisa, ao vento, á fonte que murmura;
Mas não peças canções ao triste bardo,
A quem té para um ai já falta o alento.

A PASTORA

Forão as trevas fugindo,
E luzindo
Nasce o sol sobre o horizonte;
Quando a pastora formosa
E mimosa
Já caminho vai do monte!

A relva tenra e molhada,
Orvalhada,
Que de noite despontou,
Se levanta melindrosa,
Mais viçosa
Depois que o sol a afagou!

Nos ramos cantão, trinando
E saltando,
As aves seu casto amor;
Aqui, alli, scintillante
E brilhante
Desabrocha a linda flôr.

E a pastorinha engraçada,
Bem fadada,
Na fresca manhã de abril,
Vai cantando maviosa,
E saudosa
Pensando no seu redil.

Para as serras do Gerez
Toca a rez,
Toca a rez, gentil pastora;
Lá te aguarda o bom pastor,
Teu amor,
Que te chama encantadora.

Vai pastora, vai depressa,
Já começa
O sol no valle a brilhar;
Vai, que as tuas companheiras,
Galhofeiras,
Lá 'stão com elle a folgar!

Pela aldeia entre os pastores
Vão rumores
De que tens uma rival
N'essa Alteia, a tua antiga,
Doce amiga,
Que te quer hoje tão mal!

Tu não sabes que os amores
São traidores,
Que o homem não sabe amar;
E que diz: Esta é mais bella;
Mas aquella
É que me sabe agradar!

Tenho d'Alteia receios,
Que tem meios
De prender um coração;
É viva, bella, engraçada,
Festejada
Nos cantares do serão.

Como a neve em seus lavores,
Nos amores
Que caprichosa não é!
Zomba d'elle quando o topa,
E o provoca
De mil maneiras, á fé!

Té dizem — será mentira —
Que lhe atira
Seus motetes muita vez;
Dizem mais, que ha prendas dadas
E trocadas:...
Não sei; mas será talvez!

Triste de ti, se assim fôra,
Ó pastora,
Triste de ti, sem amor!
Foras alvo dos festejos,
Dos motejos,
E do canto mofador!

Cheia de pudico medo,
Ao folguedo
Do domingo festival,
Não irias, ó formosa,
Vergonhosa
Dos olhos d'uma rival !

Para as serras do Gerez
Toca a rez,
Toca a rez, gentil pastora ;
Lá te aguarda o bom pastor,
Teu amor,
Que te chama encantadora !

GEREZ...

A INFANCIA

A Mlle E. PIOOT

I

Bello raio do sol da existencia,
Meninice fagueira e gentil,
Doce riso de pura innocencia
Sempre adorne teu rosto infantil.

Sempre tenhas, anjinho innocente,
Quem se apresse a teus passos guiar,
E uma voz que o teu somno acalente,
E um sorriso no teu acordar.

Enlevada nos sonhos jucundos,
Voz etherea te venha fallar,
E visão d'outros céus, d'outros mundos,
Venha amiga tua alma encantar.

Leda infancia gentil! e quem não te ama?
Quem tão de pedra o coração não sente
Aos teus encantos meigos mais tranquillo?
Quem não sente memorias d'outras eras
Travarem-lhe da mente, ao recordar-se
Aquelle gozo puro e suavissimo
De vida, que jámais não tem logrado?
Recordações de um mundo adormecido
Lá lhe estão dentro d'alma esvoaçando,
Como harpejos de musica longinqua!
E a mente nos seus quadros embebida,
Por magica illusão enfeitiçada,
Como outr'ora, talvez sómente veja
Na terra — um chão de flôres estrellado,
E nos céus — outro chão de flôres vivas!

II

Afagada e bem vinda e querida,
Travessuras scismando infantís,
Nos caminhos floridos da vida
Vai mimosa, imprudente e feliz!

É-lhe a vida continuo festejo,
Sonhos d'ouro só sabe sonhar;
Toda ella um afan, um desejo
D'outros jogos contente brincar.

Puro riso o semblante lhe adorna,
Logo pranto começa a verter,
E depois outro riso lhe torna,
E depois outro pranto a correr.

Tão perto jaz a fonte da amargura
Da fonte do prazer! — porém tão doces

Essas lagrimas são! — tão abundantes,
Tão sem causa e sympathicas gotejão
N'uma tez de carmim, n'um rosto bello!
Quem a vê, que sorrindo as não enxuga?
Mas não todo consumas o thesouro
Unico e triste, que ao infeliz sobeja
Nas horas do soffrer; no tempo amargo,
No qual o rosto pallido se enruga,
E os olhos seccos, aridos chammejão,
Será talvez bem grato refrigerio
Uma lagrima só, em que arrancada
Á força de afflicção dos seios d'alma.
Mas tu, feliz, sorrí, emquanto a vida,
Como um rio entre flôres, se deslisa
Macio, puro e recendendo aromas.

III

Bêllo raio do sol da existencia,
Flôr da vida, mimosa e gentil,
Fonte pura de meiga innocencia,
Leve gozo da quadra infantil!

Quem fruir-te outra vez não deseja,
Quando vê sobre a veiga formosa
A menina travessa e ruidosa,
Borboleta, que alegre doudeja?

A menina é uma flôr de poesia,
Um composto de rosa e jasmim,
Um sorriso que Deus alumia,
Um amor de gentil serafim!

Folga e ri no começo da existencia,
Borboleta gentil! a flôr dos valles,

Da noite á viração abrindo o calix,
O puro orvalho da manhã te guarda;
Inda perfumes dá que te embriagão;
Inda o sol quando aquece os vivos raios,
Nas azas multicores scintillando,
Com terno amor de pai, em torno esparge
Pó subtil de rubins e de saphiras.
Folga e ri no começo da existencia,
Humano seraphim, que esse perfume
São das azas do anjo, que s'impregnão
Dos aromas do céu, quando atear-se,
Roaz fogo de vida começando,
Quanto havemos de Deus consome e apaga.

IV

Porém tu, afagada e querida,
Com requebros donosos, gentis,
Vai contente caminho da vida,
Bello anjinho, mimoso e feliz!

E do bardo a canção magoada,
Quando a possas um dia escutar,
Ha de ser como rota grinalda,
Que perfumes deixou de exhalar!

E esta mão talvez seja sem vida,
E este peito talvez sem calor,
E memoria apagada e sumida,
Talvez seja a do triste cantor!

Rio de Janeiro, 1848.

URGE O TEMPO

Move incessante as azas incansaveis
O tempo fugitivo;
Atraz não volta!

A. DE GUSMÃO.

Urge o tempo, e os annos vão correndo,
Mudança eterna os seres afadiga!
O tronco, o arbusto, a folha, a flôr, o espinho,
Quem vive, o que vegeta, vai tomando
Aspectos novos, nova fórma, emquanto
Gira no espaço e se equilibra a terra.

Tudo se muda, tudo se transforma;
O espirito porém, como centelha,
Que vai lavrando solapada e occulta,
Até que emfim se torna incendio e chammas,
Quando rompe os andrajos morredouros,
Mais claro brilha, e aos céus comsigo arrasta
Quanto sentio, quanto soffreu na terra.

Tudo se muda aqui! sómente o affecto,
Que se gera e se nutre em almas grandes,
Não acaba, nem muda; vai crescendo,
Co' o tempo avulta, mais augmenta em forças,
E a propria morte o purifica e alinda.
Semelha estatua erguida entre ruinas,
Firme na base, intacta, inda mais bella
Depois que o tempo a rodeou de estragos.

SOBRE O TUMULO DE UM MENINO

25 Outubro 1848.

O envolucro de um anjo aqui descança,
Alma do céu nascida entre amargores,
Como flôr entre espinhos; — tu, que passas,
Não perguntes quem foi. — Nuvem risonha
Que um instante correu no mar da vida;
Romper da aurora que não teve occaso,
Realidade no céu, na terra um sonho!
Fresca rosa nas ondas da existencia,
Levada á plaga eterna do infinito,
Como off'renda de amor ao Deus que o rege;
Não perguntes quem foi, não chores: passa.

MENINA E MOÇA

Ma bienvenue au jour me rit dans tous les yeux!
CHÉNIER.

É leda a flôr que desponta
Sobre o talo melindroso,
E o arrebento viçoso
Crescendo em flóreo tapiz;
É doce o romper da aurora,
Doce a luz da madrugada,
Doce o luzir da alvorada,
Doce, mimoso e feliz!

É bella a virgem risonha
Com seus musicos accentos,

Com seus virgens pensamentos,
Com seus mimos infantís;
Como quanto enceta a vida,
Que á luz sorri da existencia,
Que tem na sua innocencia
Da mocidade o verniz.

Vinga a flôr a pouco e pouco,
Cada vez mais bem querida,
Tem mais encantos, mais vida,
Tem mais brilho, mais fulgor:
De cada gota de orvalho
Extrahe celeste perfume,
E do sol no raio assume
Cada vez mais viva côr.

Assim á virgem mimosa,
Pouco e pouco, noite e dia,
Mais viva flôr de poesia
Do rosto lhe tinge a côr;
E um anjo nos meigos sonhos,
Do seu peito na dormencia
Derrama o odor da innocencia,
Um doce raio de amor!

Porque tudo, quando nasce,
Seja a luz da madrugada,
Seja o romper da alvorada,
Seja a virgem, seja a flôr;
Tem mais amor, tem mais vida,
Como celeste feitura,
Que sahe melindrosa e pura
D'entre as mãos do Creador.

28 de Julho.

COMO EU TE AMO

Como se ama o silencio, a luz, o aroma,
O orvalho n'uma flôr, nos céus a estrella,
No largo mar a sombra de uma vela,
Que lá na extrema do horizonte assoma:

Como se ama o clarão da branca lua,
Da noite na mudez os sons da flauta,
As canções saudosissimas do nauta,
Quando em molle vai-vem a náo fluctua;

Como se ama das aves o gemido,
Da noite as sombras e do dia as côres,
Um céu com luzes, um jardim com flôres,
Um canto quasi em lagrimas sumido;

Como se ama o crepusculo da aurora,
A mansa viração que o bosque ondeia,
O susurro da fonte que serpeia,
Uma imagem risonha e seductora;

Como se ama o calor e a luz querida,
A harmonia, o frescor, os sons, os céus,
Silencio, e côres, e perfume, e vida,
Os pais e a patria e a virtude e a Deus:

Assim eu te amo, assim; mais do que podem
Dizer-t'o os labios meus, mais do que vale
Cantar a voz do trovador cançada:
O que é bello, o que é justo, santo e grande
Eu amo em ti. — Por tudo quanto soffro,
Por quanto já soffri, por quanto ainda

Me resta de soffrer, por tudo eu te amo.
O que espero, cobiço, almejo, ou temo
De ti, só de ti pende : oh ! nunca saibas
Com quanto amor eu te amo, e de que fonte
Tão terna, quanto amarga o vou nutrindo !
Esta occulta paixão, que mal suspeitas,
Que não vês, não suppões, nem te eu revelo,
Só póde no silencio achar consolo,
Na dôr augmento, interprete nas lagrimas.

De mim não saberás como te adoro ;
Não te direi jámais
Se te amo, e como, e a quanto extremo chega
Esta paixão voraz !

Se andas, sou o echo dos teus passos ;
Da tua voz, se fallas ;
O murmurio saudoso que responde
Ao suspiro que exhalas.

No odor dos teus perfumes te procuro,
Tuas pégadas sigo ;
Velo teus dias, te acompanho sempre,
E não me vês comtigo !

Occulto e ignorado me desvelo
Por ti, que me não vês ;
Aliso o teu caminho, esparjo flôres,
Onde pisão teus pés.

Mesmo lendo estes versos, que m'inspiras,
Não pensa em mim, dirás :
Imagina-o, si o pódes, que os meus labios
Não t'o dirão jámais !

Sim, eu te amo; porém nunca
Saberás do meu amor;
A minha canção singela
Traçoeira não revela
O premio santo que anhela
O soffrer do trovador!

Sim, eu te amo; porém nunca
Dos labios meus saberás,
Que é fundo como a desgraça,
Que o pranto não adelgaça,
Leve, qual sombra que passa,
Ou como um sonho fugaz!

Aos meus labios, aos meus olhos
Do silencio imponho a lei;
Mas lá onde a dôr se esquece,
Onde a luz nunca fallece,
Onde o prazer sempre cresce,
Lá saberás se te amei!

E então dirás: « Objecto
Fui de santo e puro amor:
A sua canção singela,
Tudo agora me revela;
Já sei o premio que anhela
O soffrer do trovador.

« Amou-me como se ama a luz querida,
Como se ama o silencio, os sons, os céus,
Qual se amão côres e perfume e vida,
Os pais e a patria, e a virtude e a Deus! »

AS DUAS CORÔAS

> Hermosa, en tu linda frente
> El laurel sienta mejor,
> Que con su regio esplendor
> Corona de rey potente.
>
> G. Y S.

Ha duas c'rôas na terra,
Uma d'ouro scintillante
Com esmalte de diamante,
Na fronte do que é senhor;
Outra modesta e singela,
C'rôa de meiga poesia,
Que a fronte ao vate alumia
Com a luz d'um resplendor.

Ante a primeira se curvão
Os potentados da terra :
No bojo, que a morte encerra,
Sobre a liquida extensão,
Levão náos os seus dictames
Da peleja entre os horrores;
Vís escravos, crús senhores,
Preito e menagem lhe dão.

E quando o vate suspira
Sobre esta terra maldita,
Ninguem a voz lhe acredita,
Mas riem dos cantos seus :
Os anjos não; porque sabem
Que essa voz é verdadeira,
Que é dos homens a primeira,
Emquanto a outra é de Deus!

Se eu fôra rei, não te dera
Quinhão na regia amargura;
Nem te q'ria virgem pura,
Sentada sob o docel,
Onde a dôr tão viva anceia,
Tão cruel, tão funda late,
Como no peito que bate
Sob as dobras do burel.

Não te quizera no throno,
Onde a mascara do rosto,
Cobrindo o interno desgosto,
Ser alegre tem por lei.
Manda Deus, sim, que o rei chore,
Mas que chore occultamente,
Porque, se o soubera a gente,
Ninguem quizera ser rei!

Mas o vate, quando soffre,
Modula em meigos accentos
Seus doridos pensamentos,
A sua interna afflicção;
E das lagrimas choradas
Extrahe um balsamo santo,
Que vale estancar o pranto
Nos olhos do seu irmão.

Se eu fôra rei, não quizera
Roubar-te á senda florida,
Onde corre doce a vida
No matutino arrebol;
Gozas o sopro das brisas
E o leve aroma das flôres,
E as nuvens, que mudão côres
No nascer, no pôr do sol.

Gozão d'isto as que repousão
Em táboas de vís grabatos;
Não quem vive entre os ornatos
D'um throno d'ouro e marfim!
No solio triste, sentada,
Não víras um rosto amigo,
Nem mais vivêras comtigo,
Fôras escrava — por fim!

Vive tu teu viver simples,
Mimosa e gentil donzella,
D'entre todas a mais bella,
Flôr de candura e de amor!
C'rôa melhor eu t'offreço,
D'ouro não, mas de poesia,
C'rôa que a fronte alumia
Com a luz d'um resplendor!

HARPEJOS

Sweetest music!...
SHAKSPEARE.

Da noite no remanso
Minha alma se extasia,
E praz-me a sós commigo
Pensar na solidão;
Deixar arrebatar-me
De vaga phantasia,
Deixar correr o pranto
Do fundo coração

Tudo é silencio harmonico
E doce amenidade,
E uma expansão suave
Do mais fino sentir;
Existo! e no passado
Só tenho uma saudade,
Desejos no presente,
Receios no porvir!

Como licor que mana
De cava, humida rocha,
Que o sol nunca evapora,
Nem limpa amiga mão;
A dôr que dentro sinto
Minha alma desabrocha;
Que livre o pranto corre
Da noite na soidão!

Attendo! ao longe escuto
D'uma harpa os sons queixosos,
Attendo! e logo sinto
Minha alma se alegrar!
Attendo! são suspiros
De seres vaporosos,
Que mil imagens vagas
Me fazem recordar!

Tu que eras minha vida,
Que foste os meus amores,
Imagem grata e bella
D'um tempo mais feliz,
Que tens, que assim chorosa
Suspiras entre as flôres?
Teu sou, — do juramento
Me lembro, que te fiz.

Te vejo, te procuro,
Teus mudos passos sigo,
Emquanto, leve sombra,
Fugindo vais de mi'!
Unido ás notas da harpa
Percebo um som amigo,
Que me recorda o timbre
Da voz que já te ouvi!

Na brisa que soluça,
Na fonte que murmura,
Nas folhas que se movem
Da noite á viração,
Ainda escuto os echos
D'uma fugaz ventura,
Que assim me deixou triste
Em mesta solidão.

Prosegue, harpa ditosa,
Nas doces harmonias,
Que da minha alma sabes
A mágoa adormecer;
Prosegue! e a doce imagem
Dos meus primeiros dias
Veja eu ante os meus olhos
De novo apparecer!

Ai, forão como a virgem
Que em sitio solitario
Acaso um dia vimos
Sósinha a divagar!
Memoria bemfazeja,
Que o gelido sudario,
Que a morte em nós estende,
Só vale desbotar.

TRISTE DO TROVADOR

> E ella era esbelta e bem proporcionada, sua alma era como a sensitiva, e suas palavras erão doces e tinhão um perfume, que se não póde comparar.
>
> *Duas noites de luar*

E ella era como a rosa matutina
Formosa e bella,
Como a estrella que á noite ao mar se inclina,
Saudosa era ella.

Seus olhos negros, vivos e rasgados,
Era delicias vel-os ;
E co' a alvura do rosto contrastava
A côr dos seus cabellos.

Quando alguem lhe fallava, então fallava
Com voz macia,
Que triste dentro d'alma nos filtrava
Doce alegria.

E o seu timbre de voz movia as fibras
Do coração,
Como sons que a mudez da noite quebrão
Na solidão.

Seu mais leve sentir patenteava
No rosto ameno ;
Nuvemzinha da tarde, que se enxerga
Em céo sereno.

Topou-a acaso pensativa, errante,
O trovador :
« Feliz, disse elle, quem gozára os mimos
Do seu amor ! »

E ella deu-lhe do seio uma saudade
Murcha, e no emtanto bella :
E elle um culto votou, scismando extremos,
Á pallida donzella.

Como fosse, porém, breve a sua vida
Como uma flôr,
Em breves dias era mudo e triste
O trovador.

Se alguma vez cantava ; — então dizia
Ao seu anjo do céu, que lá morava,
Que de ter junto d'elle só pedia
A vida sua, que tão erma estava.

VELHICE E MOCIDADE

Eu levo á sepultura, uns após outros,
A donzella gentil, o velho enfermo
E o mancebo que folga descansado
Á sombra da ventura.

***

« Minha filha, mais depressa,
Mais depressa um pouco andemos,
E da aurora que desponta
Saudavel frescor gozemos !

« Senta-me em baixo do chorão, que dobra
A verde rama sobre a campa núa
De um ser de peito bom, de rosto bello,
Que foi minha mulher, que foi mãi tua !

« O sol nascendo apenas, vem primeiro
Seus raios n'essa campa dardejar,
E á cançada velhice é bem fagueiro
Esses restos da vida desfructar. »

Um cégo e triste velho que tremia
Á força dos invernos que passárão,
Á filha nova e bella, assim dizia,
Á filha que os amores cubiçavão.

E tinha o velho pai nos hombros d'ella
A mão crestada e morta e já rugosa,
E ella ao pai, sollicita, extremosa,
Guiava como um anjo e alva e bella.

« Nem sempre o que ora vês teu pai tem sido,
Oh! filha da minha alma, oh! meu thesouro,
Tambem um tempo foi que entretecido
Tive o fio vital de seda e d'ouro!

« Tambem meus olhos se expraiárão longe,
Pela vasta extensão d'estas campinas;
Tambem segui a tortuosa veia
D'esta linda corrente que se perde
Além, por entre penhas;
E a esmeraldina côr, de que se arreia
A relva d'estes prados, d'estas brenhas,
Meus olhos juvenís encheu de gozo,
Que agora os olhos teus tambem recreia!
« E que prazer tão grande! o sol nascia
N'um mar de luz brilhante!

Levantava-se mais, brilhava, ardia,
No prado verdejante,
Na fonte e na deveza;
E o mundo e a natureza
De puro amor enchia!
Destoucavão-se os montes de neblina,
Que meiga e adelgaçada
Pendia, como um véu de gaza fina
Da celeste morada,
Quando n'um mar formoso o sol nascia!

« O mundo era então luz — hoje é só trevas!
O céu de puro azul via tingido,
Via a terra de côres adornada,
E na immensa extensão d'agua salgada
Via a esteira de luz do sol luzido!

« Breve as horas passei de ser ditoso
Aqui, n'este lugar, ledo escutando
Tão amavel tua mãi, tão carinhosa,
Qu'instantes curtos me teceu fallando!

« Hoje existo sómente porque existes,
Desfructo outro viver que não vivia,
Quando escutão-te a voz os meus ouvidos,
Como sons de celeste melodia.

« Oh! falla, falla sempre. — É doce ao velho
Sons d'argentina voz, que as fibras todas
Do semivivo coração abalão,
Como d'uma harpa antiga
As deslembradas cordas,
Que á mão experta e amiga
Do trovador, n'um canto alegre estalão.

« É doce ao solitario a voz de um anjo
Na sua solidão;
E ao velho pai a voz da casta filha,
Que falla ao coração.

« É doce, qual perfume matutino,
Que a flôr exhala,
Que pelo peito da mulher amante
S'interna e cala;

« É doce, como a luz que se derrama
Pela face do mar,
Quando brando luar, da noite amigo,
Vem n'elle se espelhar.

« Falla, bem sei que amarga é tua vida,
Que amargo é teu penar;
No silencio da noite tenho ouvido
Teu peito a soluçar!

« Oh! falla, tu bem vês que, se a tormenta
Tetrica sôa,
Ao ninho de seus pais o passarinho
Rapido vôa. »

— Oh! meu pai, como eu quizera
Meus pezares te esconder;
Mas tua filha, coitada,
Em breve tem de morrer!

— Sinto que alento me falto,
Que longe foge de mim;

Sinto minha alma rasgar-se
Por te deixar só assim ;
Meu bom pai, como está breve
Da tua filha o triste fim !

— Alta noite, ouvi em sonhos,
A chamar-me um seraphim ;
Tinha alegria no rosto,
Mas chorava sobre mim ;
Meu bom pai, como está breve
Da tua filha o triste fim !

— E tu, cá ficas sósinho,
E tu, cá ficas sem mim!
Oh ! que n'alma só me peza
Por te deixar só assim ;
Meu bom pai, que é já chegado
Da tua filha o triste fim ! —

E o velho, baixo fallando,
Tristemente assim dizia :
« Já fui feliz, já fui novo,
Já fui cheio de alegria !

« Eu tive pais extremosos,
Irmãos que m'idolatrárão;
Eu tive castos amores,
Que antes de mim se acabárão !

« Eu tive tantos no mundo
Quantos se póde chorar :
Perdi todos, tudo ; ai, triste,
Só eu não pude acabar !

« Ao sopro da desventura
Só eu me não abalei,
Que a todos — novos e velhos —
Á campa todos levei !

« Minha filha me restava !
Eu já fantasma impotente,
Sobre os torrões tropeçava
Da cova aberta recente!

« Anjo de amor e bondade,
Porque me deixaste assim !
Tu morta, e na sepultura
Que eu tinha aberto p'ra mim !

« Deos, Senhor, quanto foi longo
O vaso em que fel traguei !
Findo o julguei ; restão fezes,
As fezes esgotarei. »

E sobre a rosea face, ora amarella,
A aurora sempre bella radiava,
E o pai, ancião, que a dôr rasgava,
Cingia ao corpo seu o corpo d'ella.

Nem pranto nos seus olhos borbulhava,
E nem nos labios seus a dôr gemia,
E sua alma, qual vaso em calmaria,
Entre vida e morrer n'um ponto estava.

O beijo paternal, por fim, estampa
Na filha, que prazeres só lhe dera ;
E filha e pensamento — alguem dissera
Ter juntos sepultado a mesma campa !

Nos céus não tens, Senhor, bastantes anjos,
Porque os venhas assim buscar á terra ?
Brilhe a virtude, quando reina o crime,
O crime impune e vil, que ás tontas erra.

AS FLORES

Ao Snr. José Praxedes Pereira Pacheco (*)

Simples tributs du cœur, vos dons sont chaque jour
Offerts par l'amitié, hasardés par l'amour.

Delille. *Les Jardins.*

Tu que com tanto afan, com tanto custo,
Estudando, inquirindo, e meditando,
De estranhos climas transplantaste aos nossos
As flôres varias no matiz, nas fórmas,
Modesto horticultor, dos teus desvelos
Este só galardão recebe ao menos !
Recebe-o : tambem eu gosto das flôres,
Folgo tambem de as ver n'um campo estreito
De estranhas terras revelando os mimos
E as galas d'outros céus : — aqui perfumão
Nossos jardins de peregrina essencia !
Melhorão-se talvez, que as não constristão
Raios tibios do sol, nem turvos ares,
Nem do inverno o furor lhes cresta o brilho.

Meigas flôres gentís, quem vos não ama ?
Em vós inspirações o bardo encontra,

(*) Incançavel Botanico-florista, a quem devemos a introducção no paiz das mais bellas e curiosas especies de flôres, que jámais aqui se virão.

Devaneios de amor a ingenua virgem,
A abelha o mel, a humanidade encantos,
Odores, nutrição, balsamo e côres.
Meigas flôres gentís, quem vos não ama?

Linda virgem no albor da vida incerta,
No meio das vivaces companheiras,
Em fórma de capella as vai tecendo
Para cingir com ella a fronte e a coma,
Que os annos no passar não enrugárão,
Nem as cans da velhice embranquecêrão.
Resplendor d'innocencia, onde casados
A açucena, e os jasmins aos brancos lirios
Um só perfume grato aos céus envia;
Meiga c'rôa d'angelica pureza,
Ornamento da vida — que se rompe
Ou quando os membros delicados vestem
O grosseiro burel da penitencia,
Ou do noivado as galas! — lá se acaba
Por fim aos pés do thalamo ou n'um tumulo!
Meigas flôres gentís, quem vos não ama?

Quantas vezes, nas horas da ventura,
A fallaz sensação d'um peito ingrato
Não julgamos eterna, immensa, infinda!...
Alli nossos anhelos se concentrão,
Nossa vida alli jaz: — cifra-se inteira
N'um brando volver d'olhos, n'um accento,
Que a ternura repassa, inspira, exhala!
Um gemido, um suspiro, um ai, um gesto,
Valem thronos, e mais, — o mundo e a vida!
Mas esvai-se a paixão!... que fica? Apenas
Um saudoso lembrar d'éras passadas,
De scismadas venturas, não fruidas,

Ás vezes uma flôr !.... — Flôr dos amores,
Quando extincta a paixão porque inda existes ?
Espinhos de uma rosa emmurchecida,
Porque sobreviveis ás folhas d'ella ?
Mais firme, mais leal, mais vivedoura
Que a voluvel paixão, a flôr mimosa
Talvez irrita a dôr, talvez a acalma.
Emblemas do prazer, do soffrimento,
Mensageiras do amor ou da saudade,
Meigas flôres gentís, quem vos não ama ?

Geme a fresca odalisca entre ferrolhos,
Importuna presença a voz lhe tolhe
Do não piedoso eunucho ; — e estatua negra
Respeitosa e cruel lhe espreita os gestos :
Chora a guzla mourisca ao som dos ferros,
Lastima-se a cadeia ao som dos passos,
E a humana flôr definha entre as mais flôres ;
Mil ouvidos a voz lhe escutão sempre,
E cingidos de ferro, crús soldados
D'entorno ao mésto harem velão sanhudos !
Ruge, fero soldão ! triplíca os bronzes
Da masmorra cruel : — a planta humilde,
E a escrava que recatas tão cioso,
Zombão dos ferros teus ! Muda e singela,
Ao través das prisões dos teus soldados
Passa a modesta flôr ! Vai n'outro peito,
Mysterios não sabidos relatando,
Contar do infausto amor as provas duras,
Os martyrios da ausencia, as tristes lagrimas
Que chora — ao reiterar protestos novos !
Bem-fadadas do sol, do amor bemquistas,
O orvalho as cria, as lagrimas as murchão :
Meigas flôres gentís, quem vos não ama ?

Quem tem o coração a amor propenso,
Quem sente a interna voz que dentro falla,
Delicado sentir d'um brando peito,
Alma virgem que os homens não mancharão:
Quem soffre ou tem prazer, ou ama, ou 'spera
E vive e sente a vida, esse vos ama:
Encantos da existencia emquanto vivos,
Do revés, do triumpho companheiras,
No berço, no docel, no mudo esquife,
Sempre amigas fieis vos encontramos.
Meigas flôres gentís, quem vos não ama?

Modesto horticultor, dos teus desvelos
Este só galardão recebe ao menos;
E paga-te sequer de ver mais bella,
Mais vaidosa, melhor, do sol na terra,
A flôr modesta, producção sublime
De estranhos climas transplantada ao nosso.

Rio, 29 janeiro 1849.

O QUE MAIS DÓE NA VIDA

I cannot but remember such things were,
And were most dear to me.

SHAKSPEARE.

O que mais dóe na vida não é ver-se
Mal pago um beneficio,
Nem ouvir dura voz dos que nos devem
Agradecidos votos,
Nem ter as mãos mordidas pelo ingrato,
Que as devêra beijar!

Não! o que mais dóe não é do mundo
A sangrenta calumnia,
Nem ver como s'infama a acção mais nobre,
Os motivos mais justos,
Nem como se deslustra o melhor feito,
A mais alta façanha!

Não! o que mais dóe não é sentir-se
As mãos d'um ente amado
Nos espasmos da morte resfriadas,
E os olhos que se turvão,
E os membros que entorpecem pouco e pouco,
E o rosto que descora!

Não! não é ouvir d'aquelles labios,
Doces, tristes, compassivas,
Sobre o funereo leito soluçadas
As palavras amigas,
Que tanto custa ouvir, que lembrão tanto,
Que não s'esquecem nunca!

Não! não são as queixas amargadas
No triumphar da morte;
Que, se se apaga a luz da vida escassa,
Mais viva a luz rutila;
Luz da fé que não morre, luz que espanca
As trevas do sepulchro.

O que dóe, mas de dôr que não tem cura,
O que afflige, o que mata,
Mas de afflicção cruel, de morte amara,
É morrermos em vida
No peito da mulher que idolatramos,
No coração do amigo!

Amizade e amor! — laço de flôres,
Que prende um breve instante
O ligeiro batel á curva margem
De terra hospitaleira;
Com tanto amor se ennastra, e tão depressa,
E tão facil se rompe!

Á mais ligeira ondulação dos mares,
Ao mais ligeiro sopro
Da viração — destranção-se as grinaldas;
E o baixel se afasta,
Veleja, foge, até que em plaga estranha
Naufragado soçobre!

Talvez permitte Deus que tão depressa
Estes laços se rompão,
Porque nos peze o mundo, e os seus enganos
Mais sem custo deixemos:
Sem custo assim a brisa arrasta a planta,
Que jaz solta na terra!

FLOR DE BELLEZA

Não vejas!... se a vires... — Eu sei porque o digo:
Tu morres de amor.

MACEDO.

Se fosse rainha aquella
Em cuja fronte singela,
Como em tela delicada
Luz da belleza o condão,
Fôras rainha adorada;
Mas rainha seductora,
Que exige preitos n'uma hora
E n'outra hora adoração

Fôras rainha! e ditosos
Teus vassallos extremosos,
Que a renderem-te seus preitos
Beijárão-te a nivea mão.
Pedes amor e respeitos!
Quem não ama a formosura,
Quem não respeita a candura
D'um sincero coração?

Mas antes que nos curvemos
Ante a belleza que vemos,
Tua angelica bondade
Conquista a nossa affeição :
Não és mulher, mas deidade,
Uma fada seductora,
Que nos pede amor agora,
Logo mais — adoração.

Quando pois, cheia de graças,
Entre a turba alegre passas,
Entre a turba sequiosa
De beijar-te a nivea mão;
Dizem uns : quanto é formosa!
Eu porém sei que és mais bella
Nos dotes da alma singela,
Nas prendas do coração.

Passa rapida a belleza,
Como flôr que a natureza
Cria em jardim melindroso,
Ou n'um agreste torrão;
Passa como um som queixoso,
Como felizes instantes,
Como as juras dos amantes,
Como extremos da paixão.

Mas d'alma a vida é mais fina,
Exhala essencia divina,
Que avigora e fortifica
O dorido coração ;
Morto o corpo, ainda fica,
Como em rosal arrancado,
Leve aroma derramado
Dos espaços na extensão

O ANJO DA HARMONIA

Respira tanta doçura
O teu canto, que por certo
Abranda a penha mais dura.

BOCAGE.

Revela tanto amor, tão branda sôa
A tua doce voz canora e pura,
Que o homem de a escutar sente no peito
Infiltrar-se-lhe um raio de ventura.

Solta-se a alma das prisões terrenas,
O mundo, a vida, o soffrimento esquece,
E embalada n'um ether deleitoso,
Como Alcyon nas aguas, adormece!

Da noite a placidez é menos grata
A quem sósinho e taciturno vela,
Quando, perdido n'outros mundos, nota
A meiga luz de fugitiva estrella.

Sensações menos doces, menos vagas,
Desperta o barco leve, que se avista
Ao pôr do sol, na extrema do horizonte,
Quando n'um mar de luz nos foge á vista.

Das aves o cantar é menos fresco,
É menos triste a fonte que serpeia,
Menos queixoso o mar que enternecido
Beija na praia a scintillante areia.

Vagas na terra, suspiroso archanjo,
Derramando torrentes de harmonia
Sobre as chagas mortaes, — balsamo sancto
Que as mais profundas mágoas allivia.

Vagas na terra, merencoria e bella;
Mas quando d'este mundo ao céu tornares,
Juntarás teus ternissimos accentos
Aos puros sons dos mysticos altares.

E os anjos na mansão das harmonias,
Encostados ás harpas diamantinas,
Folgarão de te ouvir celestes carmes
Deduzidos em notas peregrinas.

E dirão : — Nunca ás plagas do infinito
Subiu mais terna voz, mais fresca e pura!
Se o corpo é de mulher, sua alma é vaso
Onde o incenso de Deus se afina e apura.

A HISTORIA

The flow and ebb of each recurring age.
BYRON.

Triste lição de experiencia deixão
Os evos no passar e os mesmos actos
Renovados sem fim por muitos povos,
Sob nomes diversos se encadeião :
Aqui, além, agora ou no passado,
Amor, dedicaçao, virtude e gloria,
Baixeza, crime, infamia se repetem,
Quer gravados no socco de uma estatua,
Quer em vil pelourinho memorados
Eis a historia ! — rainha veneranda,
Trajando agora sedas e velludos|
Depois vestindo um sacco desprezivel,
D'immunda cinza apolvilhada a fronte.

Se as virtudes do pobre não têm preço,
Tambem dos vicios seus a nodoa exigua
Não conspurca as nações ; mas ai dos grandes,
Que trilhão senda errada, a cujo termo
Se levanta a barreira do sepulchro,
Onde se quebra a adulação sem força.
Se virtuoso, as gerações passando
As cinzas lhe beijarão ; se malvado,
Cospem-lhe affrontas na vaidosa campa,
Jámais de amigas lagrimas molhada.
E qual do Egypto nos festins funereos,
Maldizem bons e máos sua memoria,
Lançando á face da real mumia
Dos crimes seus a lacrymosa historia.

Talvez, porém, um infortunio grande,
Um exemplo sublime de virtude,
Cobre dourada pagina, que aos olhos
Pranto consolador sem custo arranca.

Eis a historia! um espelho do passado,
Folhas do livro eterno desdobradas
Aos olhos dos mortaes; — aqui sem mancha,
Além golfeja sangue e súa crimes.
Tal foi, tal é · retrato desbotado,
Onde se mira a geração que passa,
Sem côr, sem vida, — e ao mesmo tempo espelho,
Que ha de ser nova copia á gente nova,
Como os annos aos annos se succedão :
Ondas de mar sereno ou tormentoso,
As mesmas na apparencia, que se quebrão
Sobre as d'areia fluctantes praias.

A CONCHA E A VIRGEM

Linda concha que passava,
Boiando por sobre o mar,
Junto a uma rocha, onde estava
Triste donzella a pensar,

Perguntou-lhe : — Virgem bella,
Que fazes no teu scismar?
— E tu, pergunta a donzella,
Que fazes no teu vagar?

Responde a concha : — Formada
Por estas aguas do mar,
Sou pelas aguas levada,
Nem sei onde vou parar!

Responde a virgem sentida,
Que estava triste a pensar :
— Eu tambem vago na vida,
Como tu vagas no mar!

Vais d'uma a outra das vagas,
Eu d'um a outro scismar;
Tu indolente divagas,
Eu soffro triste a cantar.

— Vais onde te leva a sorte,
Eu, onde me leva Deus :
Buscas a vida, — eu a morte;
Buscas a terra, — eu os céus!

SEI AMAR

Amor amore.

Proverbio.

Sei amar com paixão ardente e fida,
Como o nauta ama a terra, como o cégo
A luz do sol, como o ditoso a vida.

Sim, sei amar; porém do immenso pégo
D'uma existencia misera e cançada,
Quero uma hora, um instante de socego.

Dera a vida a uma alma apaixonada,
A um peito de mulher que me entendesse,
Onde eu pousasse a fronte acabrunhada.

Porém, que fosse minha, e que eu soubesse
Que os labios que beijei são meus sómente,
Nem pensa em outro, nem de mim se esquece;

Nem vai de prompto derramar demente
N'outros ouvidos a palavra, o accento,
Que em extasis de amor criei fervente;

Nem corre o seu volatil pensamento,
Quando fallo, a pensar n'outros amores,
N'outra voz, n'outros sons, n'outro momento.

Demais, acostumado a teus rigores,
Não me queixo, bem vês, mas despedaço
A prisão vil, embora occulta em flôres.

Se entro furtivo, onde outro mais de espaço
Como senhor campeia — ao mais querido
Cedo o ingresso, ao mais ditoso o passo.

Não me contenta um coração partido,
Um só amor que a dous pertence, — um peito,
Que bate por dous homens, fementido.

Se eu unico não sou, — vil, não aceito
Ser segundo em amor; — inteiro é nobre,
Vale um throno; — partido, é dom tão pobre,
Qu'eu pobre, como sou, de altivo engeito.

ÁMANHÃ

Ámanhã! — é o sol que desponta,
É a aurora de roseo fulgor,
É a pomba que passa e que estampa
Leve sombra de um lago na flôr

Ámanhã! — é a folha orvalhada,
É a rôla a carpir-se de dôr,
É da brisa o suspiro, — é das aves
Ledo canto, — é da fonte o frescor.

Ámanhã! — são acasos da sorte;
O queixume, o prazer, o amor,
O triumpho que a vida nos doura,
Ou a morte de baço pallor.

Ámanhã! — é o vento que ruge,
A procella d'horrendo fragor;
É a vida no peito mirrada,
Mal soltando um alento de dôr.

Ámanhã! — é a folha pendida,
É a fonte sem meigo frescor,
São as aves sem canto, são bosques
Já sem folhas, e o sol sem calor.

Ámanhã! — são acasos da sorte!
É a vida no seu amargor,
Ámanhã! — o triumpho, ou a morte;
Ámanhã! — o prazer, ou a dôr!

Ámanhã! — o que val', se hoje existes!
Folga e ri de prazer e de amor;
Hoje o dia nos cabe e nos toca,
De ámanhã Deus sómente é Senhor!

POR UM AI

Se me queres ver rendido,
De joelhos, a teus pés,
Por um olhar que me deites,
Por um só ai que me dês;

Se queres ver o meu peito
Rugindo como um volcão,
Estourar, arder em chammas,
Ferver de amor e paixão;

Se me queres ver sujeito,
Curvado e preso á tua lei,
Mais humilde que um escravo,
Mais orgulhoso que um rei;

Meus olhos sobre os teus olhos,
Meu coração a teus pés;
Por um olhar que me deites,
Por um só ai que me dês:

Oiça, feliz, dos teus labios
Esta só palavra — amor! —
Estrella cortando os ares,
Abelha sobre uma flôr.

Então verás dos meus olhos,
Que o pezar me não cegou,
Rebentarem de alegria
Prantos, que a dôr estancou;

Então verás o meu peito
Como outra vez se incendia:
Era a folha verde e fresca,
Onde o sol se reflectia!

Murcha e triste pende agora;
Cahio, jaz solta, está só :
Exposta ao fogo, arde em chammas,
— Deixai-a, desfaz-se em pó!

Hei de sentir outra vida,
Outra vez meu coração
Escutarei palpitando
De amor, de fogo e paixão.

Lascado tronco sem graça,
Tal fui, tal me vês agora!
Mas venha o orvalho celeste,
Venha o bafejo da aurora,

Venha um raio de alegria
Dar-lhe ás raizes calor;
Revive de novo, e brota
Folhas, galhos e verdor.

Do cimo erguido e copado
Outra vez se dependurão
Mil flôres, — alli mil aves
Nos seus gorgeios se apurão.

Não quero palavras falsas,
Não quero um olhar que minta,
Nenhum suspiro fingido,
Nem voz que o peito não sinta.

Basta-me um gesto, um aceno,
Uma só prova, — e verás
Minha alma, presa em teus labios,
Como de amor se desfaz!

Ver-me-nas rendido e sugeito,
Captivo e preso á tua lei,
Mais humilde que um escravo,
Mais orgulhoso que um rei!

PROTESTO

IMITAÇÃO DE UMA POESIA JAVANEZA

Ainda quando os homens te odiassem,
E anath'ma contra ti bradasse o mundo,
Por ti sentíra amor, te amára sempre,
Te amára eternamente.

Este affecto jámais ha de alterar-se;
Embora gemeos sóes ardão no espaço,
Ou gemeas noites, em cegueira eterna,
Me roubem o prazer de ver teus olhos.

Entranha-te na terra, hei de afundar-me;
Passa ao través do fogo, irei comtigo;
Aos céus remonta, hei de seguir-te sempre,
Ver-me has sempre a teu lado.

De ti não póde a força desprender-me,
Nem separar-me o fado. Em ti só vivo;
E quem dos dias teus souber o termo,
Que a vida me deixou tambem conheça.

Quando nas azas da esperança corro,
Onde me acenas, onde amor me aguarda,
Parece-me que vôo aos ledos campos,
Onde a esperança mora.

Não ha que possa comparar-se aos extasis,
Que tanto ao vivo meu amor revelão ;
Um gesto, um som dos labios teus mimosos
Mil vezes na minha alma se repete.

Quer irritada contra mim te mostres,
Quer do teu seio irosa me repillas,
Teu rosto na minha alma se retrata,
E eu te amo sempre !

Quer durma, quer descance, ou vele ou soffra,
Em tudo quanto sinto, em quanto vejo,
Risonha tua imagem me apparece,
E eu julgo sempre que te fallo e escuto.

Seja eu longe da patria infindas legoas,
A distancia de um mundo entre nós corra,
Emquanto além divago, preso fica
Meu coração comtigo.

Se pois souberes que os meus dias findão,
Não creias que o destino inexoravel
M'os corta — antes me tem, antes me julga
Morto por ti de amores !

FADARIO

Procura o iman sempre
Do pólo a firme estrella ;
De viva luz o insecto
Se deixa embellezar ;

E a nave contrastada
Das furias da procella,
Procura amigo porto,
No qual possa ancorar.

O iman sou constante,
A nave combatida,
O insecto encandeado
Com fulgido clarão;
E tu — a minha estrella,
A luz da minha vida,
O porto que me acena
Por entre a cerração.

Assim, por desgostar-me,
Severa no semblante,
No olhar, na voz — debalde
Me opprime o teu rigor;
Se fujo dos teus olhos,
Se mostro-me inconstante,
Na ausencia e no desterro
Me vai crescendo o amor!

Assim o insecto volta
Á luz que o já queimára,
E o iman na tormenta
Procura o norte seu;
Assim a nave rota,
Que o vento contrastára,
Entrando o porto, esquece
Que males já soffreu.

Debalde pois tua alma,
Que a minha dôr enxerga,

Se mostra aspera e dura
Á voz do meu penar;
Aquelle verde ramo,
Que facilmente verga,
Resiste ao peso, emquanto
Não torna ao seu lugar.

Se, pois, te irrita e cança
De o ver revel comtigo,
Do tronco seu virente
Separa-o de uma vez:
Mais qu'elle venturoso
Me julgo, se consigo
Morrer vendo os teus olhos,
Cahir junto a teus pés.

Mas, inda assim, não creias,
Se finda o meu tormento,
Que nem lembrança minha
Terás de conservar;
A nave, que não toca
No porto a salvamento,
Talvez os rotos mastros
Atira á beira-mar.

Assim, quando jazendo
Me achar na campa fria,
Talvez tenhas remorsos
Da tua ingratidão;
Talvez que por mim sintas
Alguma sympathia;
Que em lagrimas desfeita
Me dês amor então.

O ASSASSINO

Pero una sola lágrima, un gemido
Sobre sus restos á ofrecer no van,
Que es sudario d'infames el olvido...
Bien con su nombre en su sepulcro están!

ZORRILLA.

Eil-o! seu rosto pallido se encova;
Incerto, mais que os vôos d'um morcego,
Seu andar, ora lento, ora apressado,
Profunda agitação revela aos olhos.

Crespos os cenhos, enrugada a fronte,
Semelha luz de tocha mortuaria
A luz que os olhos seus despedem torvos.
Ha momentos em que seu rosto fero
De tal arte s'enruga e se transtorna,
Que os seus proprios amigos o fugírão
E a propria mãi temêra unil-o ao seio!
Quando os labios descerra, só murmura
Frases, cujo sentido não se alcança,
Ou blasfemias a Deos, que o soffre em vida!
O que amou n'outro tempo, agora odeia;
Despreza o que estimou; evita, foge
Quanto afanoso procurava outr'ora;
Receia a luz do sol, da noite as trevas,
A voz do crime, da innocencia o grito!

A colera de Deos cahio tremenda
Sobre o seu peito, e o coração lhe opprime,
De cuja interna chaga em jorros salta
O sangue e a podridão: horrenda e fero,
A victima das furias do remorso,

Terrivel e cobarde, e ao mesmo tempo
Rebelde contra a mão, que o vexa e pune,
Emquanto a Deos maldiz, blasfema, irrita,
D'uma voz, d'uma sombra se amedronta.

Não póde supportar seus pensamentos
A sós comsigo, e aborrecendo os homens,
De os ver e de os não ver soffre martyrios.
Na cidade, suspeita esposa, amigos,
A mãi e os filhos ; — um terror, um pasmo,
Cuja causa recondita se ignora,
Na voz, no rosto e gesto o denuncião
Como escravo do crime ou da miseria.

No ermo a propria voz o sobresalta !
O som dos passos, do seu corpo a sombra,
Das fontes o correr por entre as pedras
Da brisa o suspirar por entre as folhas,
Quanto vê, quanto escuta o intimida.
Minaz lhe brada a natureza inteira,
Soluça um nome, que lhe erriça a coma
E o frio do terror lh'immerge n'alma.

O mar nas ondas crêspas, que se enrolão,
Batidas pelo açoite da procella,
Troveja o mesmo nome ; as vagas dizem-no,
Quando passão, cuspindo-lhe o semblante ;
E Deos, o proprio Deos no espaço o grava
Nos fuzís que os relampagos centelhão.

Tem pavor, quando sonha e quando vela.
Deixando o leito em seu suor banhado,
No silencio da noite — a horas mortas,
Levanta-se medonho á voz do crime !
Nas mãos convulsas um punhal aperta
E a lamina buida e os olhos torvos

Agoureiro clarão despedem juntos.
Soltando roucos sons com voz sumida,
Apalpa cauteloso as densas trevas,
E vai... caminha... attende... de repente
Apunhala um phantasma! — solta um grito,
Larga o punhal convulso e arrepiado!
N'um ferrete de sangue lê seu fado,
Um ferrete, que a dôr não desfaz nunca,
Nem lava o pranto, nem consome o tempo.

Miseravel, provando o fel da morte,
Ante o passo medonho se horroriza;
Odeia o mundo que fugir não póde
Regeita a religião que o não consola,
Odeia e teme a Deos, — teme a justiça
De quem na fronte vil do fratricida
Nodoa eterna gravou do crime infando.

A UNS ANNOS

14 — Janeiro.

No segredo da larva delicada
A borboleta mora,
Antes que veja a luz, que estenda as azas,
Que surja fóra!

A flôr, antes de abrir-se, se recata;
No botão se resume,
Antes que mostre o colorido esmalte,
Que espalhe o seu perfume.

E a flôr e a borboleta, após a aurora
Breve — da curta vida,
Encontrão nas manhãs da primavera
A luz do sol querida.

De graças cheia, a delicada virgem
Da vida no verdor,
Semelha a borboleta melindrosa,
Semelha a linda flôr.

Tudo se alegra e ri em torno della,
Tudo respira amor,
Que é a virgem formosa semelhante
Á borboleta e á flôr.

Mas p'ra estas o sol breve se esconde,
Passão prestes os dias;
Emquanto a cada sol e nova quadra
Tu novas graças crias!

QUANDO NAS HORAS

And dost thou ask, what secret woe
I bear, corroding joy and youth ?
And wilt thou vainly seek to know
A pang e'en thou must fail to soothe.

BYRON.

I

Quando nas horas que comtigo passo,
Do amor mais casto, do mais doce enlevo,
Sentindo um raio d'esperança amiga,
Que as densas trevas da minha alma aclara,

Teus meigos olhos sobre os meus se fitão,
Sorvo o perfume que tua alma exhala,
Gozo o sorriso que os teus labios vertem
E as doces notas que o prazer m'entranhão ;

Tu me perguntas porque um riso amargo.
Funebre e triste me descora os labios ;
Porque uma nuvem de pezares grávida
Tolda o meu rosto ;

Porque um suspiro de abafada angustia,
Um ai do peito, que exhalar não ouso,
O meigo encanto dos teus sonhos quebra
N'um breve instante !

Raio de amor, que sobre mim resplendes,
Ou sol que bates n'um profundo abysmo,
E a verde-negra superficie tinges
De côr chumbada com reflexos d'oiro ;

Se vês luzente a superficie amiga,
E á luz que espalhas aclarar-se o abysmo.
Sol bemfazejo, que te importão fezes,
Se lá no fundo adormecidas jazem ?

Talvez se as víras, encobrindo os olhos,
De horror fugindo ao temeroso aspecto,
Os brandos lumes, d'onde amor distillas
Breve apagáras.

Não me perguntes porque soffro triste,
Porque da morte o negro espectro invoco,
Porque, cansado desta vida, almejo
A paz dos tumulos.

Nem ver procures a cratera hiante
Do peito meu, qu'inda fumega em cinzas,
Do peito meu, onde crueis travárão
Pleitos, não crimes, mas paixões que abrasão.

Dá que nas horas que comtigo passo
Do amor mais casto e do mais doce enlevo,
Durma o passado e do porvir m'esqueça,
E o meu presente de te amar se ameigue.

II

Se algum suspiro de abafada angustia,
Se um ai do peito que exhalar não ouso,
O meigo encanto dos teus sonhos quebra;
Tu me perdôa.

Cansado e triste de viver soffrendo,
Da morte amiga o negro espectro invoco,
Affiz-me ás dôres, e só tôrva idéia
Me apraz agora.

Talvez na pedra d'um sepulchro frio
Melhor folgára de me ver deitado,
Sentir nos olhos estancado o pranto
E amodorrado o padecer no peito.

Talvez folgára minha sombra triste,
Vagando em torno d'uma campa lisa,
De vêr-te as fórmas, de contar teus passos,
E de escutar tua oração piedosa.

Talvez folgára, quando pranto amargo
Dos olhos teus me rorejasse a campa,
Dos meigos labios, onde amor temperas,
Meu nome ouvindo!

Oh! sim, folgára de sentir a brisa
Correndo em torno ao moimento meu,
E tu sósinha no sepulchro humilde,
Guardando os tristes deslembrados ossos!

Junto ao meu corpo guardarei teu leito,
Onde os teus restos junto aos meus descancem;
E o mesmo sol, e a mesma lua e brisa
        Juntos nos vejão.

E quando o anjo espedaçar as campas
Ao som da trompa de fragor horrendo,
Que ha de o lethargo despertar dos mortos
        Na vida eterna,

Primeiro em ti se fitarão meus olhos:
Hei de alegrar-me de te ver commigo,
E as nossas almas subirão reunidas
Á eterna face do juiz superno.

E deste amor, por que ambos nós passamos,
O galardão lhe pediremos ambos:
Viver unidos na mansão dos justos,
Ou nos tormentos da eternal gehenna!

III

No emtanto a vida supportar já devo,
Soffrer o peso da existencia ingloria,
E revolvendo o coração chagado,
Nos seus estragos numerar meus dias.

Na terra existo, como um som queixoso,
Um echo surdo que entre as fragas dorme;
Ou como a fonte que entre as pedras corre,
Ou como a folha sob os pés calcada;

Uma alma em pena, que procura os restos
Não sepultados, — uma flôr que murcha,
D'uma harpa a corda que por fim rebenta,
Ou luz que morre.

Prazer não acho de avistar lua
Pallida e bella na soidão do espaço ;
Nem vivos astros, nem perfumes gratos
Me dão consolo.

Nada percebo nos confusos roncos
Do mar, que bate as solitarias praias ;
Nem nos gemidos da frondosa selva,
Que o sopro amigo de uma aragem move.

Conviva infausto d'um festim, que odeio,
Ás proprias galas que vaidosa ostenta
A natureza — não se ri minha alma,
Nem de as notar meu coração se alegra.

E sinto o mesmo que sentira o frio,
Mudo cadaver dos festins do Egypto,
Se ver pudesse, contemplando o nada
Das vãs grandezas.

Mas já que os olhos sobre mim pousaste,
Teus meigos olhos, donde o amor lampeja ;
Pois que os teus labios para mim se abrírão,
Teus meigos labios ;

Já que o perfume da tua alma d'anjo
Embalsamou-me o coração de aromas ;
Já que os prazeres da eternal morada
De longe, em sonhos, antevi comtigo :

Já posso a vida supportar, já devo
Soffrer o peso da existencia inutil;
Já do passado e do porvir me esqueço,
E o meu presente de te amar se ameiga.

RETRACTAÇÃO

Son reo, non mi difendo
Puniscimi, se vuoi!

METASTASIO.

Perdôa as duras frases que me ouviste:
Vê que inda sangra o coração ferido,
Vê que inda luta moribundo em ancias
Entre as garras da morte.

Sim, eu devêra moderar meu pranto,
Soffrear minhas iras vingativas,
Deixar que as minhas lagrimas corressem
Dentro do peito em chaga.

Sim, eu devêra confranger meus labios,
Mordel-os té que o sangue espadanasse,
Afogar na garganta a ultriz sentença,
Apagal-a em meu sangue.

Sim, eu devêra comprimir meu peito,
Conter meu coração, que não pulsasse;
Apagado volcão, que inda fumega,
Que faz, que jorra cinzas?

Que m'importava a mim teu fingimento,
Se uma hora fui feliz quando te amava,
Se ideei breve sonho de venturas,
Dormido em teu regaço;

Luz mimosa de amor, que apagaste,
Ou gota pura de crystal luzente
Filtrando os poros de uma rocha a custo,
Cahida em negro abysmo!

Devêra pois meu pranto borrifar-te
Amigo e bemfazejo, como aljofar
De branco orvalho em perolas tornado
N'um calice de flôr;

Não converter-se em pedras de saraiva,
Em chuva de granizo fulminante,
Que em chão de morte as petalas viçosas
Desfolhasse entre-abertas.

Feliz o doce poeta,
Cuja lyra sonorosa
Resôa como a queixosa,
Trépida fonte a correr;
Que só tem palavras meigas,
Brandos ais, brandos accentos,
Cuja dôr, cujos tormentos
Sabe-os no peito esconder!

Feliz o doce poeta,
Que não andou em procura
De terrena formosura
Nem as graças lhe notou!

Que lhe não deu sua lyra,
Que lhe não deu seus cantares,
Que lhe não deu seus pezares,
Nem junto della quedou !

Antes na mente escaldada
Forma um composto divino
De algum ente peregrino,
De algum dos filhos dos céus;
E ante essa imagem creada,
Que vê sempre noite e dia,
Dobra as leis da phantasia,
Acurva os desejos seus.

É d'ella quando se carpe,
É d'ella quando suspira,
É d'ella quando na lyra
Entôa um canto feliz :
D'ella acordado ou dormido,
D'ella na vida ou na morte,
Tenha alegre ou triste sorte,
Seja Laura ou Beatriz !

Que talvez a doce imagem,
Á scismada fantasia
Ha de o poeta algum dia
Junto de Deos encontrar;
E que havendo-a produzido
Antes do mundo formado,
Dê-lhe um sonhar acordado
Por um viver a sonhar.

ANHELO

No lago interior d'um peito virgem,
Que os ventos das paixões não agitárão,
Hei de em cifras de amor gravar meu nome,
Onde as nuvens do céo desenhão côres.

Nos meigos olhos, que embelleza o mundo,
De corrosivas lagrimas enxutos,
Meu pensamento gravarei n'um beijo,
Onde as luzes do céo reflectem brilhos.

Em sua alma, onde uma harpa melindrosa
Noite e dia seus canticos afina,
Hei de a vida entornar em doces carmes,
Onde imagens do céo sómente brilhão.

Que outra c'rôa melhor, que outra mais pura,
Que uma c'rôa d'amor em fronte virgem?!
Não pesa sobre a fonte, não esmaga,
Não punge o coração, — é toda amores!

Que outra c'rôa melhor, que outra mais bella
Que a aureola, que Deos concede aos vates?
Com sorriso de amor, talvez com pranto,
Cede-a o vate á mulher que mais o inspira!

Eu t'a cedo, eu t'a dou! C'rôo-te, imagem
Resplendente, invejada entre as mulheres;
Um beijo só de amor tu me concedas,
Um suspiro sequer do peito exhales.

QUE ME PEDES?

Tu pedes-me um canto na lyra de amores,
Um canto singelo de meigo trovar?!
Um canto fagueiro já — triste — não póde
Na lyra do triste fazer-se escutar.

Outr'ora coberto meu leito de flôres,
Um canto singelo já soube trovar;
Mas hoje na lyra, que o pranto humedece,
As notas d'outr'ora não posso encontrar!

Outr'ora os ardores que eu tinha no peito
Em cantos singelos podia trovar;
Mas hoje, soffrendo, como hei de sorrir-me?
Mas hoje, trahido, como hei de cantar?

Não peças ao bardo, que afflicto suspira,
Uns cantos alegres de meigo trovar;
Á lyra quebrada só restão gemidos,
Ao bardo trahido só resta chorar.

9 março 1849.

O CIUME

Oh! quanta graça e formosura adorna
Teu rosto eloquente e vivo!
Se a sombra de um sorrir te afrouxa os labios,
Prestes outro sorrir dos meus rebenta;

Se vejo os olhos teus, que chorar tentão,
Debalde o pranto meu represso engulo;
Se do teu rosto as rosas se esvaecem,
Eu sinto de temor bater meu peito;
E quando os olhos teus nos meus se fitão
Nem pezares, nem dôres me dominão;
Mas sinto que o meu peito se enternece,
Sinto o meu coração bater mais livre,
Sinto o sorriso, que me ri nos labios,
Sinto o prazer, que me transluz no rosto,
Sinto delicias n'alma!

Quanta belleza tens! — quer dessas graças,
Que o amor inveja — n'um sarão brilhante
No meio de bellezas, que supplantas,
Prazer e galas de as mostrar ressumbres;
Quer estejas sósinha e pensativa,
Quer viva e folgazã prazer incites:

Ou n'um corcel em páramos extensos
Correndo afoita e louca, e o pé mimoso
Da carreira no afan por sob as vestes
Transparecer deixando;

Ou balançada n'um ligeiro barco,
Que de um lago tranquillo as aguas frisa
Soltando a voz ás brisas namoradas,
Que de te ouvir suspirão;

Ou n'uma bronca penha descalvada
O mar e os céos contemples pensativa,
E a redeas sôltas do pensar divagues
Nos campos do infinito;

És sempre bella: já teus olhos brilhem
Luz que fascina, ou morbidos reflexos,
Teus labios entre-abertos sempre exhalão
Calor, que incendio ateia.

Oh! que bella tu es, quando assentada
No teu balcão, ao refulgir da lua,
Manso te apoias em coxins de seda,
E o bello azul dos céos triste encarando
Pensas em Deos, — talvez no teu futuro,
Talvez nos teus pezares, — que na fonte
De lympha pura, crystallina e fresca,
Aquatica serpente usa occultar-se!
Mas como és bella assim! co'a mão sem força
Tirando sons perdidos, sons que encantão,
Sons qu'infundem prazer, sons d'harpa tristes!
Mas como és bella assim! — quando o teu peito
Entre a gaza subtil de leve ondeia!
Como a onda do mar pausada e fraca
Se abaixa, e empola, e mais e mais se achega
Á doce praia, onde os seus ais se quebrão,
Assim teu peito bate, e nos teus labios
Do extremo palpitar morre um suspiro.
Como d'harpa afinada a corda sôa,
Mal desfere seus sons outro instrumento,
Assim tambem minha alma se entristece,
Assim tambem meu peito arqueja e pula!

Eis porque amor me liga aos teus destinos,
Porque sou teu escravo, — bem que saiba
Que se a tua alma a belleza
Tem de um anjo a formosura,
Não tens de um anjo a candura,
Nem tens delle a singeleza!

Eis porque ardo por ti, porque padeço
Do inferno crús tormentos!
Porque dos zelos mancha o fel minha alma
De negros pensamentos!

Mas que importa este amor que me consome?
Eu quero sentir dôr;
Quero labios que entornem nos meus labios
Alento escaldador!

Quero fogo sentir contra o meu peito,
Quero um corpo cingir que eu sinta arder,
Quero beijos só teus, caricias tuas,
Que dão morrer!

Que importa ao edificio que scintilla,
De roaz fogo tomado,
Ser por um raio abrasado
Ou por ignobil favilla?
É sempre ardor, sempre fogo,
Sempre d'incendio o clarão,
Sempre o amor que estúa e ferve
Como um gigante vulcão.

A NUVEM DOIRADA

A nuvem doirada se espraia no occaso,
Roçando co'as franjas o throno de Deos;
A aguia arrojada seus vôos levanta,
Traçando caminhos nos campos dos céos!

Exhala perfumes a flôr do deserto,
Embora dos ventos o sopro fatal
Embace-lhe as côres, — e o mar orgulhoso
Suspira queixoso — no extenso areal.

E os bardos mimosos nos cantos singelos
Imitão as nuvens no incerto vagar :
Vão sós como as aguias, — exhalão perfumes.
Suspirão queixumes — das vagas do mar.

Por isso quem ama, quem sente no peito
Cantar-lhe das lyras a lyra melhor,
Os carmes lhes ouve, que os bardos só cantão
Saudades, perfumes, enlevos e amor!

SONHO DE VIRGEM

A N. A. C. G. A.

I

Que sonha a donzella,
Tão vaga, tão linda,
Bemquista e bemvinda
Na terra e no céo?
Que scisma? que pensa?
Que faz? que medita,
Que o seio lhe agita
Tão bravo escarcéo?

Que faz a donzella,
Se lagrimas quentes
Das faces ardentes
Lhe queimão a tez?
Que sonha a donzella,
Se um riso fagueiro,
Donoso e ligeiro
Nos labios lhe vês?

Que faz a donzella,
Que scisma, ou medita?
Talvez lá cogita
Fruir algum bem;
Então porque chora?
Se curte agras dôres
D'ingratos amores,
O riso a que vem?

Semelha a donzella,
Que ri-se e que chora,
A limpida aurora,
Que orvalha dos céus;
Não luz mais brilhante,
Não chora mais prantos,
Não tem mais encantos,
Que um riso dos seus.

II

Quem me dera saber quaes são teus sonhos
Aventar teus angelicos desejos,
Saber de quantas ledas fantasias,
De quantos melindrosos pensamentos

Um suspiro se nutre, um ai se gera!
Virgem, virgem de amor, que vais boiando
A flôr da vida, como rosea folha
Que aragem branda sacudio nas aguas;
Que genio bom a magica vergasta
Em troco de um sorriso te concede?
Que poderosa fada te embalsama
A vida e os sonhos? — que celeste archanjo
Embala, agita as creações que idéas,
Como em raio do sol dourados átomos
Com que invisivel ser brincar parece?
Virgem, virgem de amor, quaes são teus sonhos?

III

Talvez quando o sol nasce, lá divisas
Na liquida extensão do mar salgado
Correr com mansas brisas
Um ligeiro batel aparelhado.

As velas de setim brancas de neve
Rutilão d'entre as flammulas e côres,
E o barco airoso e leve
Nos remos voga de gentís amores.

Não formão rijos sons celeuma dura,
Nem a companha entre bulcões desmaia;
Aragem fresca e pura
Doces carmes de amor conduz á praia.

Sonhas talvez nas orlas do occidente,
De um regato sentada á branda margem,
Ver surgir de repente
De uma cidade a caprichosa imagem!

Soberbas construcções fantasiando,
Vês agulhas subtís cortando os céos,
E a luz do sol doirando
Rutilos tectos, altos coruchêos.

Sonhas talvez palacios encantados,
Espaçosos jardins, fontes de prata,
Vergeis de sombra grata,
Onde a alma folga, isenta de cuidados.

Sonhas talvez, mas innocente Armida,
Passar a facil quadra dos amores,
Tendo em laço de flôres
Preso de quem mais amas peito e vida!

IV

Quem me dera saber quaes são teus sonhos?
Aventar teus mais intimos desejos,
E ser o genio bom que t'os cumprisse!

V

Nem só prazeres medita,
Nem só pensa en bellas flôres;
Muitas ha que almejão dôres,
Como outras buscão amor :
É que as punge atra amargura,
Que o peito anceia e fatiga;
É sêde que só mitiga
Talvez afflicção maior.

Quasi gozão, quando vertem
Um pranto cançado e lento;
Quando um comprido tormento
Lhes derrete o coração :
Não é martyrio de sangue,
Como nas eras passadas;
Mas ha lagrimas choradas,
Que tambem martyrio são.

Ha dôres que melhor ralão
Que provas d'agua ou de fogo,
Que ver apinhado o povo
N'um banquete canibal;
Que sentir no amphitheatro
As vivas carnes rasgadas
Pelas presas navalhadas
De um fero lobo cerval.

VI

Quem me dera saber quaes são teus sonhos,
Aventar teus mais fundos pensamentos,
E ser o genio bom que t'os cumprisse,
Quando fossem de amor teus meigos sonhos!

VII

Mas donde mana essa fonte
De inexplicavel ternura,
Que os golpes da desventura
Não podem nunca estancar;
Essa vida toda extremos,
Esse ardor de todo o instante,
Esse amor sempre constante,
Que nunca se vê mingoar?

Quizera, virgem donosa,
Saber a origem divina
Dessa fonte peregrina
De tanta luz e calor;
Então pudera em meus cantos,
Tratar dos teus meigos sonhos,
Formar uns quadros risonhos
De quanto sentes de amor.

Roubando as côres do Iris,
Das estrellas os fulgores,
O aroma que têm as flôres,
O vago que tem o mar;
Talvez pudera os mysterios,
As douradas fantasias,
As singelas alegrias
D'um peito virgem cantar.

MEU ANJO, ESCUTA

Le mal dont j'ai souffert s'est enfui comme un rêve,
Je n'en puis comparer le lointain souvenir
Qu'à ces brouillards légers que l'aurore soulève
Et qu'avec la rosée on voit s'évanouir.

MUSSET.

Meu anjo, escuta : quando junto á noite
Perpassa a brisa pelo rosto teu,
Como suspiro que um menino exhala,
Na voz da brisa quem murmura e falla
Brando queixume, que tão triste cala
No peito teu?
Sou eu, sou eu, sou eu!

Quando tu sentes luctuosa imagem
D'afflicto pranto com sombrio véo,
Rasgado o peito por acerbas dôres,
Quem murcha as flôres
Do brando sonho? — Quem te pinta amores
D'um puro céo?
Sou eu, sou eu, sou eu!

Se alguem te acorda do celeste arroubo,
Na amenidade do silencio teu;
Quando tua alma n'outros mundos erra,
Se alguem descerra
Ao lado teu
Fraco suspiro que no peito encerra,
Sou eu, sou eu, sou eu!

Se alguem se afflige de te ver chorosa,
Se alguem se alegra co'um sorriso teu,
Se alguem suspira de te ver formosa
O mar e a terra a enamorar e o céu
Se alguem definha
Por amor teu,
Sou eu, sou eu, sou eu!

OS BEIJOS

Amo uns suspiros quebrados
Sobre uns labios nacarados
A gemer, a soluçar;
Como a onda bonançosa,
Que n'uma praia arenosa
Vem tristemente expirar!

Amo ouvir uma voz pura,
Uns accentos de ternura,
Que trazem vida e calor,
Que se derramão a medo,
Como temendo o segredo
Revelar do occulto amor!

Amo a lagrima que chora
Terna virgem que descora,
Presa d'interna afflicção;
Amo um riso, um gesto vivo,
Um olhar honesto, esquivo,
Que alvoroça o coração.

Porém mais que o olhar honesto,
Mais que o riso e brando gesto,
Mais do que o pranto a correr,
Mais que a voz, quando amor jura,
Que um suspiro de ternura
Que vem aos labios morrer,

Amo o leve som de um beijo,
Quando rompe o véo do pejo,
Mal sentido a murmurar:
É viva flôr de esperança,
Que nos promette bonança,
Como a flôr do nenuphar.

Mente o olhar, mesmo em donzella,
Mente a voz que amor assella,
Mente o riso, mente a dôr,
Mente o cançado desejo;
Só não mente o som de um beijo,
Primicias de um longo amor!

Beijos que são? Duas vidas;
São duas almas unidas,
Que o mesmo fogo consume:
São laço estreito de amores;
Porque são os labios flôres
De que os beijos são perfume!

Beijos que são? — Ai do peito,
Sello breve, laço estreito
D'um cançado bem querer;
Saibo dos gozos divinos,
Que nos labios femininos
Quiz Deos bondoso verter.

Já por feliz me tivera,
Triste de mim! se eu pudera
Dizer o que os beijos são:
Sei que inspirão luz e calma,
Sei que dão remanso á alma,
Que trazem fogo á paixão.

Sei que são flôr de esperança;
Que nos promettem bonança,
Como a flôr do nenuphar:
Quem fruio um ledo beijo,
Ter não póde outro desejo,
Nada já póde gozar.

Sei que delles nao se esquece
Triste velho, que esmorece
Á mingoa de coração:
Viva estrella em noite escura,
Viva braza em cinza pura,
Em neve algente um vulcão.

Sei que fruil-os uma hora
De ventura seductora,
É subir em vida aos céos,
É fugir da vida escassa,
Roubar ao tempo que passa
Um dos momentos de Deos.

Sei que são flôr de esperança,
Que nos promettem bonança,
Como a flôr do nenuphar!
Quem os fruio, o que espera?
Já gozou, já não tem era,
Já não tem mais que esperar.

DESESPERANÇA

Antes d'espirar el dia,
Vi morir á mi esperanza.
ZARATE.

Que m'importa do mundo a inclemencia
E esta vida cruel, amargada?
Des'que os olhos abri á existencia
Um vislumbre de amor não achei!
Nem uma hora tranquilla e fadada,
Nem um gozo me foi lenitivo;
Mas no mundo maldicto, em que vivo,
Quantas ancias, meu Deos, não provei!

Já bastante lutei com meu fado!
Quando outr'ora corri descuidoso

Traz de um bem, não real, mas sonhado,
Transbordava de sonhos gentís :
Eu julgava que a um peito brioso
Ou que a uma alma, que facil s'inflamma
Por virtudes, por gloria, ou por fama,
Era facil aqui ser feliz.

Via o mundo ao travez dos meus prantos
A sorrir-se p'ra mim caroavel,
Reflectindo celestes encantos,
Que era visto d'um prisma ao travez :
Hoje trevas em manto palpavel
Me circumdão, — nem já por acerto
Vejo triste nos prantos, que verto,
Luz do céo reflectida outra vez !

Que me resta na terra ? — Estas flôres,
Afagadas do sopro da brisa,
Disputando do sol os fulgores,
Balançadas no debil hastil ;
Estas fontes de prata, que frisa
Brando vento, — estas nuvens brilhantes,
Estas selvas sem fim, susurrantes,
Estes céos do gigante Brazil ;

Nada já me renova a esperança,
Que jaz morta, qual flôr resequida ;
Só me resta a querida lembrança
Que o martyrio se acaba nos céos :
Foge pois, ó minha alma, da vida ;
Foge, foge da vida mesquinha,
Leva timida esp'rança, caminha,
Té parar na presença de Deos !

Qu'estes gozos de ethereos prazeres,
Que esta fonte de luz que illumina,
Que estes vagos phantasmas de seres
Que scismando só posso enxergar;
Que os amores de essencia divina
Que eu concebo e procuro e não vejo,
Que este fundo e cançado desejo,
Deos sómente t'os póde fartar.

Vai assim a medrosa donzella,
Pura e casta na ingenua belleza,
Buscar luz á remota capella,
Branca cera na pallida mão :
Tudo é sombra, silencio e tristeza!
Mas ao toque do fogo sagrado,
Arde em chammas o cirio apagado,
Já rutila brilhante clarão.

SE QUERES QUE EU SONHE

Sur mon front, où peut-être s'achève
Un songe noir qui trop longtemps dura,
Que ton regard comme un astre se lève,
Soudain mon rêve
Rayonnera.

V. Hugo.

Tu queres que eu sonhe! — que ao menos dormido
Conheça alegrias, desfructe prazeres,
Que nunca provei;
Que ao menos nas azas de um sonho mentido,
Perdido — arroubado, tambem diga : amei!

Tu queres que eu sonhe! — não sabes que a vida
Me corre penosa, — que amarga por vezes
A propria illusão!
No pallido riso d'uma alma affligida,
Qu'invida — ser leda, que dôres não vão!

Se o pranto, que os olhos cançados inflamma,
Nos olhos de estranhos sympathico brilha;
Mais agro penar
Do triste o sorriso nos peitos derrama,
Se a chamma — revela, que almeja occultar.

Sonhando, percebo na mente agitada
Um mar sem limites, areias fundidas
Aos raios do sol;
E um marco não vejo perdido na estrada
Cançada, — não vejo longinquo farol!

E queres qu'eu sonhe! — Nas aguas revoltas
O nauta, ludibrio d'horrenda procella,
Se póde dormir,
As vagas cruzadas, em sustos envoltas,
Ás soltas — escuta raivosas bramir.

Talvez porém sonha que as ondas mendaces
O levão domadas á terra querida,
Qu'entrou em seus lares!...
E triste desperta que os ventos fugaces
Nas faces — a espuma lhe atirão dos mares.

Se queres que eu sonhe, — que alguma alegria
Dormido conheça, que frúa prazeres
D'um placido amor;
Vem tu como estrella da noite sombria,
Que enfia — seus raios das selvas no horror,

Brilhar nos meus sonhos. — Então socegado,
Scismando prazeres, que n'alma s'entranhão;
D'um riso dos teus
Coberto o meu rosto, — fugíra o meu fado
Quebrado — aos encantos de um anjo dos ceus.

Vem junto ao meu leito, quando eu fôr dormido,
Que eu sinta os perfumes que exhalas passando;
Não soffro — direi :
E ao menos nas azas de um sonho mentido,
Perdido — arroubado, talvez diga : — amei! —

O BAILE

Soñemos gozando
Fortuna tan vana,
Y el sol de mañana
Que vea al salir
Que al son de la orquesta
Danzando en la fiesta,
No es carga funesta
La vida feliz.

ZORILLA.

As salas vão-se enchendo, as luzes brilhão
Nos prismas de crystal repercutidas,
Emquanto as flôres
Dos bufetes nas jarras coloridas
Acres odores
Soltão, ao mar de luzes misturando
D'innocente perfume outro mar brando.
Com requebros e amor gentís donzellas,

12

Em riso e festa,
Medindo os passos
Aos sons da orchestra,
Pendem dos braços
Do namorado, lepido galan!
Esta risonha, aquella pensativa,
Outra menos esquiva,
Attenta ás vozes, que o prazer lhe entranhão,
E á fraze cortezã
Que lhe entorna a lisonja nos ouvidos;
Vão descuidosas,
Nos labios risos,
Nas faces rosas,
Dando fé a protestos fementidos.

Triunfo ás bellas! o prazer começa :
Correm nas taças vinhos espumosos,
Gratos licores ;
Tangida pela mão dos Trovadores
Desfaz-se a lyra em sons melodiosos,
Em cantico de amores.
Soltão mais viva luz as brancas velas,
Melhor perfume as flôres.
Activa-se o prazer; triunfo ás bellas!

Aqui, alli, além, mil rostos meigos,
Da valsa ao gyro rapido se mostrão,
De gemmas ennastrados os cabellos;
E o peito que anhelante
Palpita entumecido
Nas ondas de prazer ebrifestante,
D'um leve colorido
Banha o semblante,
Que mais e mais co'a noite se enrubece:
Triunfo ás bellas. — o prazer recresce!

Perdido emtanto neste mar de luzes,
Mar de amor, de perfumes, que me inunda.
Contemplo indifferente
Quanto em redor diviso :
E entre tanto ruido e tanta gente,
Nem um sorriso
Verdadeiro, innocente!
Nem um sincero raio de alegria,
Nem um peito contente
Neste mar de perfumes e harmonia!

Então digo entre mim : — Talvez aquella,
Que tem melhores côres,
Que mais leda se mostra,
Que mais feliz no gesto se revela,
Sente mais finas dôres;
O intimo desgosto,
A febre que a devora
Lhe dá calor ao rosto,
E no silencio chora,
Presa de uma afflicção devoradora.

Uma tristeza funda, inexprimivel
O coração me anceia;
E triste e solitario n'um recanto,
Nunca mais solitario, nem mais triste
Do que entre a multidão que me rodeia,
Não encontro maior, mais doce encanto
Que deixar-me arrastar por uma ideia,
Que me avassalla a mente.
Que m'importa esta gente,
Estes restos que vejo e não conheço,
E o riso a que mil outros dão apreço?

Esta fingida alegria
Esta ventura que mente,
Que será dellas ao romper do dia?
Destas virgens louçãs as mais mimosas
Mortas serão talvez antes que murchem
Do branco rosto as encarnadas rosas!
Grinaldas festivaes, que a morte espalha
No lugubre terreiro;
O pó as enxovalha,
Murchas aos pés do esqualido coveiro!

DESALENTO

Without a hope in life.

CRABBE.

Nascer, lutar, soffrer! — eis toda a vida :
D'esperança e de amor um raio breve
Se mistura e confunde
As cruas dôres d'um viver cançado,
Como raio fugaz que luz nas trevas
Para as tornar mais feias!

Da verde infancia os sonhos melindrosos
Nobres aspirações da juventude,
Amor de gloria estulto,
Com que mais alto a mente se extasia:
São vãos phantasmas, que produz a febre,
São illusões qne mentem!

São as folhas virentes arrancadas
D'um arbusto viçoso, antes que brotem
Da primavera as flôres ;
A pennugem que nasce antes das azas,
Um esteril botão que não dá flôres
Ou flôr que não dá fructos!

Foge, mancebo, lá te espreita o mundo!
Como areias d'um páramo deserto,
Resequido, abrasado,
Provoca o teu soffrer, teu pranto espreita,
Sedento almeja as lagrimas, qu'entornas
Nos areaes da vida.

S'inda tens coração, hão de esmagar-te;
As setas da calumnia irão cravar-t'o
Na parte mais sensivel :
Se tens alma, se electrico palpitas
De patria e de virtude aos nomes sanctos,
Foge outra vez ao mundo.

Não queiras, n'um accesso doloroso,
Ás mãos ambas ferindo o peito credulo
Exclamar delirante :
« Minha patria onde está? — Onde estes homens,
» Que a par de meus irmãos amar devêra,
» Da mesma patria filhos?

» E a virtude tambem, onde hei de achal-a?
» Se é mais que nome vão, onde é que existe?
» Onde é que se pratica?
» Se os modernos Catões a graça esmolão
» Do rei — ou, cortezãos da populaça,
» Rojão por terra ignobeis!

» Se a mão do poderoso, a mão dourada
» Do crime impune — esbofeteia as faces
» Do homem vil, que a beija!
» Oh! meus irmãos não são, não são os filhos
» Desta patria que eu amo; — torce o rosto
» De os vêr a humanidade. »

Despe-se a vida então dos seus encantos,
E o homem na lembrança revivendo
O percorrido estadio,
Tem por marcos de estrada o monumento,
Com que os mais fortes laços se desatão,
— A pyramide e a campa!

Do sonho juvenil murchas as côres,
Sem illusões, sem fé — nublado, escuro
O presente e o porvir,
No crepe d'abortadas esperanças
S'envolve — os olhos tesos no sepulchro,
A tarda morte aguarda!

Mas eu, qual viajor, vago perdido
Pela face da terra! — amigo lume
Não me convida ao longe;
E ao sentar-me na mesa dos estranhos,
Digo: — longe serei antes do occaso; —
E a divagar prosigo.

Mal aceito conviva me despeço!...
As calumnias que soffro, a dôr que passo,
Não me ferem profundas;
Bem como a rôla que das matas desce,
E nas azas recebe o pó da estrada,
Que voando sacode.

Minha hora derradeira sôe em breve,
A só esperança que aos mortaes não falha!
Eu morrerei tranquillo;
Bem como a ave, ao pôr do sol, deitando
Debaixo d'aza a timida cabeça,
Da noite o somno aguarda.

A QUEDA DE SATANAZ

TRADUCÇÃO

Eis que tomba da abobada celeste
O archanjo audaz, o seraphim manchado,
Desenrolando o corpo volumoso,
Despenhado precipite, — qual mundo
Dos eixos arrancado, — como um vivo
Dos céos fragmento enorme, eil-o cahindo!
Cahia lá d'aquelles céos brilhantes,
Donde inda seus iguaes lançavão raios;
Cahia! — e a cerviz no espaço ardendo
As espheras dos sóes de côr de sangue,
Passando, avermelhava.

Eil-o, o maldicto, o archanjo da blasfemia,
Rival do Creador! — té o imo peito
Pelas frechas da anáthema varado,
Como n'um turbilhão, desce rodando;
Ondas d'um mar de fogo o vem cercando,
E elle occulta a cabeça,
Como que procurasse
Nas entranhas da noite
Esconder seu desdoiro.

Clamavão — longe — os mundos com voz forte:
« Que insensato ! onde vae ? Nesse arrojado,
Frenetico voar, que vento o impelle,
Que de astro em astro vae, d'um céo em outro ?
Vêde como é sombrio !
Oh ! quão outro que está d'aquelle archanjo
De tão bello semblante,
Lucifer radiante,

Cujo sopro era como o romper d'alva,
Que as portas da manhã nos céos abria,
Trazendo comsigo a aurora
Que o seu alento accendia !
Acaso o reconhecestes ?
Era hontem brilhante, novo e bello ;
E hoje é feio e nú e descalvado,
Nas azas da tormenta balouçado,
Nas azas dos bulcões ;
E os seus olhos fulminados
Já sem pupillas fumegão,
Quaes crateras de vulcões ! »

O archanjo os escutava, ameaçando-os
Co'o olhar fulminante ;
Que cheio d'impio orgulho já sentia
Uma c'rôa de rei cingir-lhe a fronte.
Todos os astros que no espaço gyrão
Seus olhos d'irritados fascinavão :
E os astros todos de terror tremião,
Saudando a coruscante realeza.

E já os céus sem fim, estrellas, mundos
Traz delle se perdêrão ;

E nas profundas solidões do espaço
O archanjo abandonado apenas via
A noite, e sempre a noite!
Tem medo, olha, procura... — Um astro! um asto,
Transviado nos céus! — O archanjo o avista!
Estende a mão convulsa arrepellando-o:
Segura, arrasta-o, e d'um só pulo hardido
Tral-o potente ao limiar do inferno,
Alentando açodado.

O errante cometa duas vezes
Ao tetro boqueirão levou comsigo,
E duas vezes, como um negro abutre,
Lutando corpo a corpo, de cançaço
Sentio-se esmorecer.
Duas vezes tambem o astro victima,
Supplicando medroso, as igneas azas
Bateu, sublime grito aos céus mandando:
O nome do Senhor, por duas vezes,
O rebelde venceu, — elle sósinho
Cahio no fundo abysmo.

CANÇÃO DE BUG-JARGAL

TRADUCÇÃO

Maria, porque me foges,
Porque me foges, donzella?
Minha voz! o que tem ella,
Que te faz estremecer?
Tão temivel sou acaso?
Sei amar, cantar, soffrer.

E quando ao travez dos troncos
Descubro d'altos coqueiros,
Junto ás margens dos ribeiros,
A sombra tua a vagar;
Julgo vêr passar um anjo,
Que os meus olhos faz cegar.

E dos labios teus se escuto
Deslisar-se a voz, Maria,
Cheio de estranha harmonia
Pulsa o peito meu queixoso
Que mistura aos teus accentos,
Tenue suspiro afanoso.

Tua voz ! eu quero ouvir-t'a
Mais do que as aves cantando,
Que vêm da terra voando,
Em que eu a vida provei;
Da terra onde eu era livre,
Da terra onde eu era rei !

Liberdade e realeza,
Hei de perder da lembrança;
Familia, dever, vingança...
Té a vingança m'esquece,
Fructo amargo e deleitoso,
Que tão tarde amadurece!

És, Maria, qual palmeira,
Altiva, esbelta, engraçada,
No tronco seu balançada
Por leve brisa fagueira ;
No teu amante a rever-te,
Como na fonte a palmeira.

Mas não sabes? — Do deserto
A tempestade valente
Corre ás vezes de repente
Por acabar apressada
Com seu halito de fogo
A palmeira, a fonte amada!

E a fonte já mais não corre!
Sente a verdura sumir-se
A palmeira, e contrahir-se
A palma sua ao redor,
Que de cabellos dava ares,
De c'rôa tendo o 'splendor.

D'Hespaniola ó branca filha,
Teme por teu coração;
Teme a força do vulcão
Que vai breve rebentar!
Que, depois, amplo deserto
Só poderás contemplar!

Talvez que então te arrependas
De me haveres desdenhado,
Porque houveras encontrado
Salvação no meu amor;
Como o kathá leva á fonte
O sedento viajor.

Porque assim tu me desdenhas,
Não, Maria, não o sei;
Que d'entre as frontes humanas
Entre as frontes soberanas,
Levanto a fronte; sou rei.

Sou preto, sim, tu es branca;
Mas qu'importa ? Junto ao dia
A noite o poente cria
E cria a aurora tambem,
Que mais luzentes bellezas,
Mais doces do que ambos tem.

AGAR NO DESERTO

Et abiit, seditque e regione procul quantum potest arcus jacere: dixit enim: non videbo morientem puerum: et sedens contra, levavit vocem suam et flevit.

Genesis, cap. 21, 16.

Pallido o rosto e queimado
Pelo sol do Egypto ardente,
Sahia a escrava innocente
Co' o filho innocente ao lado
Da tenda patriarchal.
A pobresinha chorava!
Alguns pães e um frasco d'agoa
E um peito cheio de magoa!..
Vê, contempla, ó triste escrava,
Teu sepulchro no areal.

Abrahão se compadece;
Mas debalde o sollicita
Piedade sancta, — de afflicta
Sem queixar-se, lhe obedece
A triste escrava do amor.
Quizera talvez detel-a...

Porém que? — Sarah lh'implora,
Deus lhe ordena : — vae-te embora,
Vae-te, escrava ; e a tua estrella
Te depare outro senhor.

O sol brilhante nascia
Sobre as tendas alvejantes ;
E n'outros pontos distantes
Combros d'areia feria,
Outr'ora leito d'um mar ;
Esse caminho procura,
Que nas ondas do deserto
Talvez ache por acerto
Patria, abrigo, amor, ventura
A prole infausta d'Agar.

Vae, caminha ; mas ao passo
Que no deserto s'entranha,
Arde o sol com furia estranha,
Racha a areia o pé descalço,
Cresta o vento os labios seus ;
E ao lado o filho innocente
Soltava tristes gemidos,
Co'os olhos humedecidos
Fitando a mãe ternamente,
Que os olhos tinha nos céus!

Procura terras do Egypto ;
Porém debalde as procura :
Vae a triste, sem ventura,
Lento o passo, o rosto afflicto,
Pela inculta Bersabé.
Seu Ismael desfallece ;

No deserto immenso, adusto,
Não enxerga um só arbusto:
Jehovah delles s'esquece!
Cresce a dôr, e mingua a fé.

Pede sombra o triste infante;
Não ha sombra: — agoa supplíca;
Exhaurido o vaso fica,
Pede mais d'instante a instante...
Pobre escrava, oh! quanto dó!
Pudesse rasgar as veias,
Tornar agoas innocentes
Tuas lagrimas ardentes;
Mas só vês d'um lado areias,
D'outro lado areias só.

Pois não ha quem o proteja,
Diz a escrava lá comsigo,
Vendo o fado seu imigo,
Meu filho morrer não veja,
Bem qu'eu tenha de morrer.
A um tiro d'arco distante
Se arrasta com lento passo,
Tomba o corpo enfermo e lasso,
E amargo pranto abundante
Deixa dos olhos correr.

Deus porém ouvíra a prece
Da escrava, da mãe coitada.
E da celeste morada
Librado um archanjo desce
Nas azas da compaixão.
Expira em torno ar de vida,

Um aroma deleitoso,
E n'um sonho aventuroso
Agar seus males olvida,
Olvida a sua afflicção.

Dorme e sonha, ó triste escrava,
Deus senhor sobre ti vela!
Dorme e sonha : — a tua estrella
Nasce como um romper d'alva
Sobre os netos d'Ismael.
Esquece a sorte mesquinha,
Que te vexa, — esquece tudo;
Deus senhor é teu escudo;
Já não és serva, és rainha
D'outro reino d'Israel.

Como quando elevados nas alturas
Descobrimos incognitas paisagens,
Densas florestas, aridas planuras
E de rios caudaes virentes margens;

Assim da vida o sonho te arrebata,
Rasgando o véu do tempo e do infinito,
E uma sçena vistosa te retrata,
Que vai da Arabia ao portentoso Egypto.

Vê como o filho teu, feroz guerreiro,
Nos prainos do deserto eleva as tendas,
E, posto a seus irmãos sempre fronteiro,
Provoca e trama asperrimas contendas!

São doze os filhos — doze reis potentes —
Com elles Ismael tudo avassalla;
Sua espada é a lei das outras gentes,
Seus decretos os campos da batalha.

A sorte seus designios favoneia,
Segue seus passos a benção divina,
Povôa-se Faran, surge d'areia
De Meca o templo, os paços de Medina.

Crescem, dominão; largo reino ingente
Mesquinha habitação presta a seus netos,
Convertida em nação a grei potente,
Que opprime a cerviz mobil dos desertos.

Mas entre os filhos seus de nomeada,
Sup'rior dos heroes á grande altura,
Na sinistra o alkorão, na dextra a espada,
A effigie tôrva de Mahomet fulgura.

Curva-se a Arabia emtanto, a Palestina
Á sua lei, da Persia o reino antigo;
Escutão Asia e Africa a doutrina
Do embusteiro que em Meca achou jazigo:

Mensageiro divino se declara
Aquelle que illudido o mundo adora;
Agar é mãe, — pela vergontea cara,
Entre orgulhosa e triste, a Deus implora.

Peccou; porém da gloria que o circunda
A roxa luz, que o meteoro imita,
De vivo resplendor a fronte inunda,
Commove o peito á misera proscripta.

Curvado ao jugo seu todo o oriente,
Inda cubiça a Europa o Ismaelita;
E em frente á cruz, o pallido crescente
Apparece nas torres da mesquita.

Oh ! quanto humano sangue derramado !
Que de prantos e lagrimas vertidas !
Entre irmãos o combate é porfiado,
A raiva intensa, as lutas mal feridas.

De avistar esse quadro tão medonho,
Embora no porvir todo escondido,
A escrava tenta orar ; porém no sonho
Resume a prece em languido gemido.

Geme de vêr em furia carniceira
A esposa de Mahomet desrespeitada,
E do seu genro a dynastia inteira
Por duro azar de guerra contrastada.

Succedem-se os Omíades valentes !
Do seu ultimo rei, oh dôr ! se coalha
O sangue na mesquita ; entre essas gentes
Vinga o punhal a sorte da batalha.

O vencedor então, não poucas vezes,
Chegando á bocca a taça corrompida,
Exp'rimenta os tristissimos revezes
De quem sobre os trophéos exhala a vida !

Tudo é silencio e luto : — um só evita
O negro olvido,—ao templo da memoria
Vôa Al-Reschid,—unindo á gloria avita
O louro da sciencia e o da victoria.

Com seu vizir á noite, pelas ruas
Escuta dos estranhos mercadores
A gloria d'outros reis, menor que as suas,
E espreita do seu povo occultas dôres !

Se ouvio a narração d'uma desgraça,
Se o pobre vê curvado á prepotencia,
Se o convidão a entrar, quando elle passa,
No abrigo do infortunio e da innocencia,

Entrou e vio! mas o fulgor crastino
Ri-se mais brando aos peitos soffredores;
Passa o rei, como orvalho matutino,
E, por onde passou, rescendem flôres!

Mudado o sonho, a fugitiva escrava
Estranhos povos nota, estranhas terras,
Que o Darro ensopa e o Guadalete lava,
Nadando em sangue de cruentas guerras.

Quem foi que as altas portas
Abrio d'Hespanha aos mouros;
Que poz os verdes louros,
Dos reis godos conquista,
Ás plantas do infiel?
De tantos males causa
Tu foste, ó rei Rodrigo,
Tornando infesto, imigo,
O nobre conde, outr'ora
Vassallo teu fiel.

Debalde o affecto encobres
Do refalsado peito.
Se vais furtivo ao leito
Da virgem, que se mostra
Rebelde ao teu amor

Qu'es godo e rei t'esqueces!
E o nobre resentido
Da offensa que ha soffrido,
No teu exemplo aprende
A ser tambem traidor.

Emquanto pois devassas,
Com torpes pensamentos,
Os regios aposentos
Da nobre moça, — a c'rôa
Te cáe da fronte ao chão;
E o pae, que a affronta punge,
Turbado, ardento em ira,
Aos pés do mouro a atira.
O rei, que planta crimes,
Recolha vil traição.

Ah! sus, ó rei, ás armas!
Empunha a larga espada,
E a fronte sombreada
Co'o negro elmo — deixa
Tingir-se em nobre pó:
D'encontro ás alas densas
Do barbaro inimigo
Debalde, ó rei Rodrigo,
Te arrojas! — vence a força,
Foges vencido e só!

Vai só; mas occultando
No manto d'um soldado
O rosto demudado,
Emquanto passa o campo,
Escasso leito aos seus:

Ai ! triste rei cahido !
Na solitaria ermida,
Que abriga a inutil vida,
No pó collada a fronte,
Lembra-te emfim de Deus.

Lembrem-te os muitos erros
E o crime grave, emquanto
As mães godas em pranto
O nome teu maldizem,
E ao céo clamando estão ;
Emquanto pela Iberia
O arabe audaz e forte
Espalha o susto, a morte,
Por onde quer que solta
Ao vento o seu pendão.

Passão avante, calcão
Dos Pyrenêos as serras,
Levando cruas guerras
Ao dilatado imperio
Do intrepido gaulez.
Debalde o grande Carlos
Oppõe-se-lhes, — que a historia
Nos traz inda á memoria
Dos tristes Roncesvalles
O misero revez.

Porém do largo imperio
De Cordova e Granada
A c'rôa cahe pesada
Na fronte amollecida
Do moço Boabdil.

O fraco teme os echos
Ouvir da accesa guerra,
E perde a nobre terra,
Ganhada em mil batalhas,
Com pranto feminil.

Depois, inda outros quadros
Enxerga no futuro;
Mais é um ponto escuro,
São fórmas vagas, postas
Em duvidosa luz.
Já naves são, já hostes,
Tropel de varia gente,
Que parte do occidente,
Em cujos peitos brilha
De Christo a roxa cruz.

Agar emfim acorda!
Sustendo o filho caro,
Pelo deserto avaro
S'entranha novamente,
Mais solto o coração.
Parece que já sente
No rosto ao bello infante
A gloria radiante,
Que espera os descendentes
Da forte geração.

E como Deus lhe ha dito,
Seus filhos são guerreiros,
Que a seus irmãos fronteiros
Cruentos prelios movem:
Temidos são; porém

As filhas desses bravos,
Da vida sequestradas,
Escravas são, coitadas,
Que da materna origem
Recordão-se no Harem.

Vai, caminha, oh triste escrava,
Deus Senhor sobre ti vela;
Vai, caminha: a tua estrella
Nasce como um romper d'alva
Sobre os netos d'Ismael.
Esquece a sorte mesquinha
Que te vexa, esquece tudo;
Deus Senhor é teu escudo:
— Já não és serva, és rainha
D'outro reino d'Israel.

LAGRIMAS SEM DÔR — E DÔR COM LAGRIMAS

Sumio-se além o sol envolto em raios,
E do lado fronteiro a branca lua
Levanta a fronte pallida entre montes,
E nas aguas do limpido regato
Estampa a face inteira.

E eu irei sentar-me junto ás margens
Do limpido regato;
Irei scismar sósinho, a sós co'a noite,
Nas minhas penas crúas.

Quero sentir da tarde o fresco orvalho
Nos meus cabellos ;
Quero escutar nas folhas o susurro
Da mansa brisa ;

Quero escutar o som da lympha clara
Por sobre as pedras ;
Quero escutar do passaro o gemido
De sob as ramas ;

Quero vêl-a tambem, que ha tempos ando
Scismando n'ella,
Que ha tempos sempre a encontro triste e muda
Junto á ribeira.

Eil-a sentada alli entre os salgueiros,
Pallida a fronte,
Loiros cabellos sobre a testa eburnea,
Candida a veste.

Anjo — encanto — mulher, que és tu na terra?
Quem n'alma te gravou scismar tão triste?
Tão triste pallidez quem te ha gravado
No semblante formoso?

Oh! se minha alma afflicta inda prazeres
Sentir pudesse — se inda amar pudesse,
Se os meus olhos pisados não vertessem
A fio agra corrente ;

Anjo — encanto — mulher, fôras meu nume,
Fôras meu sangue, meu prazer, minha alma,
Minha estrella d'amor, meu anjo e vida,
Pensamento e querer.

Na flôr da mocidade, quando a vida
Por entre flôres, recendendo aromas,
Risonha e festival, sem medo corre
D'agoireiro futuro;

Porque em vez de nutrir brandos amores
Definhas sem brilhar em festa, em jogos,
Sem um meigo sorrir nos curtos labios,
Sem côr nas alvas faces?

Anjo — encanto — mulher, porque o teu pranto
Corre agora espontaneo sobre as aguas
Do limpido regato, como lagrimas
De Náyade gentil ?

Porque choras assim ? — Trahida amante,
Vens de enganado amor as penas crúas
Curtir na soledade?
Mas quem tão negro feito perpetrára ?
Quem ha que, se os teus olhos lhe sorrissem,
Não morrêra de amores?

Não o fizera, não, — que tal façanha
Não a faz coração d'homem, que sente,
Que vê taes graças ;
Que visse uma só vez, qual vejo agora,
Co'as estrellas do céo pleitear brilho
Teus olhos tão mimosos.

Morreu-te acaso a mãe ? — Erma e sósinha,
Vens d'amor filial durante a noite
Pagar tributo amargo?
Mas eil-a que alli vem, terna, anciada
Por te vêr, por te ouvir, por esse pranto
Seccar co'um doce beijo.

Ah ! chora sempre e sempre; — corre o pranto
Espontaneo e fagueiro n'essa idade,
Como orvalho da noite ;
Emquanto o máu blasfema, o bom soluça,
Alma do céo, folga em chorar sósinha
N'este exilio da terra.

Ah ! chora sempre e sempre, que esse pranto
No seio maternal hoje se entorna,
Que não em serra sáfara ;
Doido por muito amar, por ser amado,
Gentil mancebo ha de ámanhã sorver-t'o
N'um osculo de amor.

Mas eu quando em silencio as fontes abro
D'este meu coração, embalde os labios
— Donzella ou mãe — solução ;
Pelo meu rosto em fio se deslisa
Meu triste pranto, e alvissimo se expande
Na pedra d'um sepulchro

MISERRIMUS

Quando o inverno chegou, — por sobre a terra
O robre secular espalha a coma,
Que o rábido tufão cortou de morte.
Despida e núa jaz a flôr mimosa,
Agora hástea sómente; e o sol brilhante
Despede a custo a luz que mal penetra
As nuvens trovejadas que o circumdão.

Mas o inverno passou! — De novo assume
Vivente rama o robre gigantesco,
A flôr formosa e bella vem brotando,
E o sol, rei do horizonte, já rutila
Em céo de puro azul auri-brilhante.

Mas quando o desengano, qual tormenta
Que por desertos só valente reina,
Do quente coração arranca, esmaga
Esp'ranças que o amor enfeitiçava,
Em vão a natureza ufana brilha,

Em vão de puro orvalho a flôr se arreia,
Em vão dardeja o sol seus quentes raios,
Em vão!... que o coração jaz frio e murcho,
E não mais viverá! — que a alma sentida
Conhece que o amor é só mentira,
Que é mentira o prazer, mentira tudo!

Um dia appareceu um recem-nado,
Como a concha que o mar á praia arroja;
Cresceu, qual cresce a planta em terra inculta,
Que ninguem educou — a chuva apenas.
Infante, vio de roda sepulturas,
Em que não attentou; — sonhos mimosos,
Acordado ou dormindo, lhe doiravão
A infancia leve, d'innocencia rica.
Vio bello o ar, e terra, e céos, e mares,
Vio bella a natureza, como a noiva
Sorrindo em breve dia de noivado!
Então sentio brotarem na sua alma
Sonhos de puro amor, sonhos de gloria;
Sentio no peito um mundo d'esperanças,
Sentio a força em si — patente o mundo.

Forte se levantou! correu fogoso;
Qual aguia que nas azas se equilibra,
Começou a trilhar da vida a senda.
Um monte além topou; mais vagaroso
Subio, vingou mais lento! — Inda mais outro,
Colossal, descalvado, ingreme e liso,
Costeou; mas cansou, que era sósinho!
Sentou-se, mudo, e fraco, e pensativo,
Á borda do caminho, e sobre o peito
A cabeça inclinou, cruzando os braços.
Minha mãe! — soluçou: e um echo ao longe
Minha mãe! — respondeu. Sentio que a fome
Dolorosa as entranhas lhe apertava,
E sêde intensa a resequir-lhe as fauces;
Fome e sêde curtio como n'um sonho.
Do rosto nas maçãs descoloridas
— Filtro do coração — sentio que o pranto
Ardente escorregava a tez queimando.
Muda era a sua dôr, — d'homem que soffre,
Que chora isento de vergonha ou crime.

Encontrou mais além no seu caminho,
Bella na sua dôr, sósinha e fraca,
Figura virginal que alli jazia.
Esqueceu-se de si pensando n'ella;
Nova força creou, — novo incentivo,
Coragem nova o seu amor creou-lhe.
Lavou-lhe os curtos pés, contra o seu peito
Do frio a protegeu, tomou nos braços
A carga tão mimosa! — E ella co'os olhos,
Que o amor vendava um pouco, agradecia.
E ella pôde viver: — disse que o amava,
Que era o seu coração d'elle — e só d'elle:

Disse, e mais de uma vez, com peito e labios
No peito e labios d'elle; — era mentira!

E elle o conheceu! — por precipicios
Descrido se arrojou, sentindo a morte,
Seu berço entre sepulchros procurando.

Aqui — alli — além erão sepulchros;
E o nome de sua mãe sequer não pôde
Dos nomes conhecer de tantos mortos!

E só no seu morrer, qual só na vida,
Na terra se estendeu; nem dôr, nem pranto
Tinha no coração que era já morto!

E alguem que alli passou, vendo um cadaver
De sanie e podridão comido e sujo,
Co'o pé n'um fosso o revolveu — e terra
Cahida acaso o sepultou p'ra sempre.

Amizade! — illusão que os annos somem;
Amor! — um nome só, bem como o nada.
A dôr no coração, delicias n'alma,
Nos labios o prazer, nos olhos pranto
— Tudo é vão, tudo é vão, excepto a morte!

O DONZEL

Onde vais, ó cavalleiro?
— Vêr quem de amor me matou.
— Vês este cadaver? — Vejo.
— E vais á entrevista? — Vou.

FREIRE DE SERPA.

I

Já tremúla sobre o occaso
Do sol o disco fulgente;
Já se ergueu a lua inteira
Lá das partes do oriente;
Ergueu-se a brisa fagueira,
Ergueu-se a voz da corrente.

Ergueu-se tenue e macio
Perfume de linda flôr;
Erguêrão as densas matas
O seu leve arfar de amor;
Ergueu a voz do oceano
O seu hymno ao Creador.

II

Eis que donoso mancebo
Que brancas telas vestia,
Por senda patente e clara
Em seu ginete corria.

Não vê no trepido occaso
Do sol o disco fulgente,
Nem da lua alvi-nitente
O deleitoso fulgor ;
Não escuta o arfar dos bosques,
Nem das aves o carpido,
Nem das vagas o rugido ;
Nem da tarde almo frescor
Sentir póde ! — corre a brisa,
Ouve-se extranha harmonia ;
Mas na accesa fantasia
Ferve inquieto, immenso amor!

III

Praticando n'outros tempos
Alguns velhos encontrou :
Louco ! louco! — murmurárão.
Sorrio-se o moço e passou.

Velhos que a vida vivêrão,
Que já não sabem viver,
Que sobre a terra dos vivos
Não têm de que ter prazer

Uns aos outros se perguntão,
Quando em paz descançarão!
Já vivestes vossa vida,
Já não tendes coração!

Tendes o corpo alquebrado,
Tendes morto o coração,
Tendes a alma desmaiada,
Nem sentís uma affeição.

Affeição, ledice, amores...
Sobre as cans não vinga o amor,
Como sobre a rocha dura
Não cresce mimosa flôr.

IV

Mais além — gentís donzellas
Brincando se divertião,
Embebidas nos folgares
Lubricas danças tecião.

— Onde vais, gentil mancebo,
— Nesse correr afanoso?
— Onde vais? detem-te, espera,
— Não nos fujas pressuroso!

« Vou-me longe inda esta noite,
« Vou revêr os meus amores;
« Já de mais hei sopeado
« Meu desejo e meus ardores.

« A vossa vida é ventura,
« Vosso sorriso innocencia,
« Vossa alma formosa e pura
« Não soffre de crúa ausencia!

« Vosso amor, é só desejo.
« É o sorriso da aurora,
« O arbusto, e a flôr do prado,
« E a corrente sonora. »

Disse e passou: eis renascem
Leves danças na clareira,
Ledos gritos pelo bosque,
Leda scena feiticeira!

V

E não pára, e prosegue, e devora
Toda a senda o fogoso corsel;
Aos reflexos da lua brilhante
Vê-se o vulto do nobre Donzel.

Entrevêm-se os vestidos luzentes,
Entrevê-se o corcel a fugir;
Aos reflexos da lua brilhante
Vê-se a pluma da gorra luzir!

Que lh'importa que a noite o convide
A sereno e tranquillo pensar?
Que lh'importa o frondoso arvorêdo,
Que lh'importa agoureiro piar?

Que lh'importa a belleza da terra,
Que lh'importão estrellas ou mar?
Que lh'importa? — o mancebo não póde
Mais que a ella no mundo enxergar.

Ella é pura, é celeste, é mimosa,
É feitiço do nobre Donzel;
Ella o ama, assim disse, ella o espera...
Ledo o moço esporeia o corcel!

— Temerario, onde vais pressuroso?
Porque buscas na terra prazer?
Insensato, prazer n'este mundo...
Só no triste que almeja morrer!

Porque affectos, ledice e ventura,
Porque extremos de accesa paixão,
São delirios que o tempo consome,
São caprichos de amarga illusão!

É veneno de flôr que não cheira,
Que a existencia amargúra cruel!...
— Esta vida é festejo de amores,
É de flôres — clamava o Donzel!

E não pára, e prosegue, e devora,
Toda a senda, e se apeia, — inda mal!
Eis um vulto, eil-o corre — já sente
Penetrar-lhe no peito um punhal!

Nesse instante de acerba agonia,
Nesse instante de louca paixão,
Nesse instante... pezou-se de extremos
Tão mal pagos, de tanta traição.

VI

Virgem! virgem! que o amor recompensas
Por tal arte, tão dura e cruel,
Nunca sintas amor em tua vida,
Nunca extremos de nobre Donzel!

Nunca escutes a meiga lingoagem
De sincera, infinita paixão;
E nas vascas da morte impiedosa
Do que estimas te colha a traição!

HARMONIAS

PRIMEIRA VOZ.

Quando da noite o denso véo se estende,
E a lua pallida entre nuvens gira,

E d'entre as folhas uma voz suspira
Que diz prazer, e doce amor accende;

Ao par amante, que innocente vaga,
Sou eu quem prendo em derretido enleio:
— Seccura ou fogo, ardente devaneio
Que dá morte á paixão, que sempre afaga.

Sou eu que ás folhas dou verter frescura,
Que fallo amores no correr da brisa,
Que deslustro a paixão sincera e lisa
Aos torpes beijos da lascivia impura.

SEGUNDA VOZ.

Eu porém no peito amante
Sou quem fomento a paixão,
Amor na virgem mimosa,
No joven dedicação.

Quem lhes ponho risos n'alma,
Quem fallo nos sonhos seus,
Prazeres envergonhados
— Tão puros, como nos céus.

Dou-lhes palavras sublimes
Nunca ouvidas por ninguem,
E gozos nunca fruidos,
E prantos que fazem bem.

Dou-lhes extremos e arrojos,
Talvez subida amargura,
Donde sabe o amor provado
Á prova da desventura.

PRIMEIRA VOZ.

E eu dessa paixão nobre e singela,
Ao meigo joven, que de amor doudeja,
Dou-lhe fastio, que nem mais deseja
Que apagar seu amor nos braços della.

Eu os conduzo mais fallaz que humano,
Ella adornada de belleza e flôres,
Elle mal suffocando seus ardores,
Ao templo, onde os espera o desengano!

Satisfeita a paixão, vem logo o frio,
O gelo que lhes lavra em todo o peito;
Já se nota um defeito, e outro defeito,
Já cresce em ambos o pezar tardio!

SEGUNDA VOZ.

Talvez ambos se arrependem,
Talvez se nota o defeito,
Tardo pezar que não dura
Talvez lavra em todo o peito;
Mas soando a desventura
Dar-lhes-hei nova paixão,
— Centelha viva, não cinza,
Na frágoa do coração

Sou eu que o somno afugento
Quando vela a casta esposa
Junto ao leito, onde repousa
O esposo que mal padece;
Quizera ser em vez delle,
Quando a morte o ameaça;
Té de si mesma se esquece,
Té de quanto soffre e passa.

PRIMEIRA VOZ.

Vela meigo-sorrindo a casta esposa,
Vela no leito onde a afflicção descança ;
Mas talvez lhe suggiro uma lembrança
Triste, importuna que expulsar não ousa.

Se compõe um sorriso honesto e brando,
Se ameiga a voz, a doce coma esparsa,
Sorriso e voz fino punhal disfarça,
Que vai no peito incauto a furto entrando.

Ah ! quantas vezes ! quantas ! não transuda
O leito conjugal banhado em sangue,
E elle ou ella, atraiçoado, exangue,
Já quasi morto, a traição vil desnuda ? !

SEGUNDA VOZ.

Talvez ciumenta esposa,
Talvez cioso marido,
Irado, o punhal buido
Levanta... mas n'esse instante
Mostro-lhe o meigo semblante
Do filho seu que descança,
Como que o somno lhe traga
Sonhos que traz na lembrança.

A tal vista se enternece,
A supposta injuria esquece,
A coragem lhe fallece,
E o punhal lhe cahe da mão ;
E onde o ferro traiçoeiro,
Devêra d'entrar primeiro,
Beijando por derradeiro
Pede chorando o perdão.

A DESORDEM DE CAXIAS

1839

— Le crime est immortel! —
— Ainsi que le remords.
A. BARBIER.

Que feios sons de surda e rouca trompa!
Echôa a bronzea tuba as duras vozes,
Que hão de os valles cobrir de miserandos,
Insepultos guerreiros!

Sobre as cordas da tua Harpa
Pousa, ó Musa, a nivea mão,
Que com taes sons se não casão
Os sons do teu coração!

Que triste soluçar, que triste pranto,
Que amargas queixas, que doridas preces!
Penosas vascas de sangrenta morte
No extremo agonizar!

Musa minha desditosa,
Dos cabellos despe o loiro,
Da tua Harpa malfadada
Despedaça as cordas d'oiro!

Ó Musa, Musa minha! os sons que ouviste
Foi perpassar dos teus, — dos teus que amavas,
Agora sombras vãs, que inultas vagão
A deshoras na terra!
Do misero cantor que elles amárão,
Talvez em vida, — possa agora ao menos
O triste canto, a suspirada nenia,
Sympathico aplacal-as!

Foste até qui lympha pura
Que mansamente serpeia,
Entre flôres e verdura,
Por sobre um leito d'areia.

E o sol do inverno derreteu-lhe a neve
Lá da nascente ;
Eis o regato que já corre undoso,
Como a torrente !

Acorda, acorda, ó Musa ! assaz cantaste
Teu doce amor,
Serena, em ocio, como ao pé da fonte
Descança a flôr.

II

Como, quando o volcão prepara a lava
Nas entranhas da terra, e á noite lança,
Pela sangrenta rúbida cratéra,
Mais viva chamma em turbilhão de fumo,
Encandece-se o ar, cala-se a terra,
Nem gira a brisa, ou só tufão de vento
Com horrido fragor sacode os troncos ;
Assim tambem, quando abafadas rosnão
Sanhas do povo, antes que em furias rompão,
Propaga-se confuso borborinho,
Cresce a agitação n'aquelle e neste,
E um quê de febre lhes transtorna o siso.
Tremulos todos, homens e mulheres,
Infantes e anciãos — de mãos travadas,
Turvado o rosto, os olhos lacrimosos,
Lá vão terras do exilio demandando !

Um passo apenas dão, que os alumia
Do volcão popular a lava ardente.
Sob os trepidos pés soluça a terra,
Sobre as cabeças pávidas volteia
Ou rocha em brasa, ou condensada nuvem
De pó desfeito, que resecca os ares.
E d'entre aquelle fumo e aquellas chammas,
N'aquelle horror e mêdo, estatuas vivas,
Sinistro lampejar d'armas descobrem :
Descobrem longe os tectos abrasados,
A pouco e pouco esmorecendo em cinzas ;
Escutão gritos de uma voz querida,
De um ser que expira, e que em soccorro os chama!
E alli pregados no terreno ingrato
Nem da morte impiedosa fugir sabem,
Nem força têm que lhes escude a vida.
São alli sem acção, sem voz, sem força,
Como que má sezão lhes tolhe os membros,
Ou os suffoca horrivel pesadêlo.
Mudos, fracos, sem luta os colhe a morte ;
E nús, sangrentos, insepultos jazem!

III

Turbida reina a bacchanal de sangue!
E rei do atroz festim, brinco do vulgo,
Um só campeia! um só, que mal se achega
Á lauta meza, onde se enfrasca o vulgo
De carniça e ralé, tocando apenas
O sangue e o vinho, que alimenta o brodio ;
Derruba-o logo a popular vindicta,
E fólga ultriz em torno aos vís despojos,
Que nem de amigas lagrimas se molhão,
Nem de talhadas lápidas se cobrem.

IV

Malditos sejais vós! malditos sempre
Na terra, inferno e céos! — No altar de Christo
Outra vez a paixões sacrificado.
Impios sem crença e precisando têl-a,
Assentastes um idolo doirado
Em pedestal de movediça areia;
Uma estatua incensastes — culto infame! —
Da politica, sordida manceba
Que aos vestidos, outr'ora reluzentes,
Os andrajos cerzio da vil miseria!
No antropophago altar, madido, impuro
Em holocausto correu d'hostia innocente
Humano sangue, fumegante e rubro.
Insensivel á dor, ao pranto, ás preces,
Insensivel ás cans, á verde infancia,
Tudo sorveu a rábida quadrilha!
A treda mente maquinou supplicios,
Torpe vingança! meditou cruenta
Nos requintes da dôr ébria fartar-se,
E lascivia immoral dos labios d'elles
Em frontes virginaes cuspio veneno.
Affrontas cáião sobre tanta infamia!
E se a vergonha vos não tinge o rosto,
Tinja o rosto do ancião, do infante
Que em qualquer parte vos roçar fugindo.
Da consciencia a voz dentro vos punja,
Timorato pavor vos encha o peito,
E farpado punhal a cada instante
Sintais no coração fundo morder-vos.
Dos que matastes se vos mostre em sonhos

A chusma triste, supplicante, inerme...
Sereis clementes... mas que a mão rebelde
Brandindo mil punhaes lhes córte a vida :
E que então vossos labios confrangidos
Se descerrem sorrindo — crú sorriso
Entre dôr e prazer, — qu'então vos prendão
A póste vergonhoso, e que a mentira
O vosso instante derradeiro infame!
Bradem : Não fomos nós! — e a turba exclame :
Covardes, fostes vós! — e no seu póste
De vaias e baldões cobertos morrão.

V

Mas cantar tão cruel e tão feio,
Donde parte soando ruidoso ?
Da minha Harpa nas cordas quem veio
Sons tão rudes, tão roucos tirar ?
Póde acaso o christão impiedoso
Do que soffre avivar o tormento,
Póde acaso dizer-lhe cruento:
Teu supplicio não quero acabar?

Póde acaso com torva alegria
Sobre os restos do triste finado
Levantar a cruel voz impia,
Homicida feroz, maldição?
Não tem elle sequer um peccado ?
Como pois poderá penitente
Exclamar n'outra vida : Ó clemente
Senhor Deos, tem de mim compaixão ?

Réo não sou da cruel impiedade,
Bem que o sangue por elles vertido
Fosse meu ; bem que amarga saudade
Sinta eu desses, que a morte ceifou !
Não irei ao sepulchro esquecido
Insultar o mesquinho finado ;
Miserando! foi duro o seu fado,
Que um amigo sequer não deixou !

Mas as victimas tristes, cruentas,
Que hoje dormem na campa florida
Nas funéreas mortalhas sangrentas
Envolvidas, irei visitar :
Lindas flôres na aurora da vida !
Murchas flôres p'ra terra inclinadas !
Ah ! por todas no pó desfolhadas
Ao Senhor compassivo hei de orar !

VI

E como apparecem n'um sonho ditoso
Phantasticas fórmas, composto formoso
Da noite que morre e do sol a raiar ;
Eu vi muitas sombras, com ar magoado
Chorando e passando : eu estava acordado.
Ouvi ; mas par'ceu-me que estava a sonhar !

Passavão mostrando no peito a ferida ;
Celeste ventura no rosto envolvida
Se lia da morte ao cruel padecer !
E d'esta e d'aquella, de quantas eu via
O nome, as feições e a voz conhecia !...
Meu peito arquejava co'o interno soffrer.

Com triste sorriso nos labios pousado,
Chamavão-me todas ao tum'lo gelado,
E á paz dos sepulchros, e á vida do céo!
Ó anjos soffrestes martyrio anciado;
Ao céo remontastes, ficastes ao lado
Do martyr divino que á terra desceo;

Como hei de seguir-vos no ethéreo caminho,
Se preso a esta vida, cançado e mesquinho,
Meu longo martyrio não posso acabar?
Não posso seguir-vos; mas vós, meus amores,
Da noite nas sombras, do sol nos fulgores
Ah! vinde meus sonhos de flôres juncar.

AO ANNIVERSARIO DA INDEPENDENCIA DE CAXIAS

1 de Agosto.

Caxias, bella flôr, lyrio dos valles,
Gentil senhora de mimosos campos,
Como por tantos annos foste escrava,
Como a indocil cerviz curvaste ao jugo?
Oh! como longos annos insoffriveis,
Rainha altiva, destoucada e bella,
Trajando negro dó em negras vestes,
Rojaste aos pés de um régulo soberbo?
Á mingoa definhaste em negro carcer,
Onde um raio de sol não penetrava;
Em masmorra cruel, donde não vias
Scintillar o clarão d'amiga Estrella..

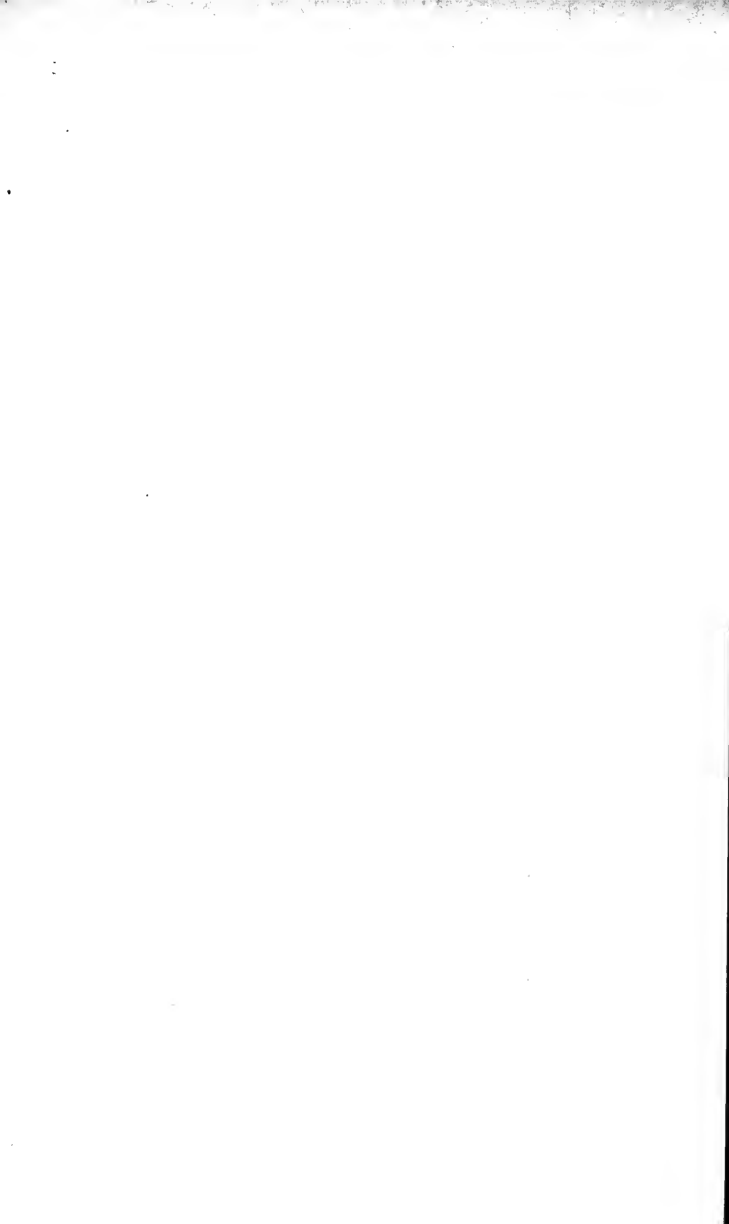
Oh! não, que a luz da espr'ança tinhas n'alma,
E o sol da liberdade um dia viste,
De gloria e de fulgor resplandecente,
Em céo sem nuvens no horizonte erguido.
Eis o som do tambor atrôa os valles,
O clangor da trombeta, os sons das armas,
A terra abalão, despertando os échos.
— Eia! oh bravos, erguei-vos, — á peleja,
A fome, á sêde, ás privações, — erguei-vos!
Tu, Caxias, acorda, — tu, rainha,
Lamina d'aço puro, envolta em ferro,
Ao sol refulgirás; — flôr que esmoreces
Á mingoa d'ar, em carcere de vidro,
Em ar mais livre cobrarás alento,
Graça, vida e frescor da liberdade.

Antemural do lusitano arrojo,
Ultimo abrigo seu, — feros soldados,
Veteranas cohortes nos teus montes
Cravão bellicas tendas! — Um guerreiro,
O nobre Fidié, que a antiga espada
Do valor portuguez empunha hardido,
No seu mando as retem: debalde, oh forte,
Expões teus dias! teu esforço inutil
Não susta o sol no rapido declive,
Que immerge áquem dos Andes orgulhosos
D'Africa e d'Asia os desbotados louros!

Eia! — o bronzeo canhão rouqueja, estoura,
Ribomba o ferreo som d'um écho em outro,
Nuvens de fumo e pó lá se condensão...
Correi, bravos, correi!... mas tu és livre,
És livre como o arbusto dos teus prados,

Livre como o condor que aos céos se arroja;
És livre! — mas na accesa phantasia
Debuxava-me o espirito exaltado
Frágoas cruas de morte, o horror da guerra
Descobrir, contemplar. — Oh! fôra bello
Arriscar a existencia em pró da patria,
Regar de rubro sangue o patrio solo,
E sangue e vida abandonar por ella!

Longe, delirios vãos, longe, phantasmas,
De ardor febricitante!
Á gloria d'este dia comparar-se
Póde acaso visão, delirio ou sonho?
Ao fausto anniversario
Da nossa independencia?
Acclamações altisonas
Corram nos lares da immortal Caxias:
Seja padrão de gloria entre nós outros
Sanctificada aurora
Que os vís grilhões de escravos vio partidos.

1845.

SAUDADES

A MINHA IRMÃ

. A. DE M.

I

Eras criança ainda: mas teu rosto
De ver-me ao lado teu se espanejava
Á luz fugaz de um enfantil sorriso!
Eras criança ainda; mas teus olhos
De uma brandura angelica, indizivel,
De sympathicas lagrimas turbavão-se
Ao ver-me o aspecto merencorio e triste;
E amigo refrigerio me sopravão,
Um balsamo divino sobre as chagas
Do coração, que a dôr me espedaçava!
Á luz de uma razão que desabrocha,
As leves graças, que a innocencia adornão,
Os infantís requebros, as meiguices
De uma alma ingenua e pura — em ti brilhavão.

Eu, gasto pela dôr antes de tempo,
Conhecendo por ti o que era a infancia,
Remoçava de ver teu rosto bello.
Pouco era vel-o! — em ti me transformava;
Bebendo a tua vida em longos tragos,
Todo o teu ser em mim se transfundia :
Meu era o teu viver, sem que o soubesses,
Tua innocencia, tuas graças minhas :
Não, não era ditoso em taes momentos,
Mas de que era infeliz me deslembrava!

E tinhas sobre mim poder immenso,
Indizivel condão, e o não sabias!
Assim da tarde a brisa corre á terra,
Embalsamando o ar e o céu de aromas :
Enreda-se entre flôres suspirosa,
Geme entre as flôres que o luar prateia,
E não sabe, e não vê, quantos queixumes
Apaga — quantas magoas alivia!
Assim, durante a noite, o passarinho
Em moita de jasmins derrama occulto
Merencorias canções nos mansos ares;
E não sabe, o feliz, de quantos olhos
Tristes, mas doces lagrimas, arranca!

II

Perderão-te os meus olhos um momento!
E na volta o meu rosto transtornado,
As vestes luctuosas, que eu trajava,
O mudo, amargo pranto que eu vertia,
Annuncio triste foi de uma desdita,
Qual jámais sentirás : teus tenros annos

Pouparão-te essa dôr, que não tem nome,
De quando sobre as bordas de um sepulchro
Anceia um filho, e nas feições queridas
D'um pai, d'um conselheiro, d'um amigo
O sello eterno vae gravando a morte!
Escutei suas ultimas palavras,
Repassado de dôr! — junto ao seu leito,
De joelhos, em lagrimas banhado,
Recebi os seus ultimos suspiros.
E a luz funerea e triste que lançárão
Seus olhos turvos, ao partir da vida,
De pallido clarão cobrio meu rosto,
No meu amargo pranto reflectindo
O cançado porvir que me aguardava!

Tu nada viste, não; mas só de vêr-me,
Flôr que sorrias ao nascer da aurora
No denso musgo dos teus verdes annos,
A procella imminente presentiste,
Curvaste o leve hastil, e sobre a terra
Da noite o puro aljofar derramaste.

III

O encanto se quebrára! — duros fados
Inda outra vez de ti me separavão.
Assim dois ramos verdes juntos crescem
N'um mesmo tronco; mas se o raio os toca,
Lascado o mais robusto cahe sem graça
De rojo sobre o chão, emquanto o outro
Da primavera as galas pavoneia!
Já não ha quem de novo unil-os possa,
Quem os force a vingar e a florir juntos!

Parti, dizendo adeus á minha infancia,
Aos sitios que eu amei, aos rostos caros,
Que eu já no berço conheci, — áquelles
De quem, máo grado a ausencia, o tempo, a morte
E a incerteza cruel do meu destino,
Não me posso lembrar sem ter saudades,
Sem que aos meus olhos lagrimas despontem.
Parti! sulquei as vagas do oceano;
Nas horas melancolicas da tarde,
Volvendo atraz o coração e o rosto,
Onde o sol, onde a esp'rança me ficava,
Misturei meus tristissimos gemidos
Aos sibilos dos ventos nas enxarcias!

Revolvido e cavado o negro abysmo,
Rugia indomito a meus pés : sorvia
No fragor da procella os meus soluços.
Vago triste e sósinho sobre os mares,
— Dizia eu entre mim, — na companhia
De crestados, de rispidos marujos,
Mais duros que o seu concavo madeiro!
Ave educada nas floridas selvas,
Vim da praia beijar a fina areia.
Subitaneo tufão arrebatou-me,
Perdi a verde relva, o brando ninho,
Nem jámais casarei doces gorgeios
Ao saudoso rugir dos meus palmares;
Porém a branca angelica mimosa,
Com seu candor enamorando as aguas,
Florece ás margens do meu patrio rio.

IV

Largo espaço de terras estrangeiras
E de climas inhospitos e duros
Interpoz-se entre nós! — Ao ver nublado
Um céu d'inverno e as arvores sem folhas,
De neve as altas serras branqueadas,
E entre esta natureza fria e morta
A espaços derramadas pelos valles,
Triste oliveira, ou funebre cypreste,
O coração se me apertou no peito.
Arrasados de lagrimas os olhos,
Segui no pensamento as andorinhas,
Nos invejados vôos! — procuravão,
Como eu tambem nos sonhos que mentião,
A terra que um sol calido vigora,
E em frouxa languidez estende os nervos.
Patria da luz, das flôres! — nunca eu veja
O sol, que adoro tanto, ir afundar-se
Nestes da Europa revoltosos mares;
Nem tibia lua, envolta em nuvens densas,
Luzindo mortuaria sobre os campos
De frios sóes queimados. — Ai! dizia,
Ai d'aquelle que um fado aventureiro,
Qual destroço de misero naufragio,
A longinqua e remota plaga arroja!
Ai d'aquelle que em terras estrangeiras
Corta nas azas do desejo o espaço,
Emquanto a realidade o vexa entorno
E oppresso o coração de dôr estala!
Onde a pedra, onde o seio em que descance?
Que arbusto ha de prestar-lhe grata sombra

E olentes flôres derramar co'a brisa
Na fronte encandecida? Peregrino,
Em toda a parte forasteiro o chamão!
Insensivel á dôr, na sua marcha,
Não, não attende ao termo da jornada;
Mas volta atraz o rosto, — e entre as sombras
Confusas do horizonte — enxerga apenas
O debil fio da esperança teso,
E da ingrata distancia adelgaçado!

E todavia amei! pude um momento
Vêr perto a doce imagem debruçada
Nas aguas do Mondego, — ouvir-lhe um terno
Suspiro do imo peito, mais ameno,
Mais saudoso que as auras encantadas,
Que entre os seus salgueiraes morão loquaces!
Foi um momento só! — talvez agora
Nas mesmas aguas se repete imagem
Dos meus sonhos de então! — talvez a brisa
Nas folhas dos salgueiros murmurando,
Meu nome junto ao seu repete aos echos,
Que eu, triste e longe della, escuto ainda!

Sim, amei; fosse embora um só momento!
Meu sangue, requeimado ao sol dos tropicos,
Em vivas labaredas conflagrou-se.
Feliz n'aquelle incendio ardeu minha alma,
Um anno, talvez mais! Qual foi primeiro
A soltar, a romper tão doces laços,
Não pudera dizel-o, em que o quizesse.

Tão louco estava então, — dôres tão cruas,
Magoas tantas depois me acabrunhárão,
Que desse meu passado extincta a idéa,
Deixou-me apenas um soffrer confuso,
Como quem de um máo sonho se recorda!
Assim, depois de arder um denso bosque
Dos ventos á mercê revôa a cinza
N'um páramo deserto! Nada resta;
Nem sequer a vereda solitaria,
A cuja extremidade o amor velava!

V

Rôtos na infancia os laços de familia,
Os fados me vedavão reatal-os,
Ter a meu lado uma consorte amada,
Rever-me na affeição dos filhos caros,
Viver nelles, curar do seu futuro
E neste empenho consumir meus dias;
Mas ao menos, pensava, — ser-me-ha dado
Animar e suster nos meus joelhos
Da minha irmã querida a tenra prole,
Inclinal-a á piedade, e ao relatar-lhe
Os successos da minha vida errante,
Inocular-lhe o dom fatal das lagrimas!
Essa mesma esperança não me illude;
Ave educada nas floridas selvas.
Um tufão me expellio do patrio ninho.
As tardes dos meus dias borrascosos
Não terei de passar, sentado á porta
Do abrigo de meus paes, — nem longe delle,
Verei tranquillo aproximar-se o inverno,
E pôr do sol dos meus cançados annos!

O HOMEM FORTE

Impavidum ferient...
HORAT.

O modesto varão constante e justo
Pensa e medita nas lições dos sabios
E nos caminhos da justiça eterna
Gradúa firme os passos.

O brilho da sua alma não mareia
A luz do sol, nem do carvão se tisna;
Morre pelo dever, austero e crente,
Confessando a virtude.

Póde a calumnia denegrir seus feitos,
Negar-lhe a inveja o merito subido;
Póde em seu damno conspirar-se o mundo
E renegal-o a patria!

Tão modesto no paço de Lucullo
Como encerrado no tonel do Grego,
Nem o transtorna a aragem da ventura,
Nem a desgraça o abate.

A tyrannos preceitos não se humilha,
Ante o ferro do algoz não curva a fronte,
Não faz calar da consciencia o grito,
Não nega os seus principios.

Antes, seguro e firme e confiado
No tempo, vingador das injustiças,
Co'os pés no cadafalso e a vista erguida
Se mostra imperturbavel.

Soffre martyr e expira! A patria entorno
Do seu sepulchro o chora, onde a virtude,
Affeita ao luto e á dôr, de novo carpe
Do justo a flebil morte!

DIES IRÆ

Jaz o mundo corrupto! — a terra ingrata
Fructos de maldição produz sómente;
E emquanto os homens ao mercado affluem,
Vazio o templo do Senhor se enluta.
Empoeira-se o altar, e pelas naves,
Gretadas, rotas pela mão do tempo,
De canticos e preces deslembradas,
A voz de Deos já não rebôa immensa!

Tudo porém conserva o mesmo aspecto:
O sol girando, e na apparencia o mesmo,
Do anno as quadras compassado alterna;
E os astros, seus irmãos, gravitão sempre
N'abobada celeste. A terra é a mesma;
As aguas pelos valles se deslisão,
Ou d'alpestres montanhas se despenhão
Co'os mesmos sons, co'a mesma queda; as brisas
Inda conversão nos soturnos bosques;
A mulher, a mais bella creatura,
Nas suas proprias perfeições compraz-se,
Como quando, no Eden, as pulchras fórmas
Pasmou de ver representadas n'agua,
E de as ver se ufanou. Inda conserva

O mesmo orgulho e intelligencia o homem,
O rei da creação, o deos creado,
De quando vinhão, por pedir-lhe os nomes,
Cetaceos, aves e os reptís e aquellas
Creaturas-montanhas, que passárão
Entre Adão e Noé á flor de terra!

Tudo o mesmo se mostra; mas a alma,
Esse mundo interior, esse outro templo,
Onde gravára o proprio Deos seu nome,
Como os templos de pedra, jaz sem lume;
Jaz como o predio a desfazer-se em ruinas,
Onde um guarda solícito não móra,
E entregue ás aves más, que em chilros prégão,
Que alli na ausencia do senhor imperão.

Da divina bondade cheio o vaso
Já transborda de cholera e justiça
E o largo rio do perdão saudavel,
Que mais não corra, empece: Santas aguas
Por cuja causa os seculos já vírão,
Sem justa punição, offensas graves;
Que o Senhor consentisse persistirem
Os máos no mal, á espera d'emendal-os:
Que triumphasse a malvadeza; e o crime,
Vexando os bons, senhoreasse a terra.

Mas Deos, que fôra outrora pae clemente,
Dando começo ao reino da justiça,
Em austero juiz se ha convertido.
Como um carro, que vae d'encontro ao abysmo,
Perfaz o sol precípite o seu giro,
Indo a tocar a temerosa méta
Prevista dos prophetas. Um archanjo

Com mão robusta ainda retem os élos
Da cadeia do tempo, emquanto a outra
Da vida o livro volumoso séllla
Com sete bronzeos sellos. Deos offeso
Tira os olhos do mundo, e o mundo ha sido!

Quem pudera pintar as discordancias
Em que labora a natureza! Crescem
Da terra igneos vapores, suffocando
O que respira, o que tem vida; os montes
Em crateras se rásgão, que vomitão
Fumo e lava incessante; o mar s'empola
E em furia ardendo, arroja aos altos cimos
Cruzados vagalhões, qual se tentára
Sovertel-os; os ventos se contrastão!
Novos prodigios, novos monstros surgem!
O mar se torna em sangue, o sol em fogo,
O Universo em mansão d'afflictas dôres;
O homem soffre, blasphema e desespera,
E vendo os mundos desabar precípites,
Um grito sólta d'horroroso transe,
Como de náo, que em alto mar s'afunda
E rola os restos n'amplidão das aguas.

Satisfez-se o Senhor. Que resta? — O cháos,
O horror, a confusão, o vulto enorme
Do tempo, que escurece o fundo abysmo,
Onde por todo o sempre jaz captivo;
E da morte o cadaver gigantesco
Quasi occupando a superficie inteira
D'um mar de chumbo, escuro e sem rumores.
Da gloria do Senhor um raio apenas,
Lá dos confins do espaço despedido,
Fere de morte o rosto macilento,
De tudo quanto foi, e quanto existe!

ESPERA !

Quem ha no mundo que afflicções não passe,
Que dôres não supporte ?
Mais ou menos d'angustias cabe a todos,
A todos cabe a morte.

A vida é um fio negro d'amarguras
E de longo soffrer :
Semelha a noite ; mas fagueiros sonhos
Póde de noite haver.

Porque então maldiremos este mundo
E a vida que vivemos,
Se nos tornamos do Senhor mais dignos,
Quanto mais dôr soffremos ?

Quantos cabellos temos, elle o sabe ;
Elle póde contar
As folhas que ha no bosque, os grãos d'areia
Que sustentão o mar.

Como pois não será elle comnosco
No dia da afflicção ?
Como não ha de computar as dôres
Do nosso coração ?

Como ha de ver-nos, sem piedade, o rosto
Coberto d'amargura ;
Elle, senhor e pae, conforto e guia
Da humana creatura ?

Se o vento sopra, se se move a terra,
Se iroso o mar fluctúa ;

Se o sol rutila, se as estrellas brilhão,
Se gira a branca lúa ;

Deus o quiz, Deus que mede a intensidade
Da dôr e da alegria,
Que cada ser comporta — n'um momento
D'arroubo ou d'agonia !

Embora pois a nossa vida corra
Alheia da ventura !
Além da terra ha céus, e Deus protege
A toda creatura !

Viajor perdido na floresta á noite,
Assim vago na vida ;
Mas sinto a voz que me dirige os passos
E a luz que me convida.

A SAUDADE

Saudade, ó bella flôr, quando te falte
Coração ou jardim, onde tu cresças ;
Ah ! vem, vem ter commigo ;
Deixa os que te não seguem ;
Terás em peito amigo
Lagrimas, que te reguem,
Espaço, em que floresças.

Das pégadas da ausencia tu despontas,
Entre as memorias cresces do passado,
Quando um objecto amado,

Quando um lugar distante, noite e dia,
Nos enluta e apouquenta a fantasia.
Vem, ó Saudade, vem
A mim tambem

Consolar de gemidos suspirosos
E de partidos ais !
Oh ! seja a punição dos insensiveis
Não te sentir jamais !

Propicia Deosa, e se não fosse a esp'rança,
Deosa melhor da vida ; qu'insensato,
A quem mitigas turbidos pezares,
Haverá tão ingrato
Que te não queime incenso em teus altares ?
O *presente* o que é ? — Breve momento
D'incommodo ou desgraça
Ou de prazer, que passa
Mais veloz que o ligeiro pensamento.
Véu escuro,

Que nem sempre a illusão nos adelgaça,
Nos encobre os caminhos do futuro.
O que nos resta pois ? — Resta a saudade,
Que dos passados dias
De mágoas e alegrias
Balsamo santo extrahe consolador!
Resta a saudade, que alimenta a vida
Á luz do facho que adormenta a dôr!

Hera do coração, memoria delle,
Ó Saudade, ó rainha do passado,
Semelhas a romantica donzella
De roupas alvejantes

Nas ruinas de castello levantado;
Grinaldas fluctuantes,
Que das fendas brotárão,
Movem-se do nordeste
Ao sopro agudo e frio,
Emquanto vendo-o ao longe o senhorio,
De posses decahido,
D'invernos alquebrado,
Recorda triste os annos que passárão!
Em que plagas inhospitas e duras
Não me tens sido companheira e amiga?
Em que hora, em que instante
De fólga ou de fadiga
Já deixei de sentir o penetrante
Espinho teu, a repassar-me todo
D'um prazer melancholico e suave?

Pois nasces nos desertos da tristeza,
Ó Saudade, ó rainha do passado!
Quando te falte gleba, onde tu cresças,
Vem, sim, vem ter commigo;
Deixa os que te não seguem,
Terás em peito amigo
Lagrimas, que te reguem,
Espaço, em que floresças!

Entra em meu coração, occupa-o todo,
Fibra por fibra enlaça-te com elle,
Desce com elle á sepultura; e quando
Jazer eu na eternidade,
Minha flôr, minha saudade,
Tu procura a aura celeste,
Rompe a terra, transforma-te em cypreste,
Qu'enlute o meu jazigo;

E ao meneio das ramas funerarias,
Meu derradeiro amigo,
Descance morto quem viveu comtigo.

NÃO ME DEIXES !

Debruçada nas aguas d'um regato
A flôr dizia em vão
Á corrente, onde bella se mirava...
« Ai, não me deixes, não !

« Commigo fica ou leva-me comtigo
« Dos mares á amplidão :
« Limpido ou turvo, te amarei constante ;
« Mas não me deixes, não ! »

E a corrente passava ; novas aguas
Após as outras vão ;
E a flôr sempre a dizer curva na fonte :
« Ai, não me deixes, não ! »

E das aguas que fogem incessantes
Á eterna successão
Dizia sempre a flôr, e sempre embalde
« Ai, não me deixes, não ! ».

Por fim desfallecida e a côr murchada,
Quasi a lamber o chão,
Buscava ainda a corrente por dizer-lhe
Que a não deixasse, não.

A corrente impiedosa a flôr enleia,
Leva-a do seu torrão;
A afundar-se dizia a pobrezinha:
« Não me deixaste, não! »

ZULMIRA

Sonhara-te eu na veiga de Granada,
Tapetada de flôres e verdura,
Onde o Darro e Xenil no lento giro
Volvem a lympha pura.

Alli te vejo em leda comitiva
Dos gentís cavalleiros do oriente,
Quando, deposta a malha do combate,
Vestem da paz a seda reluzente.

Alli te vejo n'um balcão sentada,
Grande preço da maura architectura,
Pejando as azas das nocturnas brisas
D'um canto de ternura.

Alli te vejo, sim; mas mais me agrada
O que se m'afigura n'outro instante,
Ver-te em vistosa tenda d'ouro e sedas,
Levantada no dorso do elefante.

E em roda, ao largo, o sequito pomposo
D'eunuchos a teu gesto vacillantes
Em cujas frontes negras se destacão
Alvissimos turbantes.

E pergunto quem és? — Então me dizem
Ciosos de guardar o seu thesouro,
Nome tão doce aos labios, que parece
Escrever-se em setim com letras d'ouro.

A UMA POETIZA

— Donde vens, viajor? —
— De longe venho.
— Que viste?
— Muitas terras.
— E qual dellas
Mais te soube agradar?
— São todas bellas,
Fundas recordações de todas tenho.

— E admiraste o que?
— Ah! onde as flôres
Cada vez a manhã tornão mais linda,
Onde gemeu Paraguassú de amores
E os echos fallão de Moema ainda;

Alli, Sapho christã, virgem formosa,
A vida aos sons da lyra dulcifica:
D'escutar a sereia harmoniosa
Ou de vel-a, a vontade presa fica!

Bahia, 1852.

ANGELINA

É gentil e linda e bella,
E eu sei que m'arrouba o vel-a
Tão divina:
A lyra seus cantos cesse;
Mas minha alma não s'esquece
D'Angelina!

Outro louve os seus cabellos,
Cante a luz dos olhos bellos
Que fascina;
E o leve sorrir donoso
Que irradia o rosto airoso
D'Angelina!

Os dotes diga que apura,
Quando em languida postura
Se reclina;
Que s'ergue, se acaso passa,
Susurro que applaude a graça
D'Angelina!

Que de amor quando suspira
O barda quebrára a lyra,
De mofina;
Que jamais poderão cantos
Pintar ao vivo os encantos
D'Angelina.

Que da sua alma a pureza
Equipara-se á belleza
Peregrina;

Que amor seu throno tem posto
N'alma, no talhe e no rosto
D'Angelina.

Eu que não sei descrevel-a,
Só sei que me arrouba o vel-a
Tão divina ;
A lyra seus cantos cesse,
Mas minha alma não s'esquece
D'Angelina!

RÔLA

Desque amor me deu que eu lêsse
Nos teus olhos minha sina,
Ando, como a peregrina
Rôla, que o esposo perdeu!
Seja noite ou seja dia,
Eu te procuro constante:
Vem, oh! vem, ó meu amante,
Tua sou e tu és meu!

Vem, oh vem, que por ti clamo;
Vem contentar meus desejos,
Vem fartar-me com teus beijos,
Vem saciar-me de amor!
Amo-te, quero-te, adoro-te,
Abraso-me quando em ti penso,
E em fogo voraz, intenso,
Anceio louca de amor!

Vem, que te chamo e te aguardo,
Vem apertar-me em teus braços,
Estreitar-me em doces laços,
Vem pousar no peito meu!
Que, se amor me deu que eu lêsse
Nos teus olhos minha sina,
Ando, como a peregrina
Rôla, que o esposo perdeu.

AINDA UMA VEZ — ADEOS!

Emfim te vejo! — emfim posso,
Curvado a teus pés, dizer-te
Que não cessei de querer-te,
Pezar de quanto soffri.
Muito penei! Crúas ancias,
Dos teus olhos afastado,
Houverão-me acabrunhado
A não lembrar-me de ti!

D'um mundo a outro impellido,
Derramei os meus lamentos
Nas surdas azas dos ventos,
Do mar na crespa cerviz!
Baldão, ludibrio da sorte
Em terra estranha, entre gente
Que alheios males não sente,
Nem se condóe do infeliz!

Louco, afflicto, a saciar-me
D'aggràvar minha ferida,
Tomou-me tedio da vida,
Passos da morte senti;
Mas quasi no passo extremo,
No ultimo arcar da esp'rança,
Tu me vieste á lembrança:
Quiz viver mais e vivi!

Vivi; pois Deos me guardava
Para este logar e hora!
Depois de tanto, senhora,
Ver-te e fallar-te outra vez;
Rever-me em teu rosto amigo,
Pensar em quanto hei perdido,
E este pranto dolorido
Deixar correr a teus pés.

Mas que tens? Não me conheces?
De mim afastas teu rosto?
Pois tanto pôde o desgosto
Transformar o rosto meu?
Sei a afflicção quanto póde,
Sei quanto ella desfigura,
E eu não vivi na ventura...
Olha-me bem, que sou eu!

Nem uma voz me diriges!...
Julgas-te acaso offendida?
Déste-me amor, e a vida
Que m'a darias — bem sei;
Mas lembrem-te aquelles feros
Corações, que se metterão
Entre nós; e se vencerão,
Mal sabes quanto lutei!

Oh! se lutei!... mas devêra
Expôr-te em publica praça,
Como um alvo á populaça,
Um alvo aos dicterios seus!
Devêra, podia acaso
Tal sacrificio acceitar-te
Para no cabo pagar-te,
Meus dias unindo aos teus?

Devêra, sim; mas pensava
Que de mim t'esquecerias,
Que, sem mim, alegres dias
T'esperavão; e em favor
De minhas preces, contava
Que o bom Deos me acceitaria
O meu quinhão de alegria
Pelo teu quinhão de dôr!

Que me enganei, ora o vejo;
Nadão-te os olhos em pranto,
Arfa-te o peito, e no entanto
Nem me podes encarar;
Erro foi, mas não foi crime;
Não te esqueci, eu t'o juro:
Sacrifiquei meu futuro,
Vida e gloria por te amar!

Tudo, tudo; e na miseria
D'um martyrio prolongado,
Lento, cruel, disfarçado,
Que eu nem a ti confiei;
« Ella é feliz (me dizia)
» Seu descanço é obra minha. »
Negou-m'o a sorte mesquinha...
Perdôa que me enganei!

Tantos encantos me tinhão,
Tanta illusão me afagava
De noite, quando acordava,
De dia em sonhos talvez!
Tudo isso agora onde pára?
Onde a illusão dos meus sonhos?
Tantos projectos risonhos,
Tudo esse engano desfez!

Enganei-me!... — Horrendo cháos
Nessas palavras se encerra,
Quando do engano, quem erra,
Não póde voltar atraz!
Amarga irrisão! reflecte:
Quando eu gozar-te pudera,
Martyr quiz ser, cuidei qu'era...
E um louco fui, nada mais!

Louco, julguei adornar-me
Com palmas d'alta virtude!
Que tinha eu bronco e rude
Co'o que se chama ideal?
O meu eras tu, não outro;
'Stava em deixar minha vida
Correr por ti conduzida,
Pura, na ausencia do mal.

Pensar eu que o teu destino
Ligado ao meu, outro fôra;
Pensar que te vejo agora,
Por culpa minha, infeliz;
Pensar que a tua ventura
Deos *ab eterno* a fizera,
No meu caminho a puzera...
E eu! eu fui que a não quiz!

És d'outro agora, e p'ra sempre!
Eu a misero desterro
Vólto, chorando o meu erro,
Quasi descrendo dos céos!
Dóe-te de mim, pois me encontras
Em tanta miseria posto,
Que a expressão deste desgosto
Será um crime ante Deos!

Dóe-te de mim, que t'imploro
Perdão, a teus pés curvado;
Perdão! de não ter ousado
Viver contente e feliz!
Perdão da minha miseria,
Da dôr que me rala o peito,
E se do mal que te hei feito,
Tambem do mal que me fiz!

Adeos qu'eu parto, senhora;
Negou-me o fado inimigo
Passar a vida comtigo,
Ter sepultura entre os meos;
Negou-me n'esta hora extrema,
Por extrema despedida,
Ouvir-te a voz commovida
Soluçar um breve Adeos!

Lerás porém algum dia
Meus versos, d'alma arrancados,
D'amargo pranto banhados,
Com sangue escriptos; — e então
Confio que te commovas,
Que a minha dôr te apiade,
Que chores, não de saudade,
Nem de amor, — de compaixão.

O SOMNO

Nas horas da noite, se junto a meu leito
Houveres acaso, meu bem, de chegar,
Verás de repente que aspecto risonho
Que toma o meu sonho,
Se o vens bafejar!

O anjo, que ao somno preside tranquillo,
Ao anjo da terra não ceda o logar;
Mas deixe-o amoroso chegar-se ao meu leito,
Unir-me a seu peito,
D'amor offegar.

As notas que exhalão as harpas celestes,
Os gozos, que os anjos só podem gozar,
Talvez tambem frúa, se ao meu peito unida
T'encontro, ó querida,
No meu acordar!

SE EU FOSSE QUERIDO!

Se eu fosse querido d'um rosto formoso,
Se um peito extremoso — pudesse encontrar,
E uns labios macios, que expirão amores
E abrandão as dôres — de alheio penar;

A tantos encantos minha alma rendida,
Votára-lhe a vida — que Deos me quiz dar:

Constante a seu lado, seus sonhos divinos
Aos sons dos meus hymnos — quizera embalar.

Depois, quando a morte viesse impiedosa
Da amante extremosa — meus dias privar,
De funda saudade minha alma rendida
Votára-lhe a vida — que Deos me quiz dar.

A FLÔR DO AMOR

Já lento o passo, no cahir da tarde,
Lá nos desertos d'abrasada areia,
Que o vento agita, porém não recreia,
Da caravana o conductor parou.
Armão-se á pressa tendas alvejantes,
Rumina placido o frugal camêlo;
Porém a nuvem d'arabes errantes
Se achega á presa, que de longe olhou.

E já, tomada a refeição nocturna,
Junto á fogueira, que derrama vida,
Descanção todos da penosa lida
Á voz canora, qne o cantor alçou!
Confuso o ouvido um borborinho alcança,
As armas toma o arabe prudente:
Mas logo pensa, regeitando a lança:
« Foi o grunhido que o chacal soltou. »

Ouvidos todo e curioso enlevo,
Torna de novo a retomar seu posto;
Pela fogueira alumiado o rosto,

Bebendo as vozes que o cantor soltou;
Semelha a terra, quando aberta em fendas
Da noite o orvalho sequiosa espera;
E o corcel arabe encostado ás tendas
Os sons lhe escuta, e de os ouvir folgou.

» Algures cresce (o trovador cantava)
Sempre fresca e virente e sempre bella,
Por influxo e poder de maga estrella,
Mimosa, pura e delicada flôr!
Jazendo em sitio escuso e solitario,
Esforços é mister p'ra conhecel-a,
Que diz a forte lei do seu fadario
Que a não descubra acaso o viajor.

» Alva do albor dos lirios odorosos,
Tem a modestia da violeta esquiva,
E o prompto retrahir da sensitiva,
Que parece vestir-se de pudor!
Assim, á luz da cambiante aurora,
Mudando um pouco a resplendente alvura,
De uns toques de carmim s'esmalta e córa
A graciosa e pudibunda flôr.

» Faz-se mais puro o ar, mais brando o clima,
Onde cresce; amenizão-se os logares,
Tornão-se menos agros os pezares
E menos viva, e quasi nulla a dôr;
Fresca e branda alcatifa o chão matiza,
Com doce murmurio as aguas correm,
E o leve sopro do correr da brisa
Volupia embebe em magico frescor!

» Feliz aquelle que a encontrou na vida,
Que onde ella nasce timida e fagueira
Não s'ennovela a mó d'atra poeira,
Tangida p'lo simun abrasador!
Alli sorri-se oásis venturoso,
Qu'entre deleites o viver matiza,
E ao que vai triste, afflicto e sem repouso
Chama a descanço do comprido error!

» Feliz e mais que se, perdido, achára
Conforto e auxilio no kathá, seu guia,
Que o leva a fonte perennal e fria
Onde se apaga o sitibundo ardor.
Tão feliz, qual talvez se o precedesse
Nos desertos a benção do propheta,
Que por fanal nocturno lhe accendesse
Maga estrella de limpido fulgor.

» Ai! porém do que a vê, e a não conhece,
Do que a suspira em vão, e a em vão procura,
Ou que achando-a, desiste da ventura
Por não entrar no oásis seductor.
Essa flôr descoberta por acerto
Nunca mais a verás! colhe, insensato,
Colhe abrolhos da vida no deserto;
Pois desprezaste a que produz o amor! »

Assim cantava o trovador; e todos
Ouvem-no com prazer de dôr travado,
Que mais do que um talvez terá deixado
Atraz de si a pudibunda flôr!
No emtanto a nuvem d'arabes errantes
Chega-se á presa, que avistou de longe;
E dos corceis, que alentão offegantes,
Precede a marcha turbido pavor!

E, nado o sol, aquelle que passava
Pelos desertos d'abrasada areia,
Que o rubro sangue de cruor roxeia,
A um lado o rosto, pallido, voltou!
Ninguem as mortes lastimaveis chora,
Ninguem recolhe os restos insepultos,
E o mesmo orvalho, que goteja a aurora,
Sem borrifal-os, no areial ficou!

Quem saberá do seu destino agora?
Ninguem! Sómente em climas apartados
Miseranda mulher lastima os fados
De filho ou esposo que jamais tornou!
Talvez, porém, traz de montões d'areia,
Nobre corsel sem cavalleiro assoma,
E alonga a vista, de pezares cheia,
Té onde a vida seu senhor deixou!

A SUA VOZ

Porque ficasse a vida
Por o mundo em pedaços repartida.
CAMÕES. — Canç. X.

Ouvi-a! A sua voz me despertava
Tudo quanto de bom conservo n'alma.
Retratado o pudor tinha no rosto,
E um suave dizer, um timbre doce
De voz, uma piedade extreme e sancta,
Que as mais profundas chagas animava,
D'ambrozia e de mel lhe ungia os labios.

Ouvi-a! A sua voz era mais branda,
Mais impressiva que o cantar das aves!
A aragem qu'entre flôres se deslisa
E mal remeche a timida folhagem,
A veia de crystal que triste sôa,
O saudoso arrulhar de mansas pombas,
As proprias notas d'um cantar longinquo
Ou de instrumento a conversar co'a noite,
Menos que a sua voz impressionavão!

Menos que a sua voz! — Os dois mais fortes,
Os dois mais puros sentimentos nossos
— A saudade e o amor, — as mais profundas
Das merencorias solidões de terra
— As florestas e o mar, — um scismar vago,
Um devaneio, um extasis sem termo
D'alma perdida por um céo de amores,
Tanto como a sua voz não arroubavão!

Tanto como a sua voz! — sómente o forão
Dulias notas de mysticos salterios
Té nós de um astro em outro repetidas.
Foi isto o que senti, quando a escutava,
Fluente, harmoniosa, discorrendo,
Em pratica singela, sobre assumptos
Diversos, sobre flôres, menos bellas
Do que o seu rosto, e céos, como ella, puros
Mas quem n'a ouvíra conversar de amores,
Trouxera n'alma como uma harpa eolia,
        Dia e noite vibrando,
        Como um cantar dos anjos
Do coração a estremecer-lhe as fibras!

SE SE MORRE DE AMOR!

Meere und Berge und Horizonte zwischen den Liebenden — aber die Seelen versetzen sich aus dem staubigen Kerker und treffen sich im Paradiese der Liebe.

SCHILLER. — *Die Räuber.*

Se se morre de amor! — Não, não se morre,
Quando é fascinação que nos surprende
De ruidoso saráu entre os festejos;
Quando luzes, calor, orchestra e flôres
Assomos de prazer nos raião n'alma,
Que embellezada e solta em tal ambiente
No que ouve, e no que vê prazer alcança!

Sympathicas feições, cintura breve,
Graciosa postura, porte airoso,
Uma fita, uma flôr entre os cabellos,
Um quê mal definido, acaso podem
N'um engano d'amor arrebatar-nos.
Mas isso amor não é; isso é delirio,
Devaneio, illusão, que se esvaece
Ao som final da orchestra, ao derradeiro
Clarão que as luzes no morrer despedem;
Se outro nome lhe dão, se amor o chamão,
D'amor igual ninguem succumbe á perda.

Amor é vida; é ter constantemente
Alma, sentidos, coração — abertos
Ao grande, ao bello; é ser capaz d'extremos,
D'altas virtudes, té capaz de crimes!
Compr'hender o infinito, a immensidade,

E a natureza e Deos; gostar dos campos;
D'aves, flôres, murmurios solitarios;
Buscar tristeza, a soledade, o ermo,
E ter o coração em riso e festa;
E á branda festa, ao riso da nossa alma
Fontes de pranto intercalar sem custo;
Conhecer o prazer e a desventura
No mesmo tempo, e ser no mesmo ponto
O ditoso, o miserrimo dos entes:
Isso é amor, e desse amor se morre!

Amar, e não saber, não ter coragem
Para dizer que amor que em nós sentimos;
Temer qu'olhos profanos nos devassem
O templo, onde a melhor porção da vida
Se concentra; onde avaros recatamos
Essa fonte de amor, esses thesouros
Inesgotaveis, d'illusões floridas;
Sentir, sem que se veja, a quem se adora,
Compr'hender, sem lhe ouvir, seus pensamentos,
Seguil-a, sem poder fitar seus olhos,
Amal-a, sem ousar dizer que amamos,
E, temendo roçar os seus vestidos,
Arder por afogal-a em mil abraços:
Isso é amor, e desse amor se morre!

Se tal paixão porém emfim transborda,
Se tem na terra o galardão devido
Em reciproco affecto; e unidas, uma,
Dois seres, duas vidas se procurão,
Entendem-se, confundem-se e penetrão
Juntas — em puro céo d'extasis puros:
Se logo a mão do fado as torna extranhas,

Se os duplíca e separa, quando unidos
A mesma vida circulava em ambos;
Que será do que fica, e do que longe
Serve ás borrascas de ludibrio e escarneo?
Póde o raio n'um pincaro cahindo,
Tornal-o dois, e o mar correr entre ambos;
Póde rachar o tronco levantado
E dois cimos depois verem-se erguidos,
Signaes mostrando da alliança antiga;
Dois corações, porém, que juntos batem,
Que juntos vivem, — se os separão, morrem;
Ou se entre o proprio estrago inda vegetão,
Se apparencia de vida, em mal, conservão,
Ancias crúas resumem do proscripto,
Que busca achar no berço a sepultura!

Esse, que sobrevive á propria ruina,
Ao seu viver do coração, — ás gratas
Illusões, quando em leito solitario,
Entre as sombras da noite, em larga insomnia,
Devaneiando, a futurar venturas,
Mostra-se e brinca a appetecida imagem;
Esse, que á dôr tamanha não succumbe,
Inveja a quem na sepultura encontra
Dos males seus o desejado termo!

A MORTE É VARIA

TRADUCÇÃO

A morte é vária e multiforme, e muda
De trajes e de mascaras mais vezes
Qu'uma cançada actriz :
Nem sempre é, qual se pinta, o negro espectro
D'ironico sorriso e brancos dentes,
E d'horrido cariz.

Nem todos seus vassallos são poeira
No resalto de pedra adormecidos
Por sob as arcarias ;
A pallida libré nem todos vestem,
Nem sobre todos jaz murada a porta
Nas cryptas sombrias!

Diversa a natureza é d'outros mortos :
Nestes que a sanie e podridão consomem,
Vê-se o nada palpavel ;
Vê-se o enojo, o horror, a sombra espessa
E o esfaimado esquife, abrindo as fauces,
Qual monstro insaciavel!

Cabe a outros porém que sem dôr vemos
Passar, girar no turbilhão dos vivos,
De carne inda vestidos,
O nada inda encuberto ; cabe a interna
Morte, que ninguem sabe, ninguem chóra,
Nem mesmo os mais queridos!

Pois, se vamos a ver nos cemiterios
As campas, ou illustres ou sem nome,
De marmore ou torrão;
Ou tenhamos alli amiga palpebra,
Ou não, — do teixo á sombra descançada,
Quer choremos, quer não :

« Jazem » dizemos. — Nomes desparecem
Sob a relva; o verme nesses olhos
Enreda a teia crúa!
Por entre as pranchas do caixão desponta
Hirto cabello, e em pó funereo envolta
Branqueja a ossada núa.

Os herdeiros não temem que mais vólte;
Esquecerão-n'o já : seus cães se lembrão,
Soltando uivos de dôr!
Acama-se a poeira em seus retratos :
Já não tem mais rivaes, não tem amigos,
Nem odios, nem amor!

Da morte o anjo, em lagrimas de pedra
Vemos sósinho e mudo a pranteal-o,
Estatua da afflicção :
A cova toma o corpo, o olvido o nome,
Tem por lençóes seis pés d'humida terra....
Mortos, bem mortos são!

E dos olhos talvez se vos deslise
O pranto sobre a relva, pelo orvalho
E chuva humedecida;
Que na triste mansão os regozije,
E por essa oblação enternecidos
Um resto achem de vida.

Mortos do coração ninguem os chóra,
Ninguem, se a um destes vê, lhe diz piedoso ·
« Seja o Senhor comtigo. »
Curão do morto, lavão-lhe as feridas;
Mas a alma estala sem que alguem se dôa
Nem mesmo o mais amigo!

Ha comtudo pungentes agonias
Nunca sabidas, dôres horrorosas
Mais do que se não crê;
Almas ha que tem cruz e passamento,
Sem aureola d'oiro e a mulher pallida
E desgrenhada — ao pé.

DO HESPANHOL DE LOPE DA VEGA

Junto ás margens dos rios
De Babilonia — a descantar sentados
Passados desvarios,
Escravos, affligidos e cansados,
Choramos ternamente
Com a memoria de Sião ausente.

Os doces instrumentos,
Que o senhor das batalhas já louvárão
Em tempos mais contentes
E que nossas victorias celebrarão;
Quando presos ficámos,
Aos salgueiros extranhos pendurámos.

Nossos donos por dita,
Ou por curiosidade ou por vingança
Ou porque em tal desdita
Tambem piedade ao vencedor alcança,
« Cantai, cantai » disserão :
Com que mais nossas lagrimas crescêrão.

E os que conduzião
Captivos — nossos filhos e mulheres,
Os hymnos nos pedião,
Que augmentavão por lá nossos prazeres;
E em casos tão adversos,
Os cantos de Sião, — os tristes versos!

Mas, em resposta, nós
A seus rogos, chorando, respondemos :
« Como pretendeis vós
Que, a rojar ferros, miseros cantemos
Nesta infeliz cadeia
Versos da patria amada em terra alheia?

« Se de ti me olvidar,
Doce Jerusalém e agora ou logo
Longe de ti cantar,
Myrre-se, pois cedeu á força ou rôgo
A mão que as cordas toca,
Quando tal sorte lagrimas provoca.

» E se, cantando, der
Signal de que perdi toda a memoria;
Emquanto assim viver,
Cidade santa, ausente dessa gloria
A lingua se me apegue
Em a garganta, e respirar me negue.

» Nem justo é que se diga
Que eu possa haver jamais contentamento
Entre gente inimiga ;
Antes prefiro a todo o sentimento
E até á vida cara,
Ver-te feliz, Jerusalém preclara !

» No entanto, ó rei divino,
O castigo prepara ao Iduméo,
Que sendo-nos vizinho,
Não acudio-nos, — antes ao Chaldêo
Auxiliou — no dia
Em que a triste cidade nos rendia.

» E com voz arrogante,
Mostrando em nosso mal seu odio injusto
Ia a bradar diante :
— Arrasai, destruí, sem dó, sem susto :
Nem deixe vossa espada
Pedra, que torne a ser edificada!

» Tu, Babilonia, agora
Triumpha!... — Deos marcará teu dia!
Abençoada a hora
Em que pagues tão barbara ousadia!
Ditoso quem viver
E o capitão que tal vingança houver!

» E qual já nos fizestes,
Das mães os tenros filhos arrancando,
Hão de fazer a estes,
Que tendes caros; hão de, os paes olhando,
Travar das louras tranças
Para arrojal-os contra agudas lanças! »

ESTANCIAS

Tu não queres ligar-te commigo,
Que me fosses mulher t'infamára!
É tua casa no sangue tão clara,
Que eu me honrasse de unir-me comtigo?!...

És acaso tão pura lindeza,
Que eu não possa tua mão apertar?...
Mas teus olhos com menos pureza
Outros olhos já vi afagar!

E esses labios que a jura de esposa
Para mim não darião no altar,
Nesses labios alguem já não ousa
Algum beijo de amor estampar?

Pobre louca, que o orgulho atormenta,
Despe a bronca vaidade que tens;
Nem a mim teu amor me contenta,
Nem me ferem teus falsos desdens.

Sei amar; mas a ti... não soubera;
Sei soffrer; mas por ti... tambem não;
De te amar nenhum gosto tivera,
De perder-te — nenhuma afflição.

O meu nome, que engeitas vaidosa,
Que de illustres avós não herdei,
Cobre ao menos pobreza orgulhosa,
Que eu comtigo jamais partirei!

Não te assuste esse fado tristonho,
Não te deixes vencer de afflicção;

Vive em paz!... que eu não quero, não sonho,
Ter a posse do teu coração.

Mas se acaso uma sorte medonha.
Violentar-me por ti a dar ais,
Possa ao menos morrer de vergonha,
Quem de amor não morrêra jamais!

Bahia, Maio de...

CANÇÃO

DO ALLEMÃO DE HEINE

Tens joias e diamantes,
Quaes não tem tuas rivaes;
Tens os mais bellos dos olhos...
Amor, que desejas mais?

E sobre esses olhos bellos
Já de carmes immortaes
Tenho composto volumes...
Amor, que desejas mais?

E com esses olhos bellos,
Até não quereres mais,
Tens-me posto á dependura...
Amor, que desejas mais?

SONETO

Baixel veloz, que ao tumido elemento
A voz do nauta experto, afoito entrega,

Demora o curso teu, perto navega
Da terra, onde me fica o pensamento.

Emquanto vais cortando o salso argento,
Desta praia feliz não se despega,
Meus olhos, não, que amargo pranto os rega,
Minha alma, sim, e o amor que é meu tormento.

Baixel, que vais fugindo despiedado,
Sem temor dos contrastes da procella,
Volta ao menos qual vais, tão apressado;
Encontre-a eu gentil, mimosa e bella,
E o pranto que ora verto amargurado,
Possa eu verter feliz no seio della.

1848.

A MINHA FILHA

O nosso indio errante vaga;
Mas por onde quer que vá,
Os ossos dos seus carrega:
Por isso, onde quer que chega,
Da vida n'amplo deserto,
Como que a patria tem perto,
Nunca dos seus longe está!

Tem para si que a poeira
D'aquelle que chorão morto,
Quando a alma já descança
Da eternidade no porto,
Nenhures está melhor

Do que na urna grosseira,
Que a cada momento enxergão,
Que de instante a instante regão
Com seu prantear d'amor!

Ando, como elle, incessante,
Forasteiro, vago, errante,
Sem proprio abrigo, sem lar,
Sem ter uma voz amiga,
Que em minha afflicção me diga
Dessas palavras que fazem
A dôr no peito abrandar!

E sei que morreste, filha!
Sei que a dôr de te perder
Emquanto eu fôr vivo, nunca,
Nunca se ha de esvaecer!

Mas qual teu jazigo, e onde
Jazem teus restos mortaes...
Esse logar que te esconde,
Não vi, não verei já mais!

Não sei se ahi nasce a relva,
Se algum arbusto s'inflora
A cada nova estação;
Se a cada nascer da aurora,
O orvalho lagrimas chora
Sobre esse humilde torrão!
Se ahi nasce o triste goivo,
Ou só espinhos e abrolhos;
Ou se tambem de alguns olhos
Recebes pia oblação!

Sei que o pranto que se verte
Longe do morto, não basta!
É pranto que a dôr não gasta,
Que nenhum allivio traz!
Sei que ao partir-me da vida,
Minha alma andará perdida
Para saber onde estás!

Irei beijar teu sepulchro,
Chorar meu ultimo adeos;
Depois, remontando aos céos,
Direi a Deos: « Aqui estou! »
Tu, d'entre o côro dos anjos,
Dos seraphins resplendentes,
Então as azas candentes,
Que a vida não maculou,
Desprega! — e meiga e humilhada
Ao throno do Eterno vai
E na linguaguem dos anjos
Dize a Jesus: « É meu pai! »

Elle humanou-se! — quiz ser
Filho tambem de mulher;
Mas d'homem, não; porque os céos
Não tinhão bastante espaço
Para um homem pai de Deos!

Bem sabe elle quanta gloria
Sente o pai que um anjo tem!
Julgará que, pois perdida
Teve uma filha na vida,
Não a perca lá tambem!

Manáos, 1 Maio 1861

HYMNOS

Singe dem Herrn mein Lied, und du, begeisterte Seele,
Werde ganz Jubel dem Gott, den alle Wesen bekennen!

WIELAND.

MESQUINHO TRIBUTO DE PROFUNDA AMIZADE
AO Dr J. D. LISBOA SERRA.

O MAR

Frappé de ta grandeur farouche
Je tremble... est-ce bien toi, vieux lion que je touche,
Océan, terrible Océan!

TURQUETY.

Oceano terrivel, mar immenso
De vagas procellosas que se enrolão
Floridas rebentando em branca espuma
N'um pólo e n'outro pólo,
Emfim... emfim te vejo; emfim meus olhos
Na indomita cerviz tremulos cravo,
E esse rugido teu sanhudo e forte
Emfim medrosc escuto!

D'onde houveste, ó pelago revolto,
Esse rugido teu? Em vão dos ventos
Corre o insano pegão lascando os troncos,
E do profundo abysmo
Chamando á superficie infindas vagas,
Que avaro encerras no teu seio undoso;
Ao insano rugir dos ventos bravos
Sobresáe teu rugido.
Em vão troveja horrisona tormenta;
Essa voz do trovão, que os céos abala,
Não cobre a tua voz. — Ah ! d'onde a houveste,
Magestoso oceano?

Ó mar, o teu rugido é um echo incerto
Da creadora voz, de que surgiste :
Seja, disse; e tu foste, e contra as rochas
As vagas compelliste.
E á noite, quando o céo é puro e limpo
Teu chão tinges de azul, — tuas ondas correm
Por sobre estrellas mil; turvão-se os olhos
Entre dois céos brilhantes.

Da voz de Jehovah um echo incerto
Julgo ser teu rugir; mas só, perenne,
Imagem do infinito, retratando
As feituras de Deos.
Por isto, a sós comtigo, a mente livre
Se eleva, aos céos remonta ardente, altiva,
E d'este lodo terreal se apura,
Bem como o bronze ao fogo.
Férvida a Musa, co'os teus sons casada,
Glorifica o Senhor de sobre os astros
Co'a fronte além dos céos, além das nuvens
E co'os pés sobre ti.

O que ha mais forte do que tu? Se erriças
A coma perigosa, a náo possante,
Extremo de artificio, em breve tempo
　　Se afunda e se anniquila.
Es poderoso sem rival na terra ;
Mas lá te vás quebrar n'um grão d'areia,
Tão forte contra os homens, tão sem força
　　Contra coisa tão fraca !

Mas n'esse instante que me está marcado,
Em que hei de esta prisão fugir p'ra sempre
Irei tão alto, ó mar, que lá não chegue
　　Teu sonoro rugido.
Então mais forte do que tu, minha alma,
Desconhecendo o temor, o espaço, o tempo,
Quebrará n'um relance o circ'lo estreito
　　Do finito e dos céos!

Então, entre myriadas de estrellas,
Cantando hymnos d'amor nas harpas d'anjos,
Mais forte soará que as tuas vagas,
　　Mordendo a fulva areia ;
Inda mais doce que o singelo canto
De merencoria virgem, quando a noite
Occupa a terra, — e do que a mansa brisa.
　　Que entre flôres suspira.

IDEIA DE DEOS

Gross ist der Herr! Die Himmel ohne Zahl
Sind seine Wohnungen!
Seine Wagen die donnernden Gewölke,
Und Blitze sein Gespann.

KLEIST.

I

A voz de Jehovah infindos mundos
Se formárão do nada:
Rasgou-se o horror das trevas, fez-se o dia,
E a noite foi creada.

Luzio no espaço a lua! sobre a terra
Rouqueja o mar raivoso,
E as espheras nos céos erguêrão hymnos
Ao Deos prodigioso.

Hymno de amor a creação, que sôa
Eternal, incessante,
Da noite no remanso, no ruido
Do dia scintillante!

A morte, as afflicções, o espaço, o tempo,
O que é para o Senhor?
Eterno, immenso, que lh'importa a sanha
Do tempo roedor?

Como um raio de luz, percorre o espaço,
E tudo nota e vê —
O argueiro, os mundos, o universo, o justo,
E o homem que não crê.

E elle que póde anniquilar os mundos,
Tão forte como elle é,
E vê e passa, e não castiga o crime,
Nem o impio sem fé!

Porém, quando corrupto um povo inteiro
O nome seu maldiz,
Quando só vive de vingança e roubos,
Julgando-se feliz;

Quando o impio commanda, quando o justo
Soffre as penas do mal,
E as virgens sem pudor, e as mães sem honra
E a justiça venal;

Ai da perversa, da nação maldita,
Cheia de ingratidão,
Que ha de ella mesma sugeitar seu collo
Á justa punição!

Ou já terrivel peste expande as azas,
Bem lenta a esvoaçar;
Vai de uns a outros, dos festins conviva,
Hospede em todo o lar!

Ou já torvo rugir da guerra accesa
Espalha a confusão;
E a esposa, e a filha, do terror oppressa,
Não sente o coração.

E o pai, e o esposo, no morrer cruento,
Vomita o fel raivoso;
— Milhões de insectos vís que um pé gigante
Enterra em chão lodoso.

E do povo corrupto um povo nasce
Esperançoso e crente,
Como do podre e carunchoso tronco
Hastea forte e virente.

II

Oh! como é grande o Senhor Deos, que os mundos
Equilibra nos ares;
Que vai do abysmo aos céos, que susta as iras
Do pelago fremente;
A cujo sopro a maquina estrellada
Vacilla nos seus eixos;
A cujo aceno os cherubins se movem
Humildes, respeitosos;
Cujo poder, que é sem igual, excede
A hyperbole arrojada!
Oh! como é grande o Senhor Deos dos mundos,
O Senhor dos prodigios.

III

Elle mandou que o sol fosse principio,
E razão de existencia,
Que fosse a luz dos homens — olho eterno
Da sua providencia.

Mandou que a chuva refrescasse os membros,
Refizesse o vigor
Da terra hiante, do animal cançado
Em praino abrasador.

Mandou que a brisa susurrasse amiga,
Roubando aroma á flôr;
Que os rochedos tivessem longa vida,
E os homens grato amor!

Oh! como é grande e bom o Deos que manda
Um sonho ao desgraçado,
Que vive agro viver entre miserias,
De ferros rodeado;

O Deos que manda ao infeliz que espere
Na sua providencia;
Que o justo durma, descançado e forte
Na sua consciencia!

Que o assassino de continuo vele,
Que trema de morrer;
Em quanto lá nos céos, o que foi morto,
Desfructa outro viver!

Oh! como é grande o Senhor Deos, que rege
A maquina estrellada;
Que ao triste dá prazer; descanço e vida
Á mente atribulada!

O ROMPER D'ALVA

Quand ta corde n'aurait qu'un son,
Harpe fidèle, chante encore
Le Dieu que ma jeunesse adore,
Car c'est un hymne que son nom.

LAMARTINE.

Do vento o rijo sopro as mansas ondas
Varreu do immenso pégo, — e o mar rugindo

Ás nuvens se elevou com furia insana;
Ennovelladas vagas se arrojárão
Ao céo co'a branca espuma!
Raivando em vão se encontrão soluçando
Na base d'erma rocha descalvada;
Em vão de furias crescem, que se quebra
A força enorme do impotente orgulho
Na rocha altiva ou na arenosa praia.
Da tormenta o furor lhe accende os brios,
Da tormenta o furor lh'enfreia as iras,
Que em teimosos gemidos se descerrão,
Da quieta noite despertando os echos
Além, no valle humilde, onde não chega
Seu sanhudo gemer, que o dia abafa.

Mas a brisa susurrando
A face do céo varreu,
Tristes nuvens espalhando,
Que a noite em ondas verteu.

Além, atraz da montanha,
Branda luz se patenteia,
Que d'alma a dôr afugenta,
Se dentro sentida anceia.

Branda luz, que afaga a vista,
De que se ama o céo tingir,
Quando entre o azul transparente
Parece alegre sorrir;

Como es linda! — Como dobras
Da vida a força e do amor!
— Que tão bem luz d'entre d'alma
Teu luzir encantador!

No teu ameno silencio
A tormenta se perdeu,
E do mar a forte vida
Nos abysmos se escondeu!

Porque assim de novo agora
Que o vento o não vem toldar,
Parece que vai queixoso
Mansamente a soluçar?

Porque as ramas do arvoredo,
Bem como as ondas do mar,
Sem correr sopro de vento,
Começão de murmurar?

Sobre o tapiz d'alta relva,
— Rocio da madrugada —
Destilla gotas de orvalho
A verde folha inclinada.

Renascida a natureza
Parece sentir amor;
Mais brilhante, mais viçosa
O calix levanta a flôr.

Por entre as ramas occultas,
Docemente a gorgear,
Acordão trinando as aves,
Alegres, no seu trinar.

O arvoredo n'essa lingoa
Que diz, porque assim susurra?
Que diz o cantar das aves?
Que diz o mar que murmura?

— Dizem um nome sublime,
O nome do que é Senhor,
Um nome que os anjos dizem,
O nome do Creador.

Tambem eu, Senhor, direi
Teu nome — do coração,
E ajuntarei o meu hymno
Ao hymno da creação.

Quando a dôr meu peito acanha,
Quando me rala a afflicção,
Quando nem tenho na terra
Mesquinha consolação;

Tu, Senhor, do peso insano,
Livras meu peito arquejante,
Seccas-me o pranto que os olhos
Vertendo estão abundante.

Tu pacificas minha alma,
Quando se rasga com pena,
Como a noite que se esconde
Na luz da manhã serena.

Tu és a luz do universo,
Tu és o ser creador,
Tu és o amor, és a vida.
Tu és meu Deos, meu Senhor.

Direi nas sombras da noite,
Direi ao romper da aurora :
— Tu és o Deos do universo,
O Deos que minha alma adora.

Tambem eu, Senhor, direi
Teu nome — do coração,
E ajuntarei o meu hymno
Ao hymno da creação.

A TARDE

Ave Maria! blessed be the hour!
The time, the clime, the spot where I so oft
Have felt that moment in its fullest power
Sink o'er the earth so beautiful and soft....

BYRON.

Oh! tarde, oh! bella tarde, oh! meus amores,
Mãe da meditação, meu doce encanto;
Os rogos da minha alma emfim ouviste,
E grato refrigerio vens trazer-lhe
No teu remansear prenhe de enlevos!
Emquanto de te ver gostão meus olhos,
Emquanto sinto a minha voz nos labios,
Emquanto a morte me não rouba á vida,
Um hymno em teu louvor minha alma exhale,
Oh! tarde, oh! bella tarde, oh! meus amores!

I

É bella a noite, quando grave estende
Sobre a terra dormente o negro manto
De brilhantes estrellas recamado;
Mas nessa escuridão, nesse silencio
Que ella comsigo traz, ha um quê de horrivel

Que espanta e desespera e geme n'alma;
Um quê de triste que nos lembra a morte!
No romper d'alva ha tanto amor, tal vida,
Ha tantas côres, brilhantismo e pompa,
Que fascina, que attrahe, que a amar convida;
Não póde supportal-a homem que soffre,
Orfãos de coração, não podem vel-a.

Só tu, feliz, só tu, a todos prendes!
A mente, o coração, sentidos, olhos,
A ledice e a dôr, o pranto e o riso,
Folgão de te avistar; — são teus, — és d'elles
Homem que sente dôr folga comtigo,
Homem que tem prazer folga de ver-te!
Comtigo sympathisão, porque és bella,
Qu'és mãe de merencorios pensamentos,
Entre os céus e a terra extasis doce,
Entre dôr e prazer celeste arroubo.

II

A brisa que murmura na folhagem,
As aves que pipitão docemente,
A estrella que desponta, que rutila,
Com duvidosa luz ferindo os mares,
O sol que vai nas agoas sepultar-se
Tingindo o azul dos céus de branco e d'oiro;
Perfumes, murmurar, vapores, brisa,
Estrellas, céus e mar, e sol e terra,
Tudo existe comtigo, e tu és tudo.

III

Homem que vive agro viver de côrte,
Indifferente olhar derrama a custo
Sobre os fulgores teus; — homem do mundo
Mal póde o desbotado pensamento
Revolver sobre o pó; mas nunca, oh, nunca!
Ha de elevar-se a Deus, e nunca hade elle
Na abobada celeste ir pendurar-se,
Como de rosea flôr pendente abelha.
Homem da natureza, esse contemple
De purpura tingir a luz que morre
As nuvens lá no occaso vacillantes!
Ha de vida melhor sentir no peito,
Sentir doce prazer sorrir-lhe n'alma,
E fonte de ternura inexgotavel,
Do fundo coração brotar-lhe em ondas.

Hora do pôr do sol! — hora fagueira,
Qu'encerras tanto amor, tristeza tanta!
Quem ha que de te ver não sinta enlevos,
Quem ha na terra que não sinta as fibras
Todas do coração pulsar-lhe amigas,
Quando d'esse teu manto as pardas franjas,
Sóltas, roçando a habitação dos homens?
Ha hi prazer tamanho que embriaga,
Ha hi prazer tão puro, que parece
Haver anjos dos céus com seus acordes
A misera existencia acalentado!

IV

Socia do forasteiro, tu, saudade,
N'esta hora os teus espinhos mas pungentes
Cravas no coração do que anda errante.
Só elle, o peregrino, onde acolher-se,
Não tem tugurio seu, nem pai, nem 'sposa,
Ninguem que o espere com sorrir nos labios
E paz no coração, — ninguem que extranhe,
Que anceie afflicto de o não ver comsigo!
Cravas então, saudade, os teus espinhos;
E elles, tão pungentes, tão agudos,
Varando o coração de um lado a outro,
Nem trazem dôr, nem desespero incitão;
Mas remanso de dôr, mas um suave
Recordar do passado, — um quê de triste
Que ri ao coração, chamando aos olhos,
Tão espontaneo, tão fagueiro pranto,
Que não fôra prazer não derramal-o.

E quem — ah, tão feliz! — quem peregrino
Sobre a terra não foi? Quem sempre ha visto
Sereno e brando deslisar-se o fumo
Sobre o tecto dos seus; e sobre os cumes
Que os seus olhos hão visto á luz primeira
Crescer branca neblina que se enrola,
Como incenso que aos céus a terra envia?
Tão feliz! quando a morte envolta em pranto
Com gelado suor lh'enerva os membros,
Procura inda outra mão co'a mão sem vida,
E o extremo scintillar dos olhos baços,

De um ente amado procurando os olhos,
Sem prazer, mas sem dôr, alli se apaga.

O exilado! esse não; tão só na vida,
Como no passamento ermo e sósinho,
Sente dôres crueis, torvos pezares
Do leito afflicto esvoaçar-lhe em torno,
Roçar-lhe o frio, o pallido semblante,
E o instante derradeiro amargurar-lhe.

Porém, no meu passar da vida á morte,
Possa co'a extrema luz d'estes meus olhos
Trocar ultimo adeos com os teus fulgores!
Ah! possa o teu alento perfumado,
Do que na terra estimo, docemente
Minha alma separar, e derramal-a
Como um vago perfume aos pés do Eterno.

O TEMPLO

... Jéhovah déploie autour de nos demeures
Le linceul de la nuit, et la chaîne des heures
Tombe anneau par anneau.

TURQUETY.

I

Estou só n'este mudo sanctuario,
Eu só, com minha dôr, com minhas penas!
E o pranto nos meus olhos represado,
Que nunca vio correr humana vista,
Livremente o derramo aos pés de Christo,
Que tambem suspirou, gemeu sósinho,
Que tambem padeceu sem ter conforto,
Como eu padeço, e soffro, e gemo, e choro.

Remorso não me punge a consciencia,
Vergonha não me tinge a côr do rosto,
Nem crimes perpetrei : — porque assim choro?
E direi eu porque? — Antes meu berço,
Que vagidos de infante vividouro,
Os sons finaes de um moribundo ouvisse!
Que esperanças que eu tinha tão formosas,
Que mimosos enlevos de ternura,
Não continha minha alma toda amores!
Esperanças e amor, que é feito d'elles?
Um dia me roubava uma esperança,
E sósinho, uma e uma, me deixárão.
Morrêrão todas, como folhas verdes
Que em principios do inverno o vento arranca.

E o amor! — podia eu sentil-o ao menos,
Quando eu via a desdita de bem perto
Co' um sorriso infernal no rosto esqualido,
Com fome e frio a tiritar demente,
Acenando-me infausta? — quando vinda
Minha hora já sentia, em que os meus labios,
Tremendo de vergonha, soluçassem
Ao f'liz com que eu na rua deparasse,
De mãos erguidas : Meu Senhor, piedade!
Eis porque soffro assim, porque assim gemo,
Porque meu rosto pallido se encova,
Porque sómente a dôr me ri nos labios,
Porque meu coração já todo é cinzas.

Menti, Senhor, menti! — porque te adoro.
No altar profano de belleza esquiva
Não queimo incenso vão; tu só me occupas
O coração que eu fiz hostia sagrada,

Apuro de elevados sentimentos,
Que o teu amor sómente asilão, nutrem.
Quando ao sopé da cruz me chego afflicto,
Sinto que o meu soffrer se vae mingoando,
Sinto minha alma que de novo existe,
Sinto meu coração arder em chammas,
Arder meus labios ao dizer teu nome.
Assim a cada aurora, a cada noite,
Virei consolações beber sedento
Aos pés do meu Senhor; — virei meu peito
Encher de religião, de amor, de fogo,
Que além de infindos céos minha alma exalte.

II

Quem me dera nas azas d'este vento,
Que agora tão saudoso aqui murmura,
Agitando as cortinas, que me encobrem
Do teu rosto o fulgor, que me não cegue,
Subir além dos sóes, além das nuvens
Ao teu throno, ó meu Deos; ou quem me désse
Ser este incenso que se arroja em ondas
A subir, a crescer, em rolo, em fumo,
Até perder-se na amplidão dos ares!
Não qu'ria aqui viver! — Quando eu padeço,
Surdez fingida á minha voz responde;
Não tenho voz de amor, que me console,
Corre o meu pranto sobre terra ingrata,
E dôr mortal meu coração fragôa.
Só tu, Senhor, só tu, no meu deserto
Escutas minha voz que te supplica;
Só tu nutres minha alma de esperança;

Só tu, ó meu Senhor, em mim derramas
Torrentes de harmonia, que me abrasão.
Qual orgão, que resôa mavioso,
Quando segura mão lhe opprime as teclas,
Assim minha alma, quando a ti se achega,
Hymnos de ardente amor disfere grata :
E, quando mais serena ainda conserva
Effluvios d'este canto, que me guia
No caminho da vida aspero e duro.
Assim por muito tempo reboando
Vão no recinto do sagrado templo
Sons, que o orgão soltou, que o ouvido escuta.

TE DEUM

Nós, Senhor, nós te louvamos,
Nós, Senhor, te confessamos.

Senhor Deos Sabbaoth, tres vezes santo,
Immenso é o teu poder, tua força immensa,
Teus prodigios sem conta ; — e os céus e a terra
Teu ser e nome e gloria preconisão.

E o archanjo forte, e o serafim sem mancha,
E o côro dos prophetas, e dos martyres
A turba eleita — a ti, Senhor, proclamão
Senhor Deos Sabbaoth, tres vezes santo.

Na innocencia do infante és tu quem fallas;
A belleza, o pudor — és tu que as gravas
Nas faces da mulher, — és tu que ao velho
Prudencia dás, — e o que verdade e força
Nos puros labios, do que é justo, imprimes.

És tu quem dás rumor á quieta noite,
És tu quem dás frescor á mansa brisa,
Quem dás fulgor ao raio, azas ao vento,
Quem na voz do trovão longe rouquejas.

És tu que do oceano á furia insana
Pões limites e cobro, — és tu que a terra
No seu vôo equilibras, — quem dos astros
Governas a harmonia, como notas
Acordes, simultaneas, palpitando
Nas cordas d'Harpa do teu Rei Propheta,
Quando elle em teu louvor hymnos soltava,
Qu' ião, cheios de amor, beijar teu solio.

Oh! Santo! Santo! Santo! — teus prodigios
São grandes, como os astros, — são immensos,
Como arêa delgada em quadra estiva.

E o archanjo forte, e o serafim sem mancha,
E o côro dos prophetas, e dos martyres
A turba eleita — a ti, Senhor, proclamão,
Senhor Deos Sabbaoth, tres vezes grande.

ADEOS

AOS MEUS AMIGOS DO MARANHÃO

Meus amigos, Adeos! Já no horizonte
O fulgor da manhã se empurpurece :
É puro e branco o céu, — as ondas mansas
— Favoravel a brisa; — irei de novo
Sorver o ar purissimo das ondas,

E na vasta amplidão dos céus e mares
De vago imaginar embriagar-me!
Meus amigos, Adeos! — Verei fulgindo
A lua em campo azul, e o sol no occaso
Tingir de fogo a implacidez das agoas;
Verei horridas trevas lento e lento
Descerem, como um crepe funerario
Em negro esquife, onde repoisa a morte;
Verei a tempestade quando alarga
As negras azas de bulcões, e as vagas
Soberbas encastella, esporeando
O curto bojo de ligeiro barco,
Que geme, e ruge, e empina-se insoffrido
Galgando os escarcéos, — bem larga esteira
De phosphoro e de luz traz si deixando:
Generoso corcel, que sente as cruzes
Agudas de teimosos acicates
Lacerarem-lhe rábidas o ventre.

Inda uma vez, Adeos! Curtos instantes
De ineffavel prazer — horas bem curtas
De ventura e de paz frui comvosco:
Oasis que encontrei no meu deserto,
Tepido valle entre fragosas serras
Virente derramado, foi a quadra
Da minha vida, que passei comvosco.
Aqui de quanto amei, do que hei soffrido,
De tudo quanto almejo, espero, ou temo
Deslembrado vivi! — Oh! quem me dera
Que entre vós outros me alvejasse a fronte,
E que eu morresse entre vós! Mas força occulta,
Irresistivel, me persegue e impelle.
Qual folha instavel em ventoso estio

Do vento ao sopro a esvoaçar sem custo;
Assim vou eu sem tino, — aqui pégadas
Mal firmes assentando — além pedaços
De mim mesmo deixando. Na floresta
O lasso viandante extraviado
Por todo o verde bosque estende os olhos,
E cançado esmorece, — cáe, medita,
Respira mais de espaço, cobra alento,
E nas soidões de novo eil-o se entranha.
Vestigios mal seguros sopra o vento,
Ou nivella-os a chuva, ou relva os cobre :
Talvez que folhas asperas de arbusto
Mordão vellos da tunica, e denotem
(Duvida o viajor, que os vê com pasmo)
Que errante caminheiro alli passasse.

E eu parti! — Não chorei, que do meu pranto
A larga fonte jaz de ha muito exhausta;
Ha muito que os meus olhos não gotejão
O repassado fel d'acre amargura;
E o pranto no meu peito represado
Em cinza o coração me ha convertido.
É assim que um volcão se torna fonte
De lympha amarga e quente; e a fonte em ermo,
Onde não crescem perfumadas flôres,
Nem tenras aves seus gorgeios soltão,
Nem triste viajor encontra abrigo.

Rasgado o coração de pena acerba,
Transido de afflicções, cheio de mágoa,
Miserando parti! tal quando reprobo,
Adão, cobrindo os olhos co'as mãos ambas,
Em meio á sua dôr só descobria

Do Archanjo os candidissimos vestidos,
E os lampejos da espada fulminante,
Que o Eden tão mimoso lhe vedava.

Porém quando algum dia o colorido
Das vivas illusões, que inda conservo,
Sem força esmorecer, e as tão viçosas
Esp'ranças, que eu educo, se afundarem
Em mar de desenganos : — a desgraça
Do naufragio da vida ha de arrojar-me
Á praia tão querida, que ora deixo.
Tal parte o desterrado : um dia as vagas
Hão de os seus restos regeitar na praia,
D'onde tão novo se partíra, e onde
Procura a cinza fria achar jazigo.

A LUA

> Figlia del ciel, sei bella!
> Me verrà notte ancor, che tu, tu stessa
> Cadrai per sempre, e lascierai nel cielo
> Il tuo azzuro sentier!
>
> CESAROTTI.

Salve, ó Lua candida,
Que traz dos altos montes
Erguendo a fronte pallida,
Dos negros horisontes
As sombras melancolicas
Vens ora afugentar!
Salve, ó astro fulgido,
Que brilhas docemente,

Melhor que o lume tremulo
D'estrella inquieta, ardente,
Melhor que o brilho esplendido
Do sol ferindo o mar!

Salve, ó reflexo tenue
Da eterna luz preclara
Nas nossas noites horridas;
Qual sol que em lympha clara
Desponta os raios vividos,
Em tarja multicor;
És como a virgem púdica,
Que amor no peito encerra:
Mas só, mas solitaria.
Vagando aqui na terra,
Triplica o sello mystico
De não sabido amor!

Eu te amo, ó Lua candida,
No giro somnolento,
E o teu cortejo madido
De estrellas, e do vento
O sopro merencorio,
Que á noite dá frescor.
Por teus inflexos magicos
Minha alma aos sons do canto
Revive; e os olhos humidos
Gotejão triste pranto,
Que orvalha a chaga tepido,
Que mingua a antiga dôr!

Em gelido sudario
De neve alvi-nitente,
Por terras vi longinquas,

Durante a noite algente,
A tua luz benefica
Luzir meiga no céo.
Nos mares solitarios
Tambem a vi! — nas vagas
Brincava o lume argenteo,
Cantava o nauta as magas
Canções, no voluntario,
Cançado exilio seo!

Tambem a vi na limpida
Corrente vagarosa;
Tambem nas densas arvores
De selva magestosa,
Coando os raios lubricos
No lobrego palmar.

E eu só e melancolico
Sentado ao pé da veia,
Que a deslisar-se timida
Beijava a branca areia;
Ou já na sombra tetrica
Da mata secular;

Em devaneio placido
Velava, emquanto via
Ao longe — os altos pincaros
Da negra serrania,
— Disformes atalaias,
Que sempre alli serão!
No rórido silencio
Minha alma se exaltava;
E das visões phantasticas,

Que a lua desenhava,
Seguia os traços aureos,
Tremendo em negro chão!

Pensava ledo, improvido,
Até que de repente
Da minha vida misera
Se me antolhava á mente
A quadra breve e rapida
Do malfadado amor.
Então fugia attonito
O bosque, a selva, a fonte,
E as sombras, e o silencio;
Bem como o cervo insonte.
Que ás setas foge pavido
Do fero caçador!

Salve, ó astro fulgido,
Que brilhas docemente,
Melhor que o lume tremulo
D'estrella inquieta, ardente,
Melhor que o brilho esplendido
Do sol ferindo o mar.
Eu te amo, ó Lua pallida,
Vagando em noite bella,
Rompendo as nuvens turbidas
Da rispida procella;
Eu te amo até nas lagrimas
Que fazes derramar.

A NOITE

Noite, melhor que o dia, quem não te ama !
Quem não vive mais brando em teu regaço !
FILINTO.

Eu amo a noite solitaria e muda,
Quando no vasto céu fitando os olhos,
Além do escuro, que lhe tinge a face,
Alcanço deslumbrado
Milhões de sóes a divagar no espaço,
Como em salas de esplendido banquete
Mil tochas aromaticas ardendo
Entre nuvens d'incenso!

Eu amo a noite taciturna e quêda !
Amo a doce mudez que ella derrama,
E a fresca aragem pelas densas folhas
Do bosque murmurando ·
Então, máo grado o véo que envolve a terra,
A vista do que vela enxerga mundos,
E apezar do silencio, o ouvido escuta
Notas de ethereas harpas.

Eu amo a noite taciturna e quêda !
Então parece que da vida as fontes
Mais faceis correm, mais sonoras soão,
Mais fundas se abrem;
Então parece que mais pura a brisa
Corre, — que então mais funda e leve a fonte
Mana, — e que os sons então mais doce e triste
Da musica se espargem.

O peito aspira sofrego ar de vida,
Que da terra não é; qual flôr nocturna,
Que bebe orvalho, elle se embebe e ensópa
Em extasis de amor:
Mais direitas então, mais puras devem,
Calada a natureza, a terra e os homens,
Subir as orações aos pés do Eterno
Para afagar-lhe o throno!

Assim é que no templo magestoso
Rebôa pela nave o som mais alto,
Quando o sacro instrumento quebra a augusta
Mudez do sanctuario;
Assim é que o incenso mais direito
Se eleva na capella que o resguarda,
E na chave do abobada topando,
Como um docel, se espraia.

Eu amo a noite solitaria e muda;
Como formosa dona em regios paços,
Trajando ao mesmo tempo luto e galas
Magestosa e sentida;
Se no dó attentais, de que se enluta,
Certo sentís pezar de a ver tão triste;
Se o rosto lhe fitais, sentís deleite
De a ver tão bella e grave!

Considerai porém o nobre aspecto,
E o porte, e o garbo senhoril e altivo,
E as fallas poucas, e o olhar sob'rano,
E a fronte levantada:
No silencio que a véste, adorna e honra,
Conhecendo por fim quanto ella é grande,
Com voz humilde a saudareis rainha
Curvado e respeitoso.

Eu amo a noite solitaria e muda,
Quando, bem como em salas de banquete
Mil tochas aromaticas ardendo,
Girão fúlgidos astros!
Eu amo o leve odor que ella diffunde,
E o rorante frescor cahindo em per'las,
E a magica mudez que tanto falla,
E as sombras transparentes!

Oh! quando sobre a terra ella se estende,
Como em praia arenosa mansa vaga;
Ou quando, como a flôr d'entre o seu musgo,
A aurora desabrocha;
Mais forte e pura a voz humana sôa,
E mais se accórda ao hymno harmonioso,
Que a natureza sem cessar repete,
E Deos gostoso escuta.

A TEMPESTADE

Fervescere faciet, quasi ollam, profundum mare.
JOB, 41, 22.

I

De côr azul brilhante o espaço immenso
Cobre-se inteiro; o sol vivo luzindo
Do bosque a verde coma esmalta e doira,
E na corrente dardejando a prumo
Scintilla e fulge em laminas doiradas.
Tudo é luz, tudo vida, e tudo côres!
Nos céos um ponto só negreja escuro!

Eis que das partes, onde o sol se esconde,
Brilha um clarão fugaz pallido e breve :
Outro vem apoz elle, inda outro, muitos;
Succedem-se frequentes, — mais frequentes,
Assumem côr mais viva, — inda mais viva,
E em breve espaço conquistando os ares
Os horisontes co'o fulgir roxeião.

Qual mancha d'oleo em tela assetinada
Que os fios todos lhe repassa e embebe ;
Ou qual abutre do palacio aéreo
Tombando acinte, — no descer sem azas
Um ponto só, — até que em meia altura
Abrindo-as, paira magestoso e horrendo,
Assim o negro ponto avulta e cresce,
E a cupola dos céos de côr medonha
Tinge, e os céos alastra, e o espaço occupa.
A abobada de trevas fabricada
Descança em capiteis de fogo ardente !

De quando em quando o vento na floresta
Silva e ruge, e morre; e o vento ao longe
Rouqueja, e brama, e cava-se empolado,
E aos pincaros da rocha ennegrecida
De iroso e mal soffrido a espuma arroja !
Raivoso turbilhão comsigo arrastra
O argueiro, a folha em vortice espantoso ;
No valle arranca a flôr, sacode os troncos,
Na serra abala a rocha, e move as pedras,
No mar os vagalhões incita e cruza.

II

Os sons da tempestade ao longe escuto!
Concentra a natureza os seus esforços
Primeiro que entre em luta; não lampeja
Invio fogo nos céos; não sopra o vento:
É tudo escuridão, silencio e trevas!
Sómente o mar de soluçar não cessa,
Nem de rugir as ramas buliçosas,
Nem de soar confuso borborinho,
Incompr'ensivel, como que sem causa,
Immenso como o echo de mil vozes
No céo de extensa gruta repulsando.

Silencio! perto vem a tempestade!
Gravidas nuvens de fataes coriscos,
Sem rumo, como náo em mar desfeito,
Em muda escuridão negros phantasmas,
Indistinctos, sem fórma,—ondulão, jogão.
Logo poder occulto impelle as nuvens,
Attrahem-se os castellos tenebrosos,
Embatem-se nos ares, — brilha o raio,
E o ronco do trovão após ribomba!

III

Ruge e brame, sublime tempestade!
Desprende as azas do tufão que enfreias
Despega os élos do veloz corisco
E as nuvens rasga em rubidas cratéras.
Os fuzis da cadeia temerosa
Desfaz e quebra; e o espaço e as nuvens

Do teu açoite aos lategos bramindo,
Occupem de pavor os céos e a terra.
Ruge, e o teu poder mostra rugindo;
Que assim por teu influxo me commoves,
Que todo me electrizas e me arroubas!

Qual foi Mazeppa no veloz ginete
Por desertos, por syrtes arenosas
Jungido e preso e attonito levado;
Assim minha alma sobe e vai comtigo,
E vinga os teus palacios mais subidos,
Contempla os teus horrores, e dos astros
No prazer, que lhe dás, toda embebida,
Máo grado teu horror, folga comtigo!
Pareceu que alli tem a régia c'rôa
Que o feliz condemnado achou na Ukraina.
Ah! ruge, ruge embora, ó tempestade!

IV

Enfim descendo a chuva copiosa
Nuvens, bulcões desfaz; os rios crescem,
De perolas a relva se matiza,
O céo de puro azul todo se arreia,
Sorri-se a natureza, e o sol rutila!

V

Assim, meu Deus, assim será no dia,
Do final julgamento, quando o anjo
Soprar a trompa que desfez os muros
De Jerichó soberba!

O mar sobrepujando os seus limites,
Com roncos temerosos, nunca ouvidos,
Virá para sorver, com furia brava,
Ilhas e continentes.

O sol, perdendo o brilho e a natureza,
Não luz, mas puro fogo, ha de accender-se,
Como o fogo sagrado, que se prende
Nas cortinas do templo.

Os orbes, dos seus eixos desmontados,
No abysmo hão de cahir com grande estrondo,
E, redomas de vidro, hão de partir-se
Em pedaços sem conto.

Do abysmo as solidões hão de acordar-se!
Flammivomos vapores condensados,
Té nós, e além de nós, hão de elevar-se
Em pavoroso incendio.

O ar ha de accender-se, a terra em fogo
Tornar-se como o ferro ardendo em fragoa.
Coalhar-se o mar e em aspera seccura
Converterem-se as ondas.

E nesta confusão de fumo e chammas,
Neste cháos, que a mente mal alcança,
Quando nada existir de quanto existe,
Será vencida a morte (1).

---

(1) Ero mors tua, o mors!

OSEAS.

Logo a um só dizer do Omnipotente,
O pó segunda vez ha de animar-se,
E os mortos, mal soffrendo a luz da vida,
    Attonitos, pasmados,

Hão de erguer-se na campa, inteiros, vivos,
E como Adão, a tactear os membros,
Estranhos á existencia já vivida,
    Perguntarão : Quem somos?

Então, Senhor, então, — tu o disseste —
Virás cheio de gloria e magestade,
Em solio de luzeiros resplendente,
    E em celeste cortejo!

Virás, sol da justiça, em fins do mundo
Acalmar a procella, e quando aos mortos
Disseres tu quem és, — lembrar-nos-hemos,
    Senhor, do que já fomos (1).

Feliz então quem só viveu comtigo,
Quem n'ancora da fé prendeu sua alma,
Quem só em ti fundou sua esperança,
    Pequeno e humilde (2)!

Feliz então quem tua lei guardando,
Seus passos graduou nos teus caminhos;
Quem dia e noite revolveu comsigo
    Como aplacar-te.

---

(1) Orietur vobis sol justitiæ.

MALACH.

(2) Nisi efficiamini sicut parvuli, non intrabitis in regnum cœlorum.

MATH.

O MEU SEPULCHRO

Élève-toi, mon âme, au-dessus de toi-même,
Voici l'épreuve de ta foi!
Que l'impie, assistant à ton heure suprême,
Ne dise pas : Voyez, il tremble comme moi!
LAMARTINE. — *Harmonies.*

Quando, os olhos cerrando á luz da vida,
O extremo adeus soltar ás esperanças
Que na terra nos guião, nos confortão,
E espação do porvir a senda estreita ;
Quando, isento de miseros cuidados,
Disser adeus ás illusões douradas,
Mas com ellas tambem ás dôres cruas
Da existencia — aos espinhos ponteagudos,
Com que a verdade o coração nos roça ;
Quando tocada não sentir minha alma
Da luz, dos sons, das côres, das magias,
Que a natureza prodiga derrama
No regaço da terra — mais ditoso
Serei acaso então ? — Quando o meu corpo
Á terra, mãe commum, pedindo abrigo
Dos sepulchros no valle em paz descance;
Hei de ser mais feliz porque m'o cobre
Pomposo mausoléu, em vez da pedra
Sem nome, em vez do tumulo de céspedes,
Que s'ergue junto á estrada, e ao viandante,
Ao que alli passa, uma oração supplica ?
Oh ! não ! — ao encalmado é grata a sombra;
Grato descanço aos membros fatigados
Presta igualmente a relva das campinas
E os torrões pelo sol enrijecidos.

Como o trabalhador que a sésta aguarda,
O meu termo fatal sem medo espero!
Eu então pedirei silencio á morte,
E fresca sombra á sepultura humilde,
Que me receba, — e a cuja superficie
Morrão sem echo da existencia as vagas.

Humilde seja embora! Que m'importa
Que a mão d'habil artista me não talhe
Mentiroso epitaphio em preto marmor!
O moimento faustoso, que se erige,
Arranco da vaidade, sobre a campa
De um corpo transitorio, acaso empece
Aos que alli pascem, vermes esfaimados,
De roerem-lhe as visceras?! — Solemnes
São da campa os mysterios; mas terrivel
É da morte a rasoura, que nivela
O rico ao pobre, e os berços differentes
Torna um féretro, um leito de Procusto,
Capaz de quanta dôr os homens soffrem:
Tão depressa o cadaver se corrompe
Nas amplas dobras do velludo envolto,
Como embrulhado na mortalha exigua,
Que a religiosa caridade amiga,
O pudor dos sepulchros venerando,
Lança do pobre aos restos desprezados.

Os felizes do mundo, acobardados
Ante a imagem da morte, que os assalta,
Temem deixar a terra, onde tranquilla,
Quasi livre de dôr, entre delicias,
Como um rio caudal lhes corre a vida,
Horrorisão-se timidos, — supplicão

Á cruel, que os não leve, que os não roube
Á senda matizada, onde os seus passos
Deslisão-se macios — ás caricias
D'um seio que lhes presta brando encosto.
O fio da esperança os liga forte
A um corpo que declina, como os lios
De enrediça tenaz prendida á copa
D'uma arvore comida : amedrontados,
Como das fauces negras d'um abysmo,
Do pavoroso tumulo recuão.

Mas eu, que vago sôlto, como a folha,
Como o fumo subtil; que não limito
Nos terminos da terra os meus desejos,
Folgo de vêr os renques dos sepulchros
No chão da morte largamente esparsos !
Quasi me alegra vel-os. Tal no exilio
Contempla á beira-mar o degradado
Devolverem-se as vagas, — e saudoso
Da patria sua tão distante — as conta;
Uma por uma as interroga, e pensa
Qual d'aquellas será que o leve e atire,
Naufrago embora e semi-morto, ás praias,
Por que chorão seus olhos. — No desterro
Me contemplo tambem, — como elle, choro
A patria, o íman dos meus sonhos gratos.
Abra-se funda a cova ante os meus passos :
Um só delles da morte me separe!...
E esse passo andarei, como quem pisa,
Depois de viajar remotos climas,
O patrio solo, e as auras perfumadas
Do bosque, amigo seu na leda infancia,
Bebe de novo, e de as gozar se applaude.

Hora do passamento! és da existencia
O momento mais santo, o mais solemne.
Assim o rubro sol, quando no occaso
Em turbilhões de purpura se afunda,
Nos morredouros, despontados raios
Saudoso, extremo adeos á terra envia;
Tal o esposo se aparta suspiroso
E nas azas da brisa manda um beijo
Á esposa, que de o ver partir se enluta,
Rôla que vaga na amplidão das selvas.

Cheio de melancholica incerteza,
Dir-te-hei: bem vinda, — ô morte! quando os olhos
Voltar atraz na percorrida estrada;
E chorarei talvez, como quem deixa
O carcere medonho, onde engastada
Nas escaras da dôr gemeu sua alma
Largos annos de antigo soffrimento;
O carcer qu'inda as lagrimas lhe verte
Das humidas paredes, cujos echos
Inda parecem, na soidão da noite,
Repetir seus tristissimos accentos.

Oh! quão formosa a vida se revela
A quem já bate ás portas do infinito,
Encostado aos umbraes da eternidade,
A vez extrema contemplando o mundo!
A folha já mirrada, a pedra sôlta,
A flôr agreste, a fonte que murmura
E as cantoras do céo, as ledas aves
De variado esmalte, e as suspirosas
Brisas da noite e as do romper da aurora,
A estrella, o sol, o mar, o céo, a terra,

A planta, os animaes, tudo então vive,
Tudo comnosco sympathisa, — tudo,
Como orchestra afinada por nossa alma,
Acorde aos nossos sentimentos vibra,
Revelando ao que morre os fins da vida.
Dalli melhor compr'hende-se a existencia,
Mais vasta perspectiva se desdobra
Ante os olhos, que a extrema vez lampejão:
E as scenas que a illusão junca de flôres,
Que o desejo nos mostra, que nos pinta
Cubiçoso, irisante, — que a esperança
Fugaz de varios modos nos matiza;
Gloria, ambição, prazer, fallaz ventura,
Tudo se olvida e apaga — semelhante
Á fugitiva estrella ou clarão breve
D'um relampago estivo, que um momento
Se mostra e fulge, logo immerso em trevas.

Que importa que eu não tenha uma só c'rôa,
Um mirrado laurel, uma só folha,
Que ás novas gerações diga o meu nome
E sollicite as attenções futuras?
Sou como o passarinho, quando passa
Á flôr de um lago e a sombra vacillante
No liquido crystal debalde estampa.
Ou semelhante ao viajor que bate
Da vida a estrada pulvurenta, e nota
Como os seus rastos mal impressos cobre
O pó que de seus passos se levanta.
Ah! que dos louros me não dóe a ausencia
Mas de lagrimas, sim, que me orvalhassem
A sepultura humilde, — a cujas gotas
Meus ossos de prazer estremecidos

De as sentir se alegrassem... — mas em troco
Dessa pia oblação, que tantas vezes
Mente ao finado, que as espera eterno,
As lagrimas terei da noite fria,
O fresco humor da chuva, que me eduquem
A agreste flôr, que a natureza obriga
A despontar na solitaria campa.

Ninguem virá com titubantes passos
E os olhos lacrimosos, procurando
O meu jazigo; e em falta de epitaphio,
« Elle aqui jaz! » o coração lhe diga,
E alli se curve então, fundos suspiros
Dando aos echos do funebre recinto,
Envoltos na oração que alegra os mortos.
Certo, ninguem virá; porém tão pouco
Ouvirei maldições, onde escondido,
Já pasto aos vermes, jazerá meu corpo.
Se deixo sobre a terra alguma offensa,
Se alguma vida exacerbei, se acaso
Alguma simples flôr trilhei passando;
Essas, depois d'eu morto convertidos
Os odios em piedade — « Em paz descança »
Dirão ante o meu tumulo, e voltando
A um lado o rosto, — deixarão dos olhos
Compassiva uma lagrima fugir-lhes!

Tu, Senhor, tu, meu Deos, tu me recebe
Na tua santa gloria: alarga as azas
Do teu santo perdão, que ao teu conspecto
Humilhado me sinto, como a grama,
Que o pé do viajor sem custo abate.
A ti volvo, ó Senhor, — bem como o filho,

Que ao sopro de paixões soltando as velas
Da juventude ardente, foge ao tecto
E ao lar paterno, onde por fim se acolhe,
Consumido o thesouro da innocencia,
Com rubor dos andrajos da pobreza,
Que o vexa, — para ver do pai o rosto,
Para escutar-lhe a voz, embora tenha
Sobre a cabeça a maldição pendente.

A HARMONIA

Os cantos cantados
Na eterna cidade
A só potestade
Da terra e dos céos,
São ledos concertos
D'infinda alegria;
Mas essa harmonia
Dos filhos de Deos
— Quem ouve? — Os archanjos,
Que ao Rei dos senhores
Entôão louvores,
Que vivem de amar.

E o giro perenne
Dos astros, dos mundos
Dos eixos profundos
No eterno volver;
Do cháos medonho
A triste harmonia,

Da noite sombria
No eterno jazer,
 — Quem ouve? — Os archanjos
 Que os astros regulão,
 Que as notas modulão
 Do eterno girar.

E as aves trinando,
E as féras rugindo,
E os ventos zunindo
Da noite no horror,
Tambem são concertos;
Mas esses rugidos
E tristes gemidos
E incerto rumor;
 — Quem ouve? — O poeta
 Que imita e suspira
 Nas cordas da lyra
 Mais doce cantar.

E as iras medonhas
Do mar alterado,
Ou manso e quebrado,
Sem rumo a vagar,
Tambem são concertos;
Mas essa harmonia
De tanta poesia,
Quem sabe escutar!
 — Quem sabe? — O poeta
 Que os tristes gemidos
 Concerta aos rugidos
 Das vagas do mar.

E os meigos accentos
D'uma alma afinada
E a voz repassada
D'interno chorar,
Tambem são concertos;
Mas essa harmonia,
Que Deos nos envia
No alheio penar,
Quem sente? — O que soffre,
Que a dôr embriaga,
Que triste se paga
D'interno pezar.

Se a meiga harmonia
Do céu vem á terra,
Um cantico encerra
De gloria e de amor;
Mas quando remonta,
Dos homens, das aves,
Das brisas suaves,
Do mar em furor,
São timidas queixas,
Que afflictas murmurão,
Que o throno procurão,
Do seu creador.

A TEMPESTADE

Quem porfiar comtigo... ousára
Da gloria o poderio;
Tu que fazes gemer pendido o cedro,
Turbar-se o claro rio?

A. HERCULANO.

Um raio
Fulgura
No espaço,
Esparso
De luz;
E trémulo
E puro
Se aviva,
S'esquiva,
Rutila,
Seduz!

Vem a aurora
Pressurosa,
Côr de rosa,
Que se córa
De carmim;
A seus raios
As estrellas,
Que erão bellas,
Tem desmaios,
Já por fim.

O sol desponta
Lá no horizonte,

Doirando a fonte,
E o prado e o monte
E o céu e o mar;
E um manto bello
De vivas côres
Adorna as flôres,
Que entre verdores
Se vê brilhar.
Um ponto apparece,
Que o dia entristece,
O céu, onde cresce,
De negro a tingir;
Oh! vêde a procella
Infrene, mas bella,
No ar s'encapella
Já prompta a rugir!

Não sólta a voz canora
No bosque o vate alado,
Que um canto d'inspirado
Tem sempre a cada aurora;
É mudo quanto habita
Da terra n'amplidão.
A coma então luzente
Se agita do arvorêdo,
E o vate um canto a mêdo
Desfere lentamente,
Sentindo oppresso o peito
De tanta inspiração.

Fogem do vento que ruge
As nuvens auri-nevadas,
Como ovelhas assustadas
D'um fero lobo cerval;

Estilhão-se como as velas
Que no alto mar apanha,
Ardendo na usada sanha,
Subitaneo vendaval.

Bem como serpentes que o frio
Em nós emmaranha, — salgadas
As ondas s'estanhão, pesadas
Batendo no frouxo areal.
Disseras que viras vagando
Nas furnas do céu entre-abertas
Que mudas fuzilão, — incertas
Fantasmas do genio do mal!

E no turgido occaso se avista
Entre a cinza que o céu apolvilha,
Um clarão momentaneo que brilha,
Sem das nuvens o seio rasgar;
Logo um raio scintilla e mais outro,
Ainda outro veloz, fascinante,
Qual centelha que em rapido instante
Se converte d'incendios em mar.

Um som longinquo cavernoso e ouco
Rouqueja, e n'amplidão do espaço morre;
Eis outro inda mais perto, inda mais rouco,
Que alpestres cimos mais veloz percorre,
Troveja, estoura, atrôa; e dentro em pouco
Do Norte ao Sul, — d'um ponto a outro corre;
Devorador incendio alastra os ares,
Emquanto a noite pesa sobre os mares.

Nos ultimos cimos dos montes erguidos
Já silva, já ruge do vento o pegão;

Estorcem-se os leques dos verdes palmares,
Volteião, rebramão, doudejão nos ares,
Até que lascados baqueião no chão.

Remeche-se a copa dos troncos altivos,
Transtorna-se, douda, baqueia tambem ;
E o vento, que as rochas abala no cerro,
Os troncos enlaça nas azas de ferro,
E atira-os raivoso dos montes além.

Da nuvem densa, que no espaço ondeia,
Rasga-se o negro bojo carregado,
E emquanto a luz do raio o sol roxeia,
Onde parece á terra estar collado,
Da chuva, que os sentidos nos enleia,
O forte peso em turbilhão mudado,
Das ruinas completa o grande estrago,
Parecendo mudar a terra em lago.

Inda ronca o trovão retumbante,
Inda o raio fuzila no espaço,
E o corisco n'um rapido instante
Brilha, fulge, rutila, e fugio.
Mas se á terra desceu, mirra o tronco,
Cega o triste que iroso ameaça,
E o penedo, que as nuvens devassa,
Como tronco sem viço partio.

Deixando a palhoça singela,
Humilde labor da pobreza,
Da nossa vaidosa grandeza,
Nivela os fastigios sem dó ;
E os templos e as grimpas soberbas,
Palacio ou mesquita preclara,
Que a foice do tempo poupára,
Em breves momentos é pó.

Cresce a chuva, os rios crescem,
Pobre regatos s'empolão,
E nas turvas ondas rolão
Grossos troncos a boiar!
O corrego, qu'inda ha pouco
No torrado leito ardia,
É já torrente bravia,
Que da praia arreda o mar.

Mas ai do desditoso,
Que vio crescer a enchente,
E desce descuidoso
Ao valle, quando sente
Crescer d'um lado e d'outro
O mar da alluvião!
Os troncos arrancados
Sem rumo vão boiantes;
E os tectos arrasados,
Inteiros, fluctuantes,
Dão antes crua morte,
Que asylo e protecção!

Porém no occidente
S'ergueu de repente
O arco luzente,
De Deos o pharol;
Succedem-se as côres,
Qu'imitão as flôres,
Que sembrão primores
D'um novo arrebol.

Nas aguas pousa;
E a base viva
De luz esquiva,

E a curva altiva
Sublima ao céo;
Inda outro arqueia,
Mais desbotado,
Quasi apagado,
Como embotado
De tenue véo.

Tal a chuva
Transparece,
Quando desce
E ainda vê-se
O sol luzir;
Como a virgem,
Que n'uma hora
Ri-se e córa,
Depois chora
E torna a rir.

A folha
Luzente
Do orvalho
Nitente
A gota
Retráe:
Vacilla,
Palpita;
Mais grossa,
Hesita,
E treme
E cáe.

NOTA

Á POESIA «RETRACTAÇÃO.»

Indesculpavel descuido seria deixar de mencionar o nome do Sr. D. Carlos Guido, a quem devo ter composto a poesia que tem por titulo: « Retractação. » Foi este o ensejo. Poucos dias depois de publicados os « Segundos Cantos, » recebi uma carta do Sr. Guido: era uma critica mas critica benevola, cheia de enthusiasmo, escripta sem pretenção alguma e ao correr da penna. Agradou-me, porque me agrada sempre conversar com os meus amigos, e era um amigo que me escrevia, um poeta talentoso, que então pela primeira vez se me revelava como tal, — joven enthusiasta, e cujo coração é como uma pedra de toque da mais exquisita sensibilidade.

Tendo percorrido com a sua analyse algumas das composições do meu 2º volume, accrescentava elle:

« Dir-se-hia que a sua *palinodia* é um chuveiro de pedras crystallizadas, agradaveis de se vêr, porque são prismas, que reflectem as mais pronunciadas, fortes e soberbas côres; porém que devião converter-se em instrumentos terriveis de vingança, quando chegassem até á mesquinha mulher, a quem fossem dirigidos, como um anathema fulminante.

« Se eu não tivesse tanta confiança nos instinctos do coração, que o levão a exhalar o seu amor só onde acha fogo, fidelidade e caricias, pensaria talvez que aquella mulher existe, e então eu faria ao poeta amargas reflexões sobre a crueldade de que usou para com ella. »

Aceitei a censura, e dirigindo-me ao Sr. Guido escrevi a Retractação, versos filhos d'aquelle momento, e inspirados pela leitura recente da sua carta. Se algum apreço delles faço na actualidade, é por ter feito vibrar a lyra doirada do poeta argentino. *Consuelo* foi o titulo que deu aos seus versos, e era effectivamente um canto de consolação e de esperança : perdi ha muito o autographo dos versos do Sr. Guido ; mas o sentido, a suavidade, a sentida sympathia do seu canto, esses me ficárão no coração. — Consolações e esperanças ! — Doces são, por certo, as lagrimas, que sobre nós derramão os olhos de um amigo, ainda que não acreditemos no raio de esperança, que elle s'esforça por entranhar em nossa alma. Efficazes fôrão as suas consolações ; mas ainda mal que os seus votos não tenhão de ser realizados nunca !

(1851)

FIM DO PRIMEIRO TOMO.

INDICE

DAS MATERIAS CONTIDAS NO PRIMEIRO TOMO

INTRODUCÇÃO.

Sobre a presente edição 5
Noticia sobre a vida e obras de Antonio Gonçalves Dias. 21

POESIAS DIVERSAS.

O soldado hespanhol 39
A leviana 51
A minha musa 52
Desejo 56
Seus olhos 57
Innocencia 59
Pedido 60
O Desengano 61
Minha vida e meus amores 63
Recordação 66
Tristeza 67
O Trovador 69
Amor! delirio — engano 74
Delirio 77
Epicedio 79

Soffrimento ... 81
Consolação nas lagrimas ... 83
Canção ... 84
Lyra ... 85
Agora e sempre ... 86
A Virgem ... 88
Rosa no mar ... 89
O Amor ... 92
Sempre ella ... 94
Mimosa e bella ... 96
As duas amigas ... 98
Sonho ... 100
Solidão ... 102
A um Poeta exilado ... 105
Palinodia ... 106
Os suspiros ... 110
Queixumes ... 112
Ao Anniversario de um casamento ... 116
Canto inaugural. — A memoria do Conego J. da C. Barbosa ... 118
Nenia á morte sentidissima do serenissimo principe o Sr. D. Pedro ... 121
Olhos verdes ... 125
Cumprimento de um voto ... 128
Lyra quebrada ... 130
A pastora ... 131
A infancia ... 134
Urge o tempo ... 138
Sobre o tumulo de um menino ... 139
Menina e moça ... 139
Como eu te amo ... 141
As duas corôas ... 144
Harpejos ... 146
Triste do Trovador ... 149
Velhice e mocidade ... 150
As flôres ... 156
O que mais dóe na vida ... 159
Flôr de belleza ... 161
O Anjo da harmonia ... 163
A Historia ... 165
A concha e a virgem ... 166
Sei amar ... 167
Ámanhã ... 168

Por um ai 170
Protesto — (Imitação de uma poesia javaneza) 172
Fadario 173
O assassino 176
A uns annos 178
Quando nas horas 179
Retractação 184
Anhelo 187
Que me pedes? 188
O Ciume 188
A Nuvem doirada 191
Sonho de virgem 192
Meu anjo, escuta 197
Os beijos 198
Desesperança 201
Se queres que eu sonhe 203
O Baile 205
Desalento 208
A queda de Satanaz 211
Canção de Bug-Jargal 213
Agar no deserto 216
Lagrimas sem dôr — e dôr com lagrimas 226
Miserrimus 229
O Donzel 233
Harmonias 237
Á desordem de Caxias (Anno de 1839) 241
Ao anniversario da independencia de Caxias 247

SAUDADES.

A minha irmã 251
O homem forte 258
Dies iræ 259
Espera 262
A saudade 263
Não me deixes 266
Zulmira 267
A uma poetisa 268
Angelina 269
Rôla 270
Ainda uma vez — adeos! 271
O somno 276

Se eu fosse querido 276
A flôr do amor 277
A sua voz 280
Se eu morresse de amor ! 282
A morte é varia 285
Do Hespanhol de Lope da Vega 287
Estancias 290
Canção 291
Soneto 291
Á minha Filha 292

Hymnos.

O Mar 295
Ideia de Deos 298
O romper d'alva 301
A tarde 305
O Templo 309
Te Deum 312
Adeos. Aos meus amigos do Maranhão 313
A Lua 316
A Noite 320
A Tempestade 322
O meu Sepulchro 328
A harmonia 334
A tempestade 337
Nota 343

Paris. — Imp. Paul Dupont (Cl.) 89.7.1910